FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 5 DE SETEMBRO DE 1959 ANO 39.º — NÚMERO 13 198

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

SOBREVIVER

Ao conferir a posse ao novo subsecretário de Estado do Comércio, o secretário de Estado daquela pasta, sr. dr. Correia de Oliveira, proferiu um discurso que não pode, em nenhuma circunstancia, apodar-se de banal. Longe de prestar culto ao lugar-comum, em que outros se refugiam para ocultar a vacuidade dos seus pensamentos, o sr. dr. Correia de Oliveira foi claro, simples, directo, incisivo e corajoso nas suas afirmações. O muito que disse, e o muito que lhe ficou ainda por dizer, reveste-se neste momento de uma importancia excepcional, dadas as negociações em curso para a constituição de uma zona de comércio livre a que o nosso País se propõe aderir e que nos cria problemas de uma gravidade que aquele membro do Governo não ocultou nem procurou diminuir.

Em face da divisão da Europa em dois blocos económicos, Portugal não podia ficar de braços cruzados, isolando-se numa torre de marfim que lhe podia ser fatal. Restava-nos, portanto, um único caminho a seguir: o de nos ligarmos a um deles, a fim de podermos enfrentar a luta de interesses que se vai travar e em que os mais fracos ou os menos preparados para resisitir soçobrarão fatalmente. Foi o que fizemos e o sr. secretário de Estado do Comércio explicou largamente no seu discurso de ontem, cuja importancia não podemos deixar de encarecer. Perante a organização do mercado comum, que aos seus membros confere direitos preferenciais de que são, evidentemente, excluidos os países que dele não fazem parte, estes passaram a ser o pote de barro

(Continua na 6.ª página)

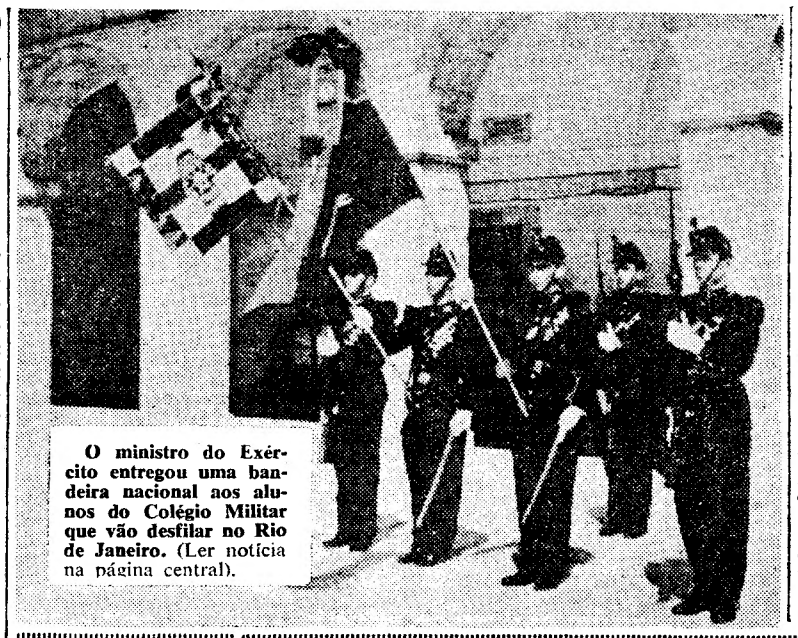
Os "Três Grandes" ocidentais vão alargar o âmbito das consultas entre si

PARIS, 5. — Segundo indicações obtidas nas melhores fontes, o principal resultado concreto das conversações entre os presidentes de Gaulle e Eisenhower foi ter-se resolvido desenvolver a consulta instituída há algum tempo acerca dos problemas mundiais entre as três grandes potências do Ocidente: Estados Unidos, Inglaterra e França. Esta consulta passará a incidir, de agora em diante, tanto sobre problemas militares, como nas questões políticas.

Habitualmente, a consulta faz-se entre os embaixadores acreditados em Washington. Várias vezes, altos funcionários franceses e ingleses têm ido a Washington participar nas reuniões. De futuro, nessas reuniões também podem tomar parte peritos militares ou económicos. Além disso, nas reuniões poderão tomar parte os ministros dos Negócios Estrangeiros e até os chefes de Governo. E á margem das consultas dos representantes das três potências, que se tornaram correntes, poderá haver consultas franco-americanas acerca de questões que interessem mais especialmente a França e os Estados Unidos.

As consultas a dois ou a três dizem respeito á política ocidental em todo o Mundo e ultrapassam o ambito da N. A. T. O. Mas o general de Gaulle e o presidente Eisenhower examinaram também o funcionamento da Aliança Atlantica. O presidente da Republica Francesa expôs as suas idéias acerca do conceito de cooperação, conceito que, no seu entender, deveria substituir o da integração. Diz-se que o presidente dos Estados Unidos

(Continua na 16.ª página)



O ministro do Exército entregou uma bandeira nacional aos alunos do Colégio Militar que vão desfilar no Rio de Janeiro. (Ler notícia na página central).

O plano do Governo belga para a independência do Congo

BRUXELAS, 5. — O novo ministro do Congo e do Ruanda Urundi, Auguste de Schryver, fez pela Rádio uma alocução em que definiu a política que vai praticar para conduzir o Congo para a independência.

Segundo disse, o Governo belga prosseguirá, sem demora nem hesitação, a execução da declaração governamental e da mensagem real de 13 de Janeiro, dentro da letra e do espírito e nos seus prolongamentos lógicos. Haverá eleições de conselhos de comunas e de territórios, no fim deste ano. Em Março

(Continua na 16.ª página)

A CAMPANHA DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA

O assunto tem uma acuidade tal que exige que os poderes públicos tomem disposições urgentes e drásticas — declara-nos João Ortigão Ramos

Traz hoje a sua valiosa contribuição para a campanha de segurança rodoviária, que o «Diário de Lisboa» lançou, uma pessoa especialmente qualificada para o fazer: o sr. João Ortigão Ramos. Apaixonado pelos problemas do automobilismo há mais de quarenta e dois anos, possuidor de carta de condução desde 1917, é director do Automóvel Clube de Portugal há trinta anos e, em atenção justamente, aos profundos conhecimentos que tem revelado acerca dos temas rodoviários, faz parte, como vogal, da Junta Autónoma das Estadas e do Conselho Nacional de Turismo.

Sempre que se têm levantado quaisquer questões relacionadas com a circulação automóvel, João Ortigão Ramos tem aparecido com intervenções sensatas, norteadas por um verdadeiro sentido do interesse publico e ditadas pela sua longa experiência. Como vereador da Camara Municipal de Lisboa, onde a sua voz se ergueu frequentes vezes, com indiscutível independência, para abordar os mais diversos assuntos de utilidade geral, os problemas do transito mereceram-lhe atenção especial, fornecendo, muitas vezes, elementos valiosos para a sua solução.

Desejando mobilizar para esta campanha, que reputamos do mais alto interesse nacional, todas as boas vontades, procurando reunir as contribuições mais uteis para modificar uma situação que toma aspectos alarmantes e nos desprestigia, não podíamos deixar de pen-

(Continua na 13.ª página)

JOÃO ORTIGÃO RAMOS

O resultado das conversações entre Eisenhower e Kruchtchev depende daquilo que o presidente ouviu na sua viagem à Europa

por ATTICUS

PARIS, Setembro — A «tournée» do presidente Eisenhower pelas principais capitais europeias, antes de se encontrar com Kruchtchev, constitui, de facto, a fase preliminar desse excepcional acontecimento político o qual domina, actualmente, o conjunto da situação internacional. É evidente que essa «tournée» está estreitamente relacionada com o seu próximo encontro com o che-

(Continua na 10.ª página)

Em Paris, perante o tumulo do Soldado Desconhecido (que aliás são dois, um de cada guerra mundial deste século), sob o glorioso Arco do Triunfo, pétrea testemunha das grandes vitórias francesas, vêem-se nesta imagem o general de Gaulle e o sempre sorridente presidente Eisenhower, que ali, simbólica e respeitosamente, depôs uma coroa de flores, durante a sua festejada visita á «capital do espírito»

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A alergia, essa desconhecida...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A alergia ou atopia, segundo aventou o dr. A. F. Coca, de Nova York, é uma doença estranha, diferente, muito diferente de todas as outras que conhecemos, doença ou grupo de doenças que nada tem de comum a outras afecções. Tal como qualquer enfermidade, aflige e faz sofrer a humanidade, causa vítimas, campeia à vontade, aliciando novos seres. Duas ou três cifras, colhidas em trabalhos

(Continua na 10.ª página)

VISADO PELA CENSURA

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se incluem
TRÊS SUPLEMENTOS:
MAGAZINE
*
JUVENIL
*
DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

APURAMENTO DE RESPONSABILIDADES

O desastre da Siderurgia Nacional alarmou o País que, naturalmente, ficou ansioso por uma explicação. Como podem acontecer desastres destes em obras de tamanha responsabilidade e de cálculos tão miudinhos e demorados? Haverá responsabilidades de alguém, ou terá sido um mero acidente imprevisível? Claro que em obras de tal magnitude e onde nada pode ficar ao acaso se não pode lançar uma manta sobre o passado e avançar. Não pode ser porque mais grave desastre poderia surgir amanhã. Assim o compreenderam as instancias oficiais e o sr. ministro das Obras Publicas que ontem assinou o seguinte despacho: «Tornando-se necessário concatenar os trabalhos em curso para esclarecimento das causas técnicas do desastre ocorrido nas obras da Siderurgia Nacional, determino que, para este fim, seja constituida uma comissão, a que presidirá o eng. inspector-superior Carlos Couvreur e de que farão parte o eng. João D'Arga e Lima, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, e os técnicos designados pela empresa, eng. Alfredo Nobre da Costa, director-técnico e eng. Joaquim dos Santos Viseu, chefe do serviço de construção civil, e o técnico representante do empreiteiro eng. Manuel Bravo. Esta comissão deverá apresentar o seu relatório no prazo de oito dias».

FEIXE DE NOTICIAS

SANTA Maria de Galegos é uma linda aldeia do concelho de Barcelos. Aquela idílica paisagem minhota com a vinha de enforcado, os pinheiros e a água cantante por toda a parte. José Agostinho Pereira Martins lá nascera e lá viveu 23 anos até que no sábado passado, alta madrugada, lhe bateram á porta de sua casa humilde. Agentes da autoridade, de espingarda a tiracolo. O José Agostinho era suspeito de ter furtado uma camara de ar da bomba de tirar água. Interrogado no posto foi atirado para a enxovia. O que será a enxovia do posto da G. N. R. de Barcelos? Horas depois, o José Agostinho sentia-se mal, cada vez pior. Veio o médico. Diagnóstico: intoxicação geral. Levado ao hospital lá morreu no domingo a meio da tarde.

✱ Tadeu Pereira Ferreira nasceu e viveu. Desabrochou para a vida em Brufe, V. N. de Famalicão, como desabrocham as rosas no quintal de seus pais, o sr. Fernando Ferreira e a sr.ª Maria Amélia Pereira. E viveu o tempo que vivem as rosas de Malherbes. Postas numa jarra com água fresquinha no caule mesmo assim as pétalas amarelecem e caem desfalecidas. Pois o Tadeu Pereira Ferreira teve um fim igualmente precoce mas bem angustioso. 18 meses contava ele, andava, tem-te não caias, a experimentar a força de suas pernas. Brincava com outras crianças em casa de seus avós. Caiu a uma fossa e lá ficou o pequeno Tadeu.

✱ Regressou a Lisboa o dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. Á chegada, de regresso do Colóquio Luso-Brasileiro da Baía, anunciou que a Fundação vai custear a Bibliografia Luso-Brasileira, iniciativa que constituia uma aspiração geral e, por resolução unanime e com aplausos calorosos de todos os membros do Colóquio, portugueses, brasileiros e estrangeiros, que nele participaram, foi agora decidido levar a cabo. A sua publicação far-se-á em Portugal, com a colaboração da Universidade da Baía e da Biblioteca Central do Rio de Janeiro, e dos professores portugueses e estrangeiros que se ocupam de assuntos luso-brasileiros. O primeiro boletim será (trimestral ou semestralmente) publicado a partir de Janeiro do ano próximo, mas a grande obra bibliográfica abrangerá ainda todos os trabalhos de índole luso-brasileira publicados anteriormente e que interessa incluir na obra.

JORNAL PEQUENO

ESTIVERAM no Palácio Nacional de Belém a inscrever-se no livro de cumprimentos ao sr. Presidente da Republica, os srs. embaixador E. N. Van Kleffen, antigo ministro dos Países Baixos em Portugal, e Vasco Couto Lupi. ✱ Na estação de Pias o comboio colheu o servente da C. P., Manuel Carrasco Guerreiro Caeiro que, do hospital de Serpa veio para S. José, onde chegou já morto. ✱ Em Riachos, uma camioneta colheu Manuel Santos Simões, de 68 anos, que morreu no hospital de Torres Novas. ✱ Uma camioneta perto de Avelar atropelou e matou Maria Helena, de 10 anos. ✱ No Rosmaninhal, o criado de lavoura Manuel Pinto Adelino, de 53 anos, ficou sob o rodado de um carro que lhe esmagou a cabeça. ✱ O motociclista Armando Francisco, de 40 anos, chocou com uma furgoneta e morreu. Deixa dois filhos menores. ✱ Perto de Coimbra foi António Dias Cardoso, de 29 anos, que seguia de bicicleta motorisada. Ia ultrapassar um automóvel e foi chocar com uma furgoneta, morrendo. ✱ António Rodrigues Afonso, de Valadares, Monção, tinha 2 anos. Comeu doce caseiro, como todos os da família. Todos se sentiram intoxicados. Todos resistiram menos o António que é mais um anjinho no céu. ✱ Na Soalheira, Fundão, morreu electrocutado por ter tocado num fio da iluminação publica, o operário Manuel Fernandes Salvador. ✱ No lugar do Brejio, S. Vicente da Beira, o sr. Francisco João, de 70 anos, foi aos figos. Em má hora. Caiu, fracturou o craneo e morreu no hospital de Castelo Branco.

Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Civis organizado pela F. N. A. T.

O I Concurso Nacional de Filarmónicas e Bandas Civis, organizado pela F. N. A. T., a fim de proporcionar aos agrupamentos instrumentais populares oportunidade de verem o seu esforço apreciado e premiado, está a despertar grande interesse. A inscrição, que abrange o continente e ilhas adjacentes, não oferece quaisquer encargos, bastando pedir á F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180, em Lisboa, um boletim especialmente destinado a esse fim.

Os nucleos concorrentes deverão dispor de um mínimo de 20 executantes amadores. No caso de qualquer das filarmónicas das bandas civis inscritas incluir, entre os seus instrumentistas, algum musico profissional, é necessário que ele não exerça a profissão pelo menos há seis meses e faça parte do grupo há mais de um ano. A inscrição pode fazer-se em três categorias, correspondendo a cada uma delas três primeiros prémios, respectivamente de 25.000$00, 15.000$00 e 10.000$00. Além destes, existem mais dois prémios pecuniários para cada uma das categorias e também o «Grande Prémio Nacional», no valor de 20.000$00, o qual pode ser ganho por qualquer dos primeiros premiados, independentemente das categorias em que se tenham inscrito.

As provas eliminatórias são em numero de três. As primeiras, para apuramento dos grupos concorrentes de cada distrito, realizar-se-ão, sempre que possível, na capital dos distritos respectivos. Como local para as segundas eliminatórias prevêem-se as cidades do Porto e Setubal, de acordo com a divisão do País em duas zonas: Norte e Sul. A terceira eliminatória efectuar-se-á em Lisboa. No caso das ilhas adjacentes, as duas primeiras provas realizar-se-ão na capital de cada ilha.

A F. N. A. T. fornece informações pormenorizadas sobre a organica do concurso e as obras musicais escolhidas para as diversas provas e categorias.

Exposição de artesanato no Estoril

Integrada no ciclo que a Junta de Turismo da Costa do Sol tomou a iniciativa de realizar no corrente ano e cuja organização está confiada á Sociedade de Educação Social, de S. João do Estoril, é inaugurada amanhã, ás 21 e 30, na sede daquela Junta, no Estoril, uma exposição de artesanato, dedicada exclusivamente ás artes metálicas.

MISSÃO MILITAR ao estrangeiro

No avião da TAP, seguiram para Stutgard, em missão oficial do Ministério do Exército, os srs. major Amorim de Sousa e capitão Pereira Pinto.

CONCURSO R·T·P SABER OU SORTE

NOME .....

.....

MORADA .....

LOCALIDADE ..... TELEF. .....

ATENÇÃO — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha ponteada, que não venham completamente preenchidos, com letra bem legível, ou se apresentem colados a bilhetes postais, papeis ou cartões.

Publicamos hoje novamente o boletim do concurso «Saber ou sorte», poromovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Com ele, os nossos leitores poderão habilitar-se aos valiosos prémios do interessante concurso.

Reunião de camaradagem do Batalhão de Metralhadoras 2 na Figueira da Foz

O Batalhão de Metralhadoras 2, que, durante o ultimo conflito mundial, esteve em missão de soberania na Ilha de S. Miguel por um período de três anos, vai reunir-se amanhã, ás 10 horas, no antigo quartel do batalhão, na Figueira da Foz, em festa de confraternização e camaradagem, estando presentes oficiais, sargentos e praças.

Marinha de guerra

O escoltador oceanico «Pero Escobar», do comando do sr. capitão-de-fragata Palhares da Costa, largou hoje da Base Naval do Alfeite, para Ayamonte, onde, a convite do Governo espanhol vai representar a nossa Marinha de Guerra nas festas que ali se realizam.

Aparelho de rádio perdido em Peniche

Um nosso camarada de redacção que esteve em serviço de reportagem em Peniche deixou ali, por esquecimento, numa pensão, um pequeno aparelho de rádio, portátil, de reduzidas dimensões e do mais recente modelo norte-americano, que, aliás, a ninguém servirá, visto ser fácilmente identificável. Agradece-se a quem o tenha encontrado o favor de nos comunicar ou ás autoridades em Peniche, ou mesmo enviá-lo indirectamente, pois constitui, principalmente, um objecto de muita estimação, como afectuosa lembrança.

Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO
Nova gerencia — Novo serviço
NOVAS INSTALAÇÕES

SAB-332
FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES
F A P P

LEOPOLDVILLE
DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959
Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade
EM SUPER DC-6 E SUPER DC-7C
Consulte o seu Agente de Viagens ou a
SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS
Praça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538-28401

Tágide — Palm Beach — Concha
LISBOA CASCAIS PRAIA DAS MAÇÃS
OS VOSSOS RESTAURANTES «MUSIC-HALL»
APRESENTAM
RICHARD SUEY et PARTENAIRE
TRIO ROMERO
MARISA e SANDRO — CARMEN DE JUAN
DEO MAIA — JACK KNIGHT
WALTER MACHADO — JOSÉ MERINO — IRMÃOS GUARAS
(Maiores de 17 anos)
Tágide — Palm Beach — Concha

Cafiaspirina BAYER
CONTRA DORES · MAL-ESTAR · ABATIMENTO

EXCURSIONISMO

O Grupo Excursionista «Os Pontuais», realizam amanhã, partindo de Cacilhas ás 7 e 30, uma excursão em autocarro, com o seguinte itinerário: Azeitão, Palmela, Setubal, Serra da Arrábida, Santana, Senhora do Cabo, Sesimbra, Fogueteiro, e regresso a Cacilhas.

Arqueólogos ingleses
colaboram nas escavações
em Vila Nova de S. Pedro

CARTAXO, 4 — Passou nesta localidade, a caminho de Vila Nova de S. Pedro, o tenente-coronel Afonso do Paço, que vai iniciar a 23.ª campanha de escavações arqueológicas, que o Ministério das Obras Publicas promove, naquela localidade, que é uma importante estação pre-histórica.

Na campanha deste ano tomam parte dois arqueólogos ingleses: Blenda Capstick, de Conncil for British Archeology, licenciada pela Universidade de Oxford, e o dr. Rubert N. Savory, da mesma Universidade, e actual director do Departamento de Arqueologia do National Museum of Wales (Cardiff).

A vinda destes dois arqueólogos britanicos para tomar parte nas referidas escavações, prova quanto a arqueologia deste castro ribatejano interessa aos arqueólogos ingleses que vêem nele um elo de ligação entre as suas ilhas e o Mediterraneo oriental.

O dr. Savory, que foi encarregado pelo prof. Daniel de escrever um livro sobre a arqueologia da nossa península, deslocou-se a expensas da Fundação Calouste Gulbenkian.

«Miss» Captick tomou parte em várias escavações com os melhores mestres ingleses e foi bolseira em Roma.

Ao lado das escavações devem aqueles arqueólogos fazer algumas visitas de estudo aos coucheiros de Muge, dos Museus de Torres Vedras, Alenquer, Cascais, etc., tendo já percorrido alguns dos museus de Lisboa.

A campanha de escavações do presente ano deve prolongar-se até 19 do corrente, sendo principalmente orientada na procura de uma segunda cintura de muralhas e definição dos materiais dos estratos Campaniforme e pré-Campaniforme.

Géneros deteriorados
apreendidos pela Fiscalização
em Paio Pires

Operários que trabalham em Paio Pires queixaram-se á fiscalização da I. G. A. de que numa cantina pertencente a Alberto Marques se forneciam refeições cujos géneros estariam em mau estado. Uma brigada, que rápidamente ali se deslocou, com um técnico veterinário, foi encontrar, efectivamente, num alguidar, alguns quilos de peixe salgado com sinais de putrefacção que o tornavam impróprio para consumo. Esse peixe, que foi logo inutilizado, era o remanescente do que havia sido cozinhado para o almoço e só não fora aproveitado devido ás reclamações dos referidos operários.

Foi instaurado processo aos responsáveis por este crime, pois não merece outro nome semelhante desrespeito pela saude e pelas vidas alheias.

Especulação com o preço do bacalhau

Está a ser activamente vigiado o comércio do bacalhau. Por ter escondido e negado á Fiscalização a existência de bacalhau na sua loja, verificando-se acto contínuo, mercê de numa busca cuidadosa, que tal artigo ali se encontrava, foi processado o retalhista de mercearia António Mendes de Figueiredo, de Coimbra. Também por não terem este artigo exposto á venda, foram autuados três retalhistas de Setubal, três de Viana do Castelo, um da Nazaré e dois de Palmela. Por estarem vendendo bacalhau a preços especulativos, foram processadas duas vendedeiras na feira quinzenal de Ponte da Barca.

—Foram processados, por especulação na venda de banha, um retalhista de mercearia de Santarém e dois vendedores de carne da Costa de Caparica; e, por especulação na venda de chouriço, um retalhista do mercado da Trafaria.

SECRETÁRIO-GERAL
do Ministério dos Negócios Estrangeiros

Por ter sido nomeado embaixador de Portugal em Viena o sr. dr. Abílio Pinto de Lemos, como noticiámos, assumiu interinamente o cargo de secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros o sr. dr. Luís Norton de Matos, director-geral dos Negócios Políticos do mesmo Ministério.

Festa Nacional Brasileira

O embaixador Martim Francisco Lafayette de Andrada, encarregado de Negócios do Brasil, receberá, na próxima segunda-feira, das 19 ás 21 horas, na sede da Embaixada, Rua António Maria Cardoso, 8, os seus compatriotas, residentes em Portugal ou de passagem por este país, que o queiram cumprimentar por motivo da Festa Nacional Brasileira.

Comandante Virgilio Ferreira

O novo adido naval
em Woshington
é o comandante
Virgilio Ferreira

O novo adido naval junto da Embaixada de Portugal em Washington, capitão-de-fragata Virgílio Ferreira Ribeiro, é um oficial de elevados méritos, que entrou para a Marinha em 1925

Especializado em artilharia, fez parte da guarnição que foi a Inglaterra receber o aviso de 1.ª classe «Bartolomeu Dias», após o que esteve em comissões de serviço nas nossas províncias ultramarinas da Africa Oriental e Ocidental e, ainda, em Macau e em Timor.

O comandante Virgílio Ribeiro, durante os primeiros meses da segunda guerra mundial, prestou serviço nas águas dos Açores. Mais tarde foi nomeado capitão do porto de Lourenço Marques e chefe de gabinete do governador geral de Moçambique que nessa qualidade, acompanhou o ministro do Ultramar nas suas visitas oficiais á Africa do Sul.

A seguir desempenhou funções, primeiro no Estado-Maior da Armada e, depois, no Secretariado Geral da Defesa Nacional, cooperou na comissão militar da N.A.T.O. como membro da delegação portuguesa. Em Fevereiro de 1952, durante a reunião da N. A. T. O. em Lisboa actuou como «oficial de segurança» e em Abril do mesmo ano, foi nomeado para o Estado-Maior Internacional do Supremo Comando Aliado (S. A. C. L. A. N. T.), que funcionaria em Norfolk, nos Estados Unidos da América do Norte.

O capitão-de-fragata Virgílio Ribeiro, desempenhou, ainda, muitas missões de comando, nomeadamente do contratorpedeiro Tejo e acompanhou, no decorrer do ano de 1946, em Itália, a construção do escoltador oceanico «Pero Escobar» cuja missão foi por ele chefiada.

APÓS O DESASTRE
um motociclista
pôs-se em fuga

Por ter sido colhido por uma motocicleta, próximo do Paul, deu entrada na Sala de Observações do Hospital de S. José, com graves contusões na cabeça, Joaquim Fernandes Pelicho, de 59 anos, jornaleiro, residente em Marinhais, Salvaterra de Magos.

O motorista pôs-se em fuga, não prestando qualquer socorro á sua vítima.

NOVO ANO LECTIVO
Prazo de matrículas liceais

Foi prorrogado até 15 do corrente, o prazo das matrículas liceais, que se iniciaram no dia 25 do mês passado e deviam terminar hoje.

Pagamento de propinas no Liceu de Camões

Podem ser pagas até o dia 15, no Liceu de Camões, as propinas de inscrição dos alunos para o próximo ano lectivo, cujo pagamento fora suspenso.

Os alunos que não tiverem lugar naquele liceu, e cujas propinas devem ser pagas nos que lhes foram destinados, constam de relações afixadas no mesmo estabelecimento de ensino.

Instrução de adultos

O Clube Desportivo e Cultural Lisbonense aceita a matrícula de todas as pessoas que necessitem de fazer exames da 3.ª e 4.ª classes, de instrução primária, com urgência, mesmo atrasadas ou analfabetas.

Aquela agremiação também aceita a inscrição de pessoas que queiram iniciar ou desenvolver os seus conhecimentos de português, francês, inglês, italiano, alemão, latim, gregro, história, geografia, filosofia, organização política ou administrativa da Nação, ciências, física, química, matemática, ginástica, canto coral, desenho, modelação, pintura, caligrafia, dactilografia, estenografia, contabilidade e admissão aos liceus e escolas técnicas. As inscrições são feitas no Largo do Chão do Loureiro, 1, 2.º (ao Caldas), ou pelo telefone 862635. Há cursos das 9 ás 23 horas.

Foi identificado
o gatuno
que assaltou
uma casa em Belém

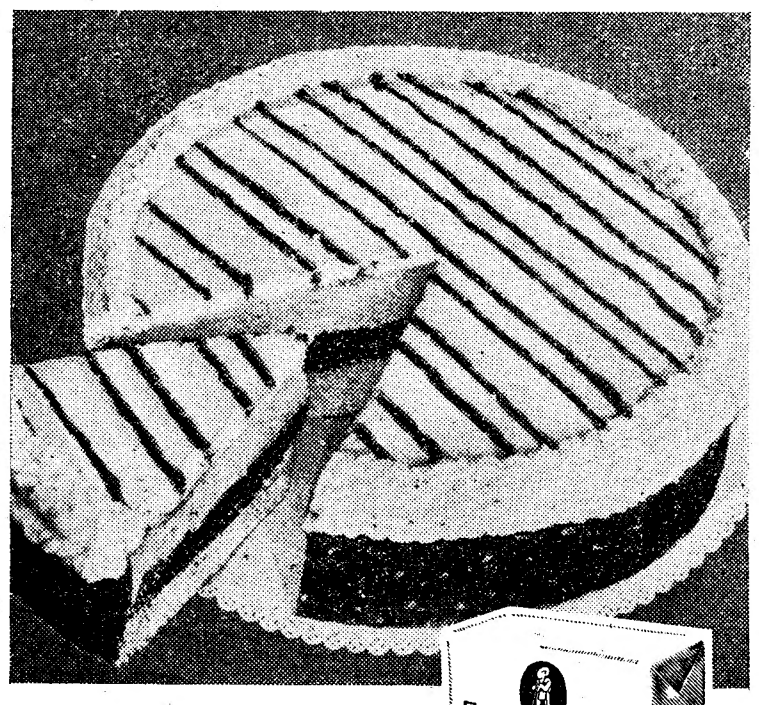
Os gatunos que sempre arriscam a liberdade, poucas vezes conseguem escapar pelas malhas da «rede» policial, nomeadamente da Polícia Judiciária, cuja principal função consiste em proteger-nos contra todos os criminosos.

No entanto, á medida que a corporação se vai apetrechando melhor para o desempenho da sua complicada missão, nos vários ramos de actividade, nomeadamente no científico, os larápios, por sua vez, esforçam-se por aperfeiçoar os seus métodos de «trabalho», procurando assim contrariar a táctica policial, o que se verifica em toda a parte, com todas as polícias e os mais hábeis e refinados prevaricadores, normalmente com vantagem para os zeladores da ordem e da lei.

Relatamos, hoje, um facto ocorrido em pleno dia num dos bairros mais populares da cidade — o de Belém.

Ali penetrou, arteiramente, no prédio com o n.º 45 da Rua N.º 5, um larápio, o qual servindo-se de uma chave falsa e aproveitando-se da ausência dos locatários, ali fez a razoável colheita de cerca de 12.500$00.

Logo a Polícia Judiciária entrou em acção e no breve espaço de três horas identificava o gatuno, que não tardará a ser apanhado, sem que, certamente, tenha tempo de se gozar do produto do roubo.



A MARGARINA
Vaqueiro
torna tudo mais apetitoso
59-VA-R6 FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA (FIMA), LDA. — SACAVÉM

COM DIFERENÇAS
de 50 % ABAIXO do CUSTO
OS CARVALHOS
A PARTIR DE 2.ª FEIRA
LIQUIDAM
TODA A EXISTÊNCIA
POR MOTIVO DE OBRAS
E NOVA GERÊNCIA
P. da FIGUEIRA-8E

Moradia luxuosa
VENDE-SE
(Perto de Sesimbra--«Cotovia»)
Dois pisos, construção moderna, 20 divisões primorosamente mobiladas, Jardim e garagem. Frente paragem autocarro.
Só se trata c/ o próprio. Mostra-se no local, todos os dias, qualquer hora. Telef. 21241.

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS ÚTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

ÊXITOS QUE SÃO O ORGULHO DO "DANCING" DAS MULTIDÕES

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

A ATRACÇÃO ALEMÃ
BALLET VISON
10 MULHERES ESCULTURAIS

O FASCINANTE CONJUNTO
ANA MARIA Y SU BALLET
em BOLEROS-RUMBAS e criações AFRO-CUBANAS

ISABEL y PACO
HERMANOS RUIZ
ISABEL y ERNESTO
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

Na próxima semana:
9 ESTREIAS DE SENSAÇÃO

NO SALÃO TÍPICO CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

Inaugurou-se em Santo Tirso
a nova estação da SACOR
para serviço dos automobilistas

SANTO TIRSO, 5—Está realizada uma justa aspiração dos automobilistas e — contraste curioso — das donas de casa deste ridente rincão minhoto, encantador centro turístico preferido por nacionais e estrangeiros, que, uma vez visitado, jamais é esquecido. Santo Tirso tem encantos que enfeitiçam toda a gente. O seu Monte da Assunção e as margens do Ave, o rio de maior riqueza industrial do nosso País, fazem com que o afluxo de turistas seja, nestes meses de Verão, constante.

A «SACOR» e a «CIDLA», cuja representação foi entregue a «AUTO REPARADORA DO PICOTO, LDA.» situada no Largo Camilo Castelo Branco tiveram ontem aqui o seu dia grande, dia de festa e alegria que se transmitiu á gente desta terra, a qual viveu intensamente o acontecimento da inauguração oficial de uma Estação de Serviço e de um Posto de Vendas, em estabelecimentos vis-á-vis, no mesmo largo.

A estação de serviço da «SACOR» era uma necessidade que se impunha e um desejo já antigo daquela grande riqueza nacional de carborantes. Há 7 anos nasceu a ideia que só agora pôde ter execução, por razões que sempre reeditam quando se projectam melhoramentos. O progresso também tem os seus inimigos.

Agora, localizada num ponto de passagem obrigatória para quem atravessa esta formosa estancia turística, a estação de serviço da «SACOR» moderna e ampla está perfeitamente apetrechada com material dos mais recentes modelos para o reabastecimento de qualquer espécie de viaturas automóveis, quer se trate de carros ligeiros ou de viaturas pesadas. Duas bombas automáticas duplas num total portanto de 4 unidades fornecem carburante «Super», gasóleo e gasolina corrente, esta em duas bombas normais.

Além dos carburantes toda a gama de óleos, água, ar, tudo enfim que diga respeito ao reabastecimento se pode ali obter em rápidos minutos quer de dia ou de noite, cuja iluminação florescente dá ao local a fisionomia dos grandes centros populacionais onde se vive a hora que passa. Neste aspecto, a Sacor está presentemente a cumprir uma missão a que se impôs e que é verdadeiramente louvável — dar contínua e eficaz assistência na cidade ou na estrada ao automobilista ou profissional do volante, procurando instalar em pontos muito bem estudados as suas fontes abastecedoras de forma a que não haja grandes espaços vazios ou zonas desertas numa pronta assistência da sua especialidade.

Como nota curiosa de reportagem, cumpre-nos informar o publico interessado, isto é, os que de um canto ao outro do País, rodam pelas suas estradas que, tal como se vê lá fora, nomeadamente no Sul da França, ou seja desde Portbor ou Cerbere na fronteira com a Espanha, até Vintemiglia na fronteira italiana, portanto desde a Costa Brava á Côte d'Azur, a Sacor pretende aumentar talvez ao dobro os seus postos abastecedores actuais.

No que diz respeito á área da delegação do Porto, que abrange desde o distrito de Coimbra para o Norte, há presentemente cerca de 350 bombas abastecedoras isto segundo um cálculo aproximado de nossa responsabilidade.

O seu propósito é, segundo a comparação que atrás fazemos, «cobrir» perfeitamente as estradas portuguesas de uma assistência continua e proporcional á nossa quilometragem entre localidades largamente afastadas.

Nessa ordem de idéias fez-se ontem mais uma inauguração e em breve outras se lhe seguirão. O acto de ontem, a seguir ao que se efectuou na garagem «Fenix», do Porto, teve larga assistência de pessoas, não só desta localidade, como de terras vizinhas.

O acto teve solenidade e estiveram presentes as autoridades locais. A bênção do edifício «Sacor» foi dada pelo D. Abade de Singeverga, D. Gabriel de Sousa, acolitado pelo frei Bonifácio Correia da Fonseca. Assistiram á solenidade o engenheiro Duarte do Amaral, administrador da Sacor; dr. Stichinni Vilela, director-geral; Oliveira Baptista, director; dr. Cardoso Ribeiro, adjunto da direcção; Afonso Pinheiro Torres, chefe da delegação do Porto e muitos outros funcionários superiores.

Entre numerosa assistência, viam-se os presidente e vice-presidente da Camara, respectivamente dr. Délio Santarém e Alfredo da Silva Sanches, os vereadores Gabriel Cardoso dos Santos, José Francisco André, dr. Manuel Fonseca e Bernardino de Sousa e ainda os srs. António Borges da Silva Teles, vice-presidente da U. N.; dr. Alexandre de Lima Carneiro, antigo presidente do Município; Agostinho Leal; tenente Henrique Dias, comandante da G. N. R.; engenheiro Furtado de Mendonça, presidente da Camara de Paços de Ferreira; dr. Luís de Vasconcelos Trêpa, conservador do Registo Predial em Famalicão; seu pai, dr. Luís Simões Trêpa; Manuel Santos da Cunha, da firma Sebastião Santos da Cunha, Lda., agente da Sacor no distrito de Braga; engenheiro Luís de Oliveira Junior, agente da Cidla em Matosinhos; Luís de Freitas, agente de ambas as empresas em Guimarães; António Dias Costa e seu filho, da «Eléctrica», de Famalicão; Joaquim Cardoso, comandante do terço local da L. P.; dr. Contreras Lopes, da Cidla; Manuel Cerquinho; João Trêpa, director da «Semana Tirsense»; Alberto Félix, importante industrial e presidente dos Bombeiros de Santo Tirso; António Ferreira Vilacova, dos Voluntários Tirsenses; comandante António Amorim Junior, comandante dos Voluntários de Riba d'Ave; dr. António Abranches, director do Colégio das Caldinhas; engenheiro Aurélio Botelho Moniz e dr. Edgar Botelho Moniz, etc.

Após ter terminado o acto inaugural o primeiro carro a entrar casualmente na «carreira» foi o do D. Abade de Singeverga, que, tal como anteontem aconteceu ao nosso fotógrafo na inauguração da Via Norte, recebeu o brinde que secretamente estava destinado ao 1.º cliente. E já que aludimos a brindes, os representantes da Sacor e da Cidla, Auto reparadores do Picoto, Lda., ofereceram aos representantes da Imprensa brindes como recordação da festa inaugural das suas agências.

Após a inauguração da estação de Serviço da Sacor, seguiu-se a do Posto da Cidla, a funcionar provisóriamente desde Fevereiro passado, mas que ontem entrou definitivamente em actividade.

A' noite, no ambiente acolhedor do frondoso parque, foi servido, na casa de chá, a todos os convidados, um lanche de quentes e frios, ao qual assistiram numerosas senhoras da sociedade local, que deram á festa muita alegria e colorido.

Aos brindes usaram da palavra o engenheiro Botelho Moniz, da firma representante da Sacor e Cidla que, começando por saudar o presidente da Camara, estendeu as suas saudações ás empresas que representa, á Imprensa e ás senhoras presentes. Referiu a história do primeiro petróleo que apareceu há 100 anos na América e aos 20 anos de existência da Sacor, cujas instalações no nosso País já não só o abastecem como ainda já exportam os seus produtos. Referiu-se ás fundações Rockefeller e Gulbenkian.

Falou, a seguir, o ilustre vimaranense e deputado da Nação, eng.º Duarte do Amaral, administrador da Sacor, que exprimiu o seu contentamento pelas inaugurações efectuadas, bebendo pelas prosperidades de Santo Tirso e da sua gente. O presidente da Camara, dr. Délio Santarém, em representação do chefe do distrito, agradeceu o melhoramento dado á sua terra, o qual contribuiu para o seu progresso.

Todos os oradores foram largamente aplaudidos.

Com esta festa coincidiu uma outra que actualmente ali se efectua com um carácter muito popular — a desfolhada da Escola Agrícola Conde de S. Bento.

Toda a assistência da festa a que acabamos de nos referir tomou parte no arraial minhoto que se realizou na eira da escola, sem duvida a maior de Portugal. Houve actuações dos ranchos regionais de S. Martinho do Campo e de Santa Maria de Reguengo. Depois da desfolhada serviu-se uma ceia regional. No fim dançaram em conjunto os rapazes e as raparigas da desfolhada e assistentes, no meio dos quais se encontravam alguns estrangeiros.

O lanche foi primorosamente servido pela confeitaria Arcádia, do Porto.

Foi um dia grande para Santo Tirso.

Tauromaquia

Simão da Veiga

Entre os numerosos telegramas de pesames pela morte do inesquecível Simão da Veiga recebeu João Nuncio, seu companheiro de tantos anos, um do cavaleiro mexicano Gaston Santos, que diz: «Ruegole presente condolências padre y família Simão y a todos aficionados portugueses, encabezados dignamente por usted, pesames gran perdida».

Em Montemor-o-Novo

Em Montemor-o-Novo realiza-se na próxima segunda-feira, 7, a favor do Hospital de S. João de Deus, e por motivo da Feira da Luz, um festival com toiros oferecidos por vários ganaderos e que serão lidados pelos cavaleiros João Nuncio, David Teles, Barata Freixo e Maldonado Cortes e pelos novilheiros Armando Soares, em substituição de Francisco Mendes e José Simões.

Amanhã em Estremoz

Amanhã, ás 17 horas, em Estremoz, por ocasião das festas locais, toureiam os cavaleiros João Nuncio, D. Francisco de Mascarenhas, Pedro Louceiro e José Maldonado Cortes, com os grupos de forcados de Manuel Faia e Adelino de Carvalho.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Hoje, no «Teatro de Bolso», do Grupo de Teatro Moderno do Clube Fenianos Portuenses, é apresentado ao publico do Porto o escritor Eugène Ionesco. Fará a apresentação o actor Luís de Lima.

— Amália Rodrigues, por ter novamente de seguir para Paris, declinou o convite que lhe foi feito para participar num espectáculo de revista.

— Um dos finais da revista «Delírio em Lisboa», em ensaios no Teatro ABC, intitular-se-á «Fantasia d'Ouro».

— Com Maria de Fátima Bravo á frente do elenco artístico, estreia-se amanhã no Aguia de Ouro, do Porto, o novo programa do espectáculo «Comboio Foguete».

— Para uma companhia de revistas, há negociações em curso com um popular actor cómico espanhol.

— A Sociedade Artística Popular realiza amanhã, em Caxias, um espectáculo.

— Brevemente, sob a direcção do realizador cinematográfico Artur Duarte, vão começar as rodagens do novo filme português «Carta anónima».

— Os cenógrafos Rui e Hernani Martins são os directores da montagem cénica da revista que vai ensaiar-se no Teatro Maria Vitória.

— Ficaram hoje concluídas as obras de beneficiação, tanto da sala de espectáculos como do edifício, do Teatro Maria Vitória.

Teatro de amadores

«Oeiras em Arraial»

Amanhã, ás 21 e 30, é levada mais uma vez á cena, na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, a revista popular «Oeiras em arraial», da autoria de Helena Moreira Viana, Fernanda Santos, João Reis e Luís Barros, interpretada por amadores desta vila.

Primeiras exibições

«O Deserto Branco», no Eden

Está dito e redito que Walt Disney forma com Chaplin o par dos grandes génios dessa maravilhosa

(Continua na página seguinte)

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «O homem da terra de Deus».

RIVOLI — A's 21 e 30 — «A bela de Vera Cruz».

COLISEU — A's 21 e 30 — «O terceiro homem».

BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Aliança de aço».

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Carmela é uma boneca».

AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Os amantes do deserto».

S. JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 «Tudo menos a verdade».

VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Anna de Brooklyn».

JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O grande amor da minha vida».

OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Salomé».

PALACIO CRISTAL — Feira Popular.

QUEM PERDEU?

No quartel da G. N. R., no Cabeço de Bola, está depositada uma aliança de ouro, encontrada na via publica.

A reunião
de professores primários
dos cursos da antiga Escola Normal de Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 5 *(Pelo telefone)* — Cerca de sessenta professores primários que terminaram o curso na antiga Escola Normal desta cidade, entre os anos de 1919 e 1921 ,reuniram-se hoje, a fim de comemorar aquelas datas. As celebrações iniciaram-se com missa na Sé Catedral, por alma de alunos e de professores falecidos, oficiada pelo padre Semedo. Seguiram-se visitas de cumprimentos ao sr. governador civil, dr. José de Carvalho, e ao presidente da Camara Municipal, sr. capitão Carreto, em que usaram da palavra os inspectores srs. Pires Antunes e Barata, respondendo aquelas entidades oficiais.

Os professores primários estiveram depois na Direcção Escolar, onde eram aguardados pelo respectivo director, sr. Liberato de Oliveira. Efectuou-se também uma sessão solene na Escola Particular da Senhora da Piedade, a que assistiu o director desta Escola, sr. dr. João Frade Correia. Falaram os srs. prof. João Gomes Ferreira, organizador desta reunião, e inspectores Barata e prof. Salgado. Presidiu o sr. dr. Prado Correia.

Os professores primários almoçaram depois no Hotel de Turismo desta cidade, recordando os tempos da antiga Escola Normal, cuja revivescência é um desejo dos habitantes de Castelo Branco.

DE GAULLE
RECEBEU HOJE
o ministro dos Estrangeiros de Espanha

PARIS, 5. — O ministro dos Assuntos Exteriores da Espanha, Fernando Castiella, foi recebido esta manhã, em audiência, pelo presidente de Gaulle. A audiência durou 50 minutos.

Não foram divulgados quaisquer pormenores das conversações entre de Gaulle e Castiella, mas sabe-se que os assuntos ventilados devem continuar a ser discutidos durante o almoço que o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Couve de Murville, ofereceu hoje, no Quai d'Orsay, ao seu colega espanhol.

O chefe do Governo italiano, António Segni, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Giuseppe Pella, regressaram esta manhã a Roma. — (A. N. I.).

DOIS ACIDENTES
na corrida de automóveis de Goodwood

GOODWOOD (Inglaterra), 5. — Nas «Seis horas de Goodwood», que Stirling Moss comanda desde o princípio, registaram-se dois acidentes. Na 70.ª volta, um «Lotus-Climax», pilotado por David Pifer, chocou com uma barreira, tendo o condutor sido transportado para o hospital, com vários ferimentos na face e contusões graves num dos olhos, provocados por fragmentos de vidro.

Duas horas e meia depois de se ter iniciado a prova, o carro de Salvatori incendiou-se.

Quando a prova ia a meio a classificação era a seguinte: 1.º Von Trips e Bonier; 2.º Trintignant e Feére; 3.º Cheby e Sairman. — (A. N. I.).

«Abusos»
cometidos pela Polícia *da Guatemala*

CIDADE DE GUATEMALA, 5 — O presidente Fuentes demitiu o director-geral da Polícia, coronel José Arenas, por «abusos cometidos pela Polícia contra particulares».

Um comunicado oficial refere-se a diversos «abusos» cometidos ultimamente pela Polícia: um polícia embriagado abateu a tiros de pistola um locutor da Rádio; oito polícias atacaram e sovaram um repórter-fotográfico — o que motivou a intervenção da Associação dos Jornalistas; e na prisão de Zacpa, um preso morreu depois de receber um «correctivo» de quatro guardas. — (F. P.).

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

arte das imagens em movimento que fascina o Mundo todo. As suas mensagens são lições. Lições de poesia e humanidade que os povos, e sobretudo os poderosos da Terra, lucrariam muitíssimo em ver, sentir e apreender.

Cada filme de Walt Disney representa o preenchimento de uma lacuna, que, embora não pressentida, existia de facto. E uma prova cabal do que se escreve foi a maneira calorosa como um publico de apurada sensibilidade, rendido de admiração, reagiu perante a estreia de ontem, no Eden, de «O Deserto Branco» ou «O Arctico Selvagem», segundo o título original.

E' um documentário de beleza excepcional sobre a vida natural nas paisagens geladas, focando cenas inesquecíveis, deslumbrantes, como aquelas em que o degelo força os animais aos movimentos migratórios, verdade que o espectador acompanha com a maior emoção.

Maravilha sobre maravilha. Um espectáculo que deve ser visto e sentido, já que não é fácil a viagem até ás paragens onde o exército de Disney se instalou para, mais tarde, oferecer o melhor da sua técnica e da sua imaginação ao espectador recostado confortàvelmente na plateia de um cinema.

«Jovens de ama», que nos apresenta a existência exótica do povo de uma aldeia piscatória do Japão, é outro filme digno da craveira artística e poética de Walt Disney, outro espectáculo que enche de bondade os nossos instintos.

E não vale a pena escrever mais — só vendo... — *Visor 14.*

«Quando o leão ruge», no Condes

Barney Ross, um dos onze super-campeões existentes na história do pugilismo mundial (foi detentor dos títulos máximos nas categorias de leves e meios-médios), gozou de grande popularidade nos Estados Unidos, seu país, de 1929 a 1938, período em que disputou 80 combates, dos quais saíu vencedor em 76, tendo abandonado a actividade após ter sido derrotado por Henry Armstrong, um dos raros «fenómenos» do ringue.

A vida de Ross proporcionou a Crane Wilbur a confecção de um argumento palpitante através do qual é apresentada a tríplice odisseia do pugilista, do soldado e do homem, numa luta heroica e impressionante contra o vício da morfina da qual saiu vencedor.

Cameron Mitchell, no protagonista (de anotar a semelhança física com o antigo campeão) tem um trabalho notável. Nas cenas da guerra em Guadalcanal, o desempenho é magistral.

O filme, cujo título português é feliz, não focando a carreira desportiva, em pormenor, reveste-se de interesse particular. No fundo, é uma admirável lição do valor da força de vontade.

De salientar a realização de André de Toth e a interpretação de Dianne Foster, no papel de «Catby».

Complementos aceitáveis. — *Visor 101.*

«O homem dos calções curtos», no Avis

O neo-realismo italiano continua a fornecer-nos belas obras cinematográficas, como a estreada ontem no cinema Avis, com o sugestivo título «O homem dos calções curtos». Em imagens de uma simplicidade tocante, que se sucedem sem soluções de continuidade, é-nos contada a odisseia de um rapazinho fugido ao hospício onde se encontrava, para procurar ansiosamente a mãe. Algumas sequências são enternecedoras, em grande parte devido á excelente actuação do menino-actor Edoardo Nevola, cujas reacções naturais ao drama que «vive» foram bem registadas por um experimentado operador. Ao lado deste novo prodígio do cinema transalpino, aparecem Alida Valli, Edoardo de Fillipo, Francisco Rabal, Isabel de Pomes e Juan Calvo.

«O homem dos calções curtos» é uma realização de Glauco Pelligrini, que se revela discípulo notável de Viscount e De Sica.

Complementos agradáveis. — *Visor 18.*

«Music-hall»

Novo programa na «Tágide» e no «Palm Beach»

Três «boites» abertas ao mesmo tempo na área de Lisboa, em plena época estival é um «tour de force» que só o dinamismo, a vontade e o entusiasmo permanente de Campos Ferreira teriam podido realizar. O mesmo programa que ontem se estreou na «Tágide» vai fazer o encanto das «soirées» do «Palm Beach» e dessoutro «night club» maravilhosamente situado e ainda tão pouco conhecido do nosso publico que é a «Concha», na Praia das Maçãs.

Ao lado da inimitável, da comunicativa, da espirituosa Deo Maia e dos seus esplêndidos acompanhantes Irmãos Guarás e do cantor Walter Machado ,apareceu agora o formidável ilusionista e manipulador Richard Suey, secundado pela sua elegante «partenaire», e o célebre Trio Romero, que nas capitais mais cosmopolitas tem conquistado assinalados êxitos. Deste mesmo escolhodo cartaz fazem ainda parte os bailarinos Marisa e Sandro, a adorável Carmen de Juan e a voz privilegiada de Jack Knight. — T.

E' um êxito colossal de alegria e bom gosto!

COSTINHA A VITO RIOSA REVISTA

POPULAR QUE TODAS AS NOITES, ÀS 20 E 45 E 23 HORAS, O PÚBLICO APLAUDE DELIRANTEMENTE NO

COLISEU Telef. 31997 (AD. M/17 ANOS)

Há Feira no Coliseu!

O retumbante triunfo do maior elenco de todos os tempos!

Geral 7$50

Amanhã, ás 16 h. espectáculo á tarde!

Esplanada do Rato

Unica no gênero em Lisboa

COZINHA A PORTUGUESA

R. S. FILIPE NERY. 23

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

«SOM E LUZ» «MÚSICA E LUZ»

TODAS AS NOITES, ÀS 22 HORAS

2 ESPECTÁCULOS PELO PREÇO DE UM SÓ

HOJE e AMANHÃ : PREÇOS REDUZIDOS

(Sábado: Maiores de 6 anos — Outros dias, Maiores 12 anos)

COZINHA ALENTEJANA

Comunica aos seus prezados clientes que por motivo de um lanche de casamento se encontra amanhã reservada aos almoços e chás.

Av. do Aeroporto, 66

Servem-se os habituais almoços no Jardim

VASCO MORGADO apresenta

Dois sensacionais espectáculos

Uma comédia espanhola de Edgar Neville — Uma comédia francesa de Marcel Achard

2 êxitos aplaudidos pelo publico e pela crítica!

7.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL

Para M/12 anos

T. 55133

TRIUNFO

TEATRO AVENIDA

Adultos M/17 anos

T. 27273

ESP. VASCO MORGADO, LDA.

HOJE ás 21,45 HORAS

AMANHÃ ESP. A' TARDE A'S 16 HORAS

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

A "BOITE" ONDE LISBOA NUNCA FALTA

Pasapoga

Telef. 23584

Empresa MANUEL ZÉFERINO

(ADULTOS M' DE 17 ANOS)

UMA VERDADE QUE TODA A GENTE SABE: TODAS AS NOITES: ENCHENTES

Uma atracção que está a dar brado

ELEN y GREGOR SHOW

em «Sketchs» estilo parisiense

O NOTÁVEL E VIBRANTE TRIO GUTIERREZ

e ainda MILY ZUÑIGA e LUZ IMPÉRIO

Baile por ESTEVÃO e sua orquestra, com Manuel Serrano

3.ª-FEIRA ESTREIA DE UMA NOTÁVEL ATRACÇÃO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27172

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Um filme emocionante enquadrado na paisagem escaldante do Tahiti

PASSAGEIRA CLANDESTINA

com **Martine Carol** e **Karl Heinz Boehm**

em Eastmancolor

EDEN TEL. 29768

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/6 anos)

O filme de WALT DISNEY comentado em português

O DESERTO BRANCO

Em complemento: Cinemascope

AS JOVENS DE AMA

A vida perigosa das mergulhadoras japonesas.

ALVALADE Telefone 63080

15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

A obra apaixonante de Simenon e os encantos perturbantes de Martine num excitante filme

PASSAGEIRA CLANDESTINA

com **Martine Carol** e **Karl Heinz Boehm**

em Eastmancolor

ODEON Telefone 26282

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

A mulher mais discutida de todos os tempos

A CORTESÃ DO ORIENTE

com **Elena Kleus** e **Pierre Gressoy**

ROYAL TEL. 845037

21.00 (M/12 anos) Cinemascope

O REI E EU

LOUCA AVENTURA

ESPLANADA PORTUGÁLIA

21.30 (M/12 anos) Technicolor

A RAPARIGA DAS VIOLETAS

DOMINADORES DO OESTE

CASINO ESTORIL 21,30 (M/17 anos)

FOGUETÕES DE RABIAR

c/ Jeannie Carson

TIVOLI TEL. 50595

A's 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)

Uma comédia excepcional de constantes gargalhadas

O VALENTÃO DAS DUZIAS

com **Bob Hope** e **Jane Russell**

em duas criações inesqueciveis

POLITEAMA TEL. 26303

15.15 - 18.15 e 21.30

Um êxito histórico

Um filme onde se revela que a maior riqueza de um homem não é ter milhões

DO CÉU CAIU UMA ESTRELA

com **James Stewart** e **Donna Reed**

Uma genial obra-prima de Frank Capra — (M/12 anos).

MONUMENTAL TEL. 85131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Um filme de constante «suspense»!

Terror paralisante! Excitação crescente!

GRITO DE TERROR

com **James Mason** e **Rod Steiger**

CONDES TEL. 22525

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Um filme sobre a vida do famoso campeão Barney Bross

QUANDO O LEÃO RUGE

com **Cameron Mitchel** e **Dianne Foster**

RESTELO Telefone 510375

21.15 (M/17 anos) Cinemascope Techn.

O GRITO DE FURIA

com Yul Brynner

TERRASSE TEL 90913

21.00 (M/17 anos)

PARTO SEM DOR

A HISTÓRIA DE MONTE CARLO

ELIZ TEL. 48560

21.00 (M/17 anos)

UM RAPAZ ENCANTADOR

Cinemascope

DRAMA NO ARROZAL

IMPERIO Tel 55154

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

John Wayne, Sophia Loren, Rossano Brazzi numa história fascinante de amor e aventura

A CIDADE PERDIDA

Technicolor — Technirama

Ar condicionado

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54155

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

PETER FINCH EVA BARTOK em

OPERAÇÃO AMSTERDAM

Três homens e uma mulher envolvidos na mais audaciosa missão secreta! Ambiente refrigerado

CAPITÓLIO TEL. 27493

NO TERRAÇO: 21.00 (M/12 anos) Cinemascope col.

O ULTIMO GUERREIRO

c/ J. Carrol Maish

Superscope col.

O ESTUDANTE MENDIGO

com Gerhard Riedmann

AVIS Tel 47162

15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

Um filme da mais alta categoria! O mais humano flagrante da vida real

O HOMEM DOS CALÇÕES CURTOS

com **Edoardo Nevola** e **Alida Valli**

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)

21.30 (M/12 anos) Cinemascope

MIGUEL STROGOFF

com Curd Jurgens

O INCÓGNITO

com Maizetterling

CINEMA IDEAL

21.00 (M/17 anos) Cinemascope

ILHA SANGRENTA

A ABELHA MESTRA

SOBREVIVER

(Continuação da 1.ª página)

que acabaria por se quebrar numa luta desigual com o pote de ferro do mercado comum, se não procurassem de algum modo aumentar o poder de resistência da sua economia. Revestidos de uma armadura económica débil para poder resistir á concorrência que se avizinha, restava-nos apenas o recurso de aderir a um dos blocos, se quisermos evitar os graves inconvenientes de um isolamento que nos podia ser fatal.

As negociações para a nossa adesão á Europa dos Sete, que assim começou a designar-se a projectada zona de livre-cambio que se opõe ao bloco do mercado comum, conhecido pela Europa dos Seis, foram conduzidas pelo sr. dr. Correia de Oliveira com a inteligência e clarividência de que tem dado provas no desempenho das suas altas funções. De tal modo que o nosso País obteve plena satisfação para o seu ponto de vista e as particularidades da situação portuguesa, segundo o secretário de Estado do Comércio declarou, foram tidas em conta pelos outros países associados.

A adesão de Portugal á Convenção de Estocolmo impõe-nos, porém, obrigações a que não podemos eximir-nos, a mais importante das quais consiste na «necessidade de se alterar imediatamente o nosso ritmo de trabalho, hoje tantas vezes pausado e desordenado e de se abandonar o clima de protecção paternal a tudo quanto não mereça ser protegido».

Como missão imediata e específica da Secretaria de Estado que dirige, o sr. dr. Correia de Oliveira designou «o constante alargamento do mercado consumidor da produção portuguesa, venha da agricultura, da pesca ou da indústria, da Metrópole ou do Ultramar». *Uma das determinantes do alargamento do mercado seria, necessàriamente,* «o mais largo emprego da nossa capacidade de produção na satisfação das necessidades do consumo interno».

Claro que para se alcançar este objectivo, que constitui um postulado de todas as economias — seria indispensável, antes de mais nada, aumentar o poder de compra da população portuguesa, o que não se pode, evidentemente, conseguir de um dia para o outro. Uma revisão da política de salários que conciliasse os interesses da indústria com as necessidades do operário, e não afectasse as relações do patrão com o empregado, podia contribuir em larga escala para aumentar o volume de consumo interno e beneficiar, desse modo, a própria produção. Esclareceu o sr. dr. Correia de Oliveira que o facto de procurarmos conduzir o consumidor português para uma aquisição cada vez maior de produtos portugueses não representa uma contradição, nem significa que procuremos deixar de ser importadores. «Bem ao contrário— *acrescentou* —: para que o possamos ser em escala cada vez maior, precisamos de ter capacidade de poder de compra e esta está na razão directa da expansão do produto nacional».

Referindo-se ao fenómeno, tantas vezes verificado, da preferência do comprador português pelo produto estrangeiro, o sr. dr. Correia de Oliveira defendeu a necessidade de fortalecermos cada vez mais o sentimento de solidariedade que deve ligar entre si o produtor e o consumidor nacionais. E foi mais longe, afirmando: «Diante das perspectivas de evolução da política económica internacional, mal de nós se não compreendermos como nos é indispensável essa solidariedade: mal de nós se não renunciarmos ao gosto doentio de preferirmos tudo o que é imaginado e criado no estrangeiro — só porque é estrangeiro».

Ao afirmarmos, e nós próprios temos incorrido por vezes no mesmo erro de apreciação, que a preferência do consumidor nacional pelo produto estrangeiro é determinada apenas por um snobismo condenável ou gosto doentio, não somos inteiramente justos. Outras razões a justificam e essas razões baseiam-se, infelizmente, não poucas vezes, na qualidade inferior do produto nacional e na falta de seriedade que, em alguns casos, caracteriza o produtor. Este defeito não se pode, evidentemente, apontar como regra geral, pois que em muitos casos já fabricamos de modo a poder competir com a indústria estrangeira, quer em preço quer em qualidade.

O sr. dr. Correia de Oliveira apelou para o comércio no sentido de convencer o consumidor a favor do produto nacional, o que infelizmente nem sempre acontece, por falta de compreensão e até de patriotismo. «Aliás, ao tomar essa atitude — *afirmou o sr. secretário de Estado do Comércio* — só se defenderá a si próprio: o abaixamento do nível de produção interna acarretaria fatalmente uma redução do poder de compra. Veriamos, amanhã, as montras cheias de produtos estrangeiros e os estabelecimentos vazios de compradores portugueses». *Claro que um entendimento mais perfeito entre o industrial e o comerciante pode contribuir em muito para que se alcancem os objectivos nacionais que se têm em vista e que o sr. secretário de Estado com tanta franqueza como lucidez expôs no seu notável discurso.*

Cabe aqui uma palavra de agradecimento á referência que o sr. dr. Correia de Oliveira fez á Imprensa portuguesa e á justiça, por outras entidades tantas vezes recusada, que lhe fez ao pôr em destaque os propósitos que a animam de colaborar com o Governo em tudo quanto represente o interesse nacional.

A análise atenta e pormenorizada que o sr. secretário de Estado do Comércio passou a fazer á política de preços demonstra claramente o conhecimento exacto que tem do problema e deixa entrever aos interessados a esperança de que esse problema será revisto, quando a oportunidade se oferecer, de modo a pôr termo ás injustiças clamorosas que nesse capítulo se verificam em alguns sectores da produção nacional e de que é vítima, sobretudo, a lavoura, desprovida entre nós da protecção que noutros países mais ricos goza em larga medida.

O sr. dr. Correia de Oliveira reconhece, como não podia deixar de ser, que os preços de certos produtos há mais de dez anos que não sofrem qualquer alteração quando, neste espaço de tempo, os componentes do custo de produção sofreram constantes e importantes aumentos. A defesa do consumidor, a que tem necessàriamente de se atender, não pode representar, de nenhum modo, a ruina do produtor, cuja situação deve merecer igual respeito.

O sr. secretário de Estado do Comércio não escondeu as suas apreensões quanto ao futuro, dada a transformação radical que a economia europeia vai sofrer dentro de poucos anos e as incidências que essa transformação terá na economia nacional de cada país. «Se não soubermos organizar-nos para vender o que podemos produzir — *afirmou* — ou se não produzirmos o que poderemos vender, a nossa participação num vasto mercado livre, por culpa nossa e só nossa, conduzir-nos-á a uma crise grave». *E' essa crise que todos, comerciantes, agricultores, industriais, consumidores e Estado, devem preparar-se para enfrentar, sem sobressaltos depressivos, mas com decisão e serenidade. Como o vice-presidente dos Estados Unidos afirmou recentemente, durante a sua visita á Russia, também neste caso de pode dizer:* «Ou nos salvamos todos, ou nos perdemos juntos». *Aliás, a mesma ideia já tinha sido expressa, por outras ou por idênticas palavras, pelo sr. Presidente do Conselho, referindo-se num dos seus discursos ao caso português. Em face das realidades prementes da hora que passa, há que fazer, portanto, um esforço colectivo que nos permita sobreviver.*

PORTUGAL nas Nações Unidas

A fim de participar nos trabalhos da 14.ª assembleia geral das Nações Unidas, partiu para Nova York o nosso prezado colaborador prof. dr. L. M. Teixeira Pinto, que faz parte da delegação portuguesa.

Américo Aleixo foi nomeado observador pelo Ultramar

Foi nomeado, pelo Ministério do Ultramar, para fazer parte, como observador, da delegação portuguesa á próxima Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, o sr. Américo Aleixo, presidente da Associação Comercial de Luanda, e vogal do Conselho Legislativo de Angola.

SUBSECRETÁRIO dos Estrangeiros da África do Sul

E' esperado na próxima terça-feira, em Lisboa, a bordo do paquete «Angola» o sr. W. Naudé, subsecretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros da União da Africa do Sul.

Aquele estadista, que se demorará na nossa capital apenas um dia, partirá seguidamente para Nova York, onde vai representar o seu país, como embaixador, na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Em ALHANDRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECILIO AUGUSTO COSTA.

O planeta Marte *continua a atrair o interesse* dos sábios reunidos no Congresso Astronáutico

LONDRES, 5 — O Congresso Astronáutico ocupou-se ontem, muito especialmente, do problema das viagens interplanetárias. Marte continua a ser a grande atracção dos sábios da especialidade.

Para calcular as trajectórias de um voo a Marte, os especialistas tinham sobretudo em mente, até agora, diminuir quanto possível o consumo de combustível. Para isso procuravam meios de utilizar o melhor possível a força de atracção do Sol, da Terra e do próprio planeta em vista. Ontem, alguns especialistas americanos apresentaram ao congresso um novo método «de linhas de mira». O princípio deste está em manter constantemente o engenho espacial na linha recta entre o Sol e Marte, e a sua grande vantagem é simplificar muito os cálculos exigidos para as anteriores órbitas de transferência.

Outros especialistas americanos deram indicações acerca de estudos que estão a fazer há anos para determinar se os micro-organismos terrestres podem sobreviver no que se crê serem as «condições marcianas». Nasceu uma ciência nova, a «astrobiologia», que vem juntar-se á «astrobotanica» criada pelo especialista russo Gabriil Tikhov. Os trabalhos deste convenceram a maior parte dos sábios de que há vegetação em Marte. A este respeito, o congresso escutou uma comunicação do professor Schmidt acerca da observação das «manchas verdes» de Marte.

A delegação russa apresentou o relatório do professor Chklovski, segundo o qual os satélites de Marte teriam sido lançados por seres inteligentes que habitaram aquele planeta. Esta teoria teve acolhimento inicial céptico, mas hoje a opinião geral em muitas esferas científicas é menos peremptória. A maior parte dos especialistas presentes em Londres reconhecem que a teoria do professor russo tem, seguramente, interesse. — (F. P.).

Morreu súbitamente o presidente do congresso

LONDRES, 5 — O professor polaco K. Zarankiewicz faleceu repentinamente, esta manhã, quando presidia ao Congresso Astronáutico Internacional. Contava 56 anos. Foi o fundador da Sociedade Interplanetária Polaca. — (F. P.).

Um balão subiu a 45 mil metros

SIOUX FALLS (Estados Unidos), 5 — Um balão não tripulado, atingiu a altitude «record» de 46 quilómetros, com aparelhagem destinada a colher elementos para o estudo dos raios cósmicos.

O balão elevou-se com equipamento fotográfico e outros instrumentos, num total de quase 200 quilos, atingindo a altitude máxima ao fim de três horas de ascensão.

Desceu ás 23 e 10 (T. M. G.) perto de Harrison, no Nebrasca, e havia sido lançado na Base Aérea Joe Foss, em Sioux Falls.

O prof. Marcel Schein, que dirige a equipa científica que promoveu a subida do balão, declarou que os físicos nucleares tinham esperança de conseguir dados que provassem a hipótese da existência de partículas de antimatéria, com a aparelhagem fotográfica que seguiu a bordo. — (A. N. I.).

"Miguel Camarão" — chimpanzé inteligente será o pioneiro dos astronautas

LONDRES, 5. — O dr. Harald Von Beckh, director técnico do Laboratório Aeromédico da Base Aérea Holloman, nos Estados Unidos, fez revelações no décimo Congresso Internacional de Astronáutica acerca das experiências a que está actualmente a proceder sobre os voos interplanetários tripulados.

«Miguel Camarão» será o primeiro astronauta que, segundo todas as previsões, conseguirá regressar á Terra depois de ter estado a girar numa órbita fixa — declarou. «Miguel Camarão» possui uma inteligência viva e ágil» — prosseguiu — «e a não ser que mude até fins de 1960, quando estaremos provávelmente preparados para realizar uma tentativa de recuperação, será uma das personagens mais famosas de todos os tempos».

«Miguel Camarão» é um dos trinta chimpanzés que o dr. Von Beckh está a treinar na base Holloman, em preparação das viagens interplanetárias dos «Astronautas Mercurio». Deve o seu apelido ao ter nascido nos Camarões, assim como cinco dos seus companheiros.

«Tencionamos efectuar seis ou oito regressos á Terra com êxito antes de começarmos a pôr seres humanos em órbita em redor da Terra» — continua o cientista. — «E como «Miguel» é o mais esperto dos chimpanzés em treino, será provávelmente o nosso primeiro *chimponauta*. Principiaremos por submetê-lo a trajectórias balísticas, que gradualmente serão mais amplas até formarem uma órbita completa».

«Miguel» mostra grande vivacidade e executa sem dificuldade os gestos que foi ensinado a fazer quando «entra em órbita». Em vez de um quadro de instrumentos, os chimpanzés são colocados em frente de três luzes de cores diferentes. Quando se acende uma delas, devem accionar uma alavanca em menos de cinco segundos — caso contrário recebem um choque eléctrico. «Miguel» move-se com grande desembaraço dentro da cabina, mas o dr. Von Beckh tenciona determinar se esse á-vontade se manterá no ambiente desconhecido do espaço extra-atmosférico e sob condições de imponderabilidade.

O cientista descreveu também as experiências que tem realizado com uma plataforma especial, capaz de deslocar-se á velocidade dupla do som, sobre um monocarril, numa pista de mais de quilómetro e meio de extensão, construída na base Holloman. Von Beckh, que é professor de Fisiologia na Universidade do Novo México, disse que as experiências deram informações preciosas acerca do que deve fazer-se para ajustar o corpo humano á tremenda pressão que terá de suportar no momento da reentrada do satélite na atmosfera terrestre.

Com o auxílio de «Miguel Camarão», tenciona pôr á prova a cadeira contra a atracção da gravidade, que gira automáticamente de modo que o ocupante receba a maior pressão da gravidade sobre o eixo transverso ou mais forte do corpo. Nessa cadeira, muitos homens conseguiram suportar já quinze vezes a força da gravidade. No monocarril de Holloman, dois ratos brancos anestesiados conseguiram suportar cem vezes a força da gravidade.

Antigo piloto de ensaio da Luftwaffe, o dr. Von Beckh pode vangloriar-se de vinte anos de experiência na Medicina Aeronáutica. A ele se devem algumas das experiências que demonstraram a possibilidade das viagens interespaciais tripuladas por homens. — (A. N. I.).

Cadáver arrojado á praia em Santo Amaro de Oeiras

Hoje, por volta do meio dia e meia hora, as crianças que se encontram a estagiar na Colónia Infantil Dr. Pedro Teotónio Pereira avistaram a pouca distancia, á tona de água, na praia de Santo Amaro de Oeiras, o corpo de um homem.

As crianças, alarmadas, chamaram para o caso a atenção das vigilantes que estavam com elas na praia. Entretanto outros banhistas tinham avistado o mesmo corpo a boiar. Comunicado o que se passava ao Cabo de Mar este tomou uma das chatas que ali andava e dirigiu-se para o local onde o cadáver andava ao sabor da corrente do mar.

Na chata foi trazido para a praia. Uma vez ali foi chamado o subdelegado de saude, sr. dr. José da Cunha que verificou o óbito e mandou remover o cadáver para o Necrotério.

Desconhece-se ainda a identidade. Veste calça castanha com riscas azuis, camisa branca, um cinto azul com fivela branca. Calça botas amarelas, denominadas mexicanas. Aparenta cerca de 50 anos. E' bastante forte e musculoso. Apresenta vários ferimentos na cara, uma das vistas bastante inchada e sinais de equimoses no tronco e nas mãos e num dos braços. O cadáver devia andar há 3 ou quatro dias dentro de água. Três horas depois de estar na praia começou a inchar e a desfigurar-se. Vai proceder-se á autopsia do cadáver para determinar as causas da morte.

+

Maria Rosa d'Assunção Terenas FALECEU

Joaquim de Azevedo Terenas, Manuel de Azevedo Terenas e mais família participam que foi Deus Servido chamar á sua Divina Presença a sua extremosa irmã e parente e que o funeral se realiza amanhã pelas 16 horas da Igreja de Arroios para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA SRAF

DESPORTOS

FUTEBOL

Atlético-Sporting e Belenenses-Benfica

na primeira jornada da "Taça de Honra"

Numa tentativa de ordenar a actividade oficial de acordo com os interesses dos clubes, a Associação de Futebol de Lisboa resolveu organizar um torneio denominado «Taça de Honra» e que será disputado no sistema eliminatório, segundo o figurino da Taça Latina. Para o efeito, foram escolhidos os quatro clubes que representam Lisboa, com a primeira jornada assim escalonada:

Atlético-Sporting
Belenenses-Benfica

Ambos os jogos realizam-se, no Estádio Nacional, a partir das 15 horas.

Na segunda jornada, marcada para o dia 13, também no Estádio Nacional, defrontam-se, entre si, os vencidos de amanhã e os vencedores.

A ideia da A. F. L. é, realmente, feliz. Preenche a lacuna que vai da abertura da época até ao início do Campeonato Nacional e, simultaneamente, constitui um magnífico ensejo para as equipas afinarem os respectivos conjuntos.

O Atlético, que regressa esta temporada á 1.ª Divisão, enfrenta o Sporting. A forma evidenciada pelo grupo «leonino» depõe a seu favor, mas é de esperar que os Alcantarenses ofereçam uma réplica condigna. As características dos dois adversários são susceptíveis de proporcionar um embate interessante.

No segundo jogo, um «clássico» tradicional do futebol português, estão frente a frente as formações do Benfica e do Belenenses. Trata-se de um desafio de sensação que promete decorrer em ritmo alucinante tão do agrado do publico.

As exibições produzidas pelos «azuis» e «encarnados» contra o Sevilha e Oviedo não foram famosas, o que não é para admirar, visto que tanto Otto Glória como Bella Guttmann ainda não dispuseram de tempo suficiente para estruturar as novas concepções tácticas.

Todavia, amanhã, em jogo a eliminar (recorde-se que o Benfica afastou da Taça de Portugal o Belenenses) é possível, admite-se até como facto concreto, que a produção técnica esteja mais conforme com os pergaminhos de ambas as equipas.

Arriscar um prognóstico torna-se difícil. No entanto, afigura-se que o vencedor será o que demonstrar um jogo de ataque prático e persistente.

Prováveis formações

ATLÉTICO — Ramin; Tomé e Coelho; Fonseca, Germano e Correia; Ângeja, Carlos Gomes, Albano, Brandão e Apolinário.

SPORTING — Octávio de Sá; Valente e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Faustino, Vadinho, Fernando e Cafum ou Morais.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Marciano, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Matateu e Estevão.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Zézinho; Inácio, Alfredo e Neto; Palmeiro, José Augusto, Águas, Coluna e Cavém.

Como árbitros, actuam os srs. Henrique Heitor e Eduardo Gouveia.

O Torneio de Setúbal

Com os mesmos intuitos, a A. F. de Setubal proporciona aos seus clubes filiados a oportunidade de iniciarem a sua actividade. Para o efeito, também nos moldes do torneio lisboeta, realizam-se, amanhã, no campo de Santa Bárbara, os seguintes encontros:

Vitória-Almada
C. U. F.-Lusitano

Festa de homenagem

No Estádio das Antas, o internacional Monteiro da Costa será homenageado no decorrer de um festival, cujo programa engloba os jogos Espinho-Oliveirense e F. C. do Porto-Sevilha.

Em Matosinhos, defrontam-se Leixões e Sporting de Braga, em homenagem a Pacheco.

O popular «Rola», o «homem de Estarreja», será também alvo de distinção identica. Como jogo principal, figura o embate Vitória de Guimarães-Boavista.

A festa de Luís Santos

realiza-se amanhã

Ao cabo de 17 anos de actividade como jogador de futebol, 7 dos quais no Futebol Benfica, Luís dos Santos vai ter amanhã, certamente, á sua volta o ambiente de simpatia que a sua dedicação ao Clube grangeou e a que o seu desportivismo e pundonor têm jus.

O programa apresenta-se assim:

Às 14 horas — Clube Desportivo Lisboa e Aguias c. Clube Alvalade Vasco da Gama, entre equipas populares de futebol, nas quais actuam jogadores de razoável categoria;

Às 16 horas — Jogo de futebol entre as equipas de honra do Clube Futebol Benfica e Casa Pia Atlético Clube, com a apresentação das novas aquisições do clube da casa.

TÉNIS

O torneio da Praia da Rocha

PRAIA DA ROCHA, 5 — Está a despertar grande entusiasmo entre os «novos do ténis» o torneio que ontem começou nos «courts» da Praia da Rocha para a disputa de valiosos trofeus. Nas partidas efectuadas (inscreveram-se 22 jogadores), registaram-se os resultados:

«Pares masculinos» — Nuno Mergulhão-José Heitor v. Nuno da Nazarett-Hidalgo Feu, por 6-2, 0-6 e 8-6; José Farrajota-João Oliveira v. José de Antas-António Pacheco, por 6-4 e 6-2.

«Pares femininos» — Pilar Feu-Madalena Leal v. Isabel Pinheiro-Paula Lencastre, por 6-3 e 6-1; Pilar Feu-Madalena Leal v. Glória Feu-Josefina de Burnay, por 6-0 e 6-2.

O torneio continua.

FEIXE DE NOTÍCIAS

● **De passagem para o Norte, onde vão defrontar o F. C. Porto, os jogadores do Sevilha visitaram Fátima.**

● **Os clubes de Lisboa, por unanimidade, resolveram não dar o seu acordo á transmissão dos jogos de futebol pela televisão.**

● **Para o Campeonato Carioca, em jogo ontem efectuado, o Flamengo derrotou o Bom Sucesso por 2-0.**

● **O defesa Manuel Carlos rescindiu o seu contrato com o Torriense.**

● **A Académica, que amanhã defronta o Granada, no campo deste, deve apresentar a formação: Maló; Araujo e Bento; Abreu, Wilson e Torres; Samuel, Chipenda, Miranda, Jorge Humberto e Curado.**

● **O médio Vicente será amanhã o novo «capitão» do Belenenses.**

DESEMPATES

e substituições

O regulamento da «Taça de Honra», no que se refere a desempates e substituições, estipula o seguinte:

DESEMPATES — Se qualquer dos encontros terminar empatado, será prolongado, após um intervalo de cinco minutos, por um período de vinte minutos, dividido em duas partes de dez, sem intervalo. Para este período suplementar, haverá prévia escolha de campo.

No caso do empate subsistir, serão marcadas séries de três pontapés de grande-penalidade — não contam os pontapés de recarga — contra cada equipa, sempre na mesma baliza, que será escolhida por sorteio. O clube que deste modo marcar mais bolas será considerado vencedor.

SUBSTITUIÇÕES — Nos jogos desta prova, podem ser substituídos, uma vez, os jogadores que alinhem inicialmente no lugar de guarda-redes.

O acesso

ao Estádio Nacional

Para facilitar amanhã a circulação no troço em obras da Avenida 24 de Julho, nos períodos convenientes, antes e após os jogos de futebol no Estádio Nacional, a C. M. L. resolveu, a pedido da Secção de Transito da P. S. P. de Lisboa, permitir a passagem de veículos na faixa em reparação e abrir uma ligação provisória entre aquela artéria e a Avenida Infante Santo. Todavia, os automobilistas devem procurar o acesso ao campo de jogos, podendo fazê-lo, por outras vias, isto é, sem utilizar a Avenida 24 de Julho, pois devido ás obras nesta artéria, a circulação oferecerá dificuldades.

HOJE À NOITE

HANDEBOL — «Regional» de juniores na variante de sete, a partir das 20.30 horas, no recinto da Madre de Deus: Campo de Ouriquense-Oriental, Sporting-Belenenses e Benfica-Monte Pedral.

HOQUEI EM PATINS — Festa de homenagem a Armando Vilaverde, guarda-redes do Paço de Arcos, com começo ás 21 horas. O festival realiza-se no rinque daquele clube com o programa seguinte: Hóquei de Sintra-Paço de Arcos (juniores), handebol de sete entre Ginásio do Sul e Paço de Arcos e, por ultimo, em hóquei em patins, selecção de Lisboa-Paço de Arcos.

NATAÇÃO — Na piscina do Beira-Mar, em Aveiro, ás 21.30 horas, disputam-se os campeonatos nacionais de seniores e juniores.

PUGILISMO — Torneio de amadores, ás 21.30 horas, no Bairro de Inglaterra.

HIPISMO

O Concurso de Sintra continuou a disputar-se esta manhã

No campo do Sport União Sintrense, prosseguiram as provas do 12.º Concurso Hipico de Sintra.

De manhã, o programa abriu com a prova «Torres Novas» para sargentos e furriéis, que registou 15 inscrições e teve os seguintes premiados:

1.º, 1.º sarg. Inácio Guerra, na «Que foi», 49 segundos; 2.º, 1.º sarg. Inácio Guerra, no «Passapé 2.º», 51 1/5 s. e 3.º, 1.º sarg. José Marques, no .Nabor», 51 1/5. Todos sem faltas.

Seguiu-se a prova «Capuchos», com 86 inscrições, que teve de ser suspensa para prosseguir á tarde.

Nos cinco primeiros lugares estavam o cap. Xavier de Brito, no «Anómalo»; cap. Lemos Pires, na «Tulipa»; Ana Maria Ribeiro Ferreira, no «High-Society»; cadete Antóni oBarrento, no «Pinóquio»; e cap. Craveiro Lopes, no «Rovuma 2.º».

As provas continuam esta tarde.

O Torneio Miniatura

do Boa Hora

O torneio juvenil de futebol, organizado pelo Boa Hora, prosseguiu ontem perante boa assistência.

Nos cinco jogos disputados, apuraram-se os seguintes resultados:

F. C. Castrense, 2—Águias F. C. 1.

A. da Bela Vista, 4—G. D. Janotas, 0.

F. C. Ardinas, 2—F. C. Lisboa, 0.

A. Ajudense, 0—C. A. Vasco da Gama, 0.

Império do Cruzeiro, 4—R. Juventude, 2.

— Depois «disto», uma Taça de... Honra...

O Vitória de Setúbal

perdeu com o Bétis (6-0)

SEVILHA, 5 — Perante mais de trinta mil espectadores, disputou-se ontem, á noite, um encontro de futebol entre as equipas do Bétis e do Vitória de Setubal que terminou com o resultado de 6-0, favorável aos espanhois.

Os dois grupos alinharam:

BETIS—Menendez; Portu (Oliet) e Rios; Santos, Bosch e Areta (Isidro); Lasa, Kuzsman, Vila (Areta), Del Sol e Stiges (Castaño).

VITORIA DE SETUBAL — Mourinho (Libanio); Polido (Vaz) e Sidney; M. Joaquim, Alfredo e Serra; Bira, Fernandes (Jacinto), João Mendonça, Miguel (Mateus) e Inácio.

Arbitro, o espanhol Casanola.

Os Sevilhanos dominaram desde o início e, no primeiro minuto, Kuzsman abriu o activo. Os Setubalenses reagiram, mas as suas avançadas careciam de indispensável finalização. Aos 15 minutos, Lasa marcou o 2.º golo e, aos 23, Kuzsman aumentou para 3-0. Diga-se que ambos os tentos dos andaluzes foram obtidos contra a corrente do jogo.

Na segunda parte, os Espanhois dominaram, obrigando os visitantes a trabalho aturado e brilhante, em vários momentos. Kuzsman, Isidro e Lasa ,aos 6, 15 e 27 minutos, conseguiram os três ultimos golos do Bétis.

Pouco antes de finalizar o encontro, o Vitória de Setubal reagiu fortemente, registando-se algumas avançadas interessantes. Um dos ataques foi concluído com um grande tiro de Bira, que foi defendido por Menendez, quando o publico já gritava: golo!

Os melhores jogadores, no quadro do Vitória, foram Artur Vaz, Sidney, Alfredo e Bira.

Entre os Espanhois salientaram-se Rios, Bosch, Kuzsman e Lasa. — (A. N. I. e F. P.).

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Na pista do Estádio do Restelo, o Belenenses organiza, ás 9 e 30 h., um torneio para sócios e simpatizantes com as seguintes provas: 80 m., 150 m., 700 m., 2.000 m., 83 m., barreiras, altura, comprimento e peso.

— O Sporting, também promove na pista do Estádio de Alvalade, ás 9 e 30 horas, um torneio para sócios e simpatizantes dos 14 aos 19 anos, com provas de 80 e 2.000 metros, peso, comprimento e vara.

CICLISMO — O Sangalhos Desporto Clube promove, ás 16 e 30 h., com a participação dos melhores corredores da actualidade, o «Circuito das Vindimas» — prova em linha, que inclui 70 voltas ao parque da Curia, na distancia de 70 quilómetros.

DESPORTO CORPORATIVO — Em Tomar, ás 18 horas, final do Campeonato Nacional de Hoquei em Patins da F. N. A. T., entre as equipas da E. Cimentos de Leiria e C. P. das Fundições do Rossio de Abrantes.

GINCANA — O Sport Tortozendo e Benfica, realiza, ás 15 horas uma gincana de automóveis, fazendo-se a distribuição dos prémios ás 21 e 30 h. no decurso de um espectáculo de variedades.

HIPISMO — O 12.º Concurso Hípico Oficial de Sintra tem a sua ultima jornada, no campo do S. U. Sintrense, com a assistência do Chefe do Estado ás provas da tarde, entre as quais sobressai o «Grande Prémio».

A's 9 e 30 h. disputa-se a prova «Castelo dos Mouros», para cavalos sem «handicap»; a partir das 16 h.: prova «Colares» (cavalos com «handicap») que não participem no «Grande Prémio»), prova «Lagoa Azul» (reservada a cavaleiros juniores, em regularidade) e prova «Grande Prémio de Sintra». A fechar — uma gincana para meninas e meninos de 10 a 14 anos.

HOQUEI EM PATINS — A contar para o campeonato regional do Sul, da 1.ª Divisão, disputa-se, á tarde, o encontro Hoquei de Sintra-Cascais.

NATAÇÃO — Na piscina do Sport Clube Beira-Mar, de Aveiro, a partir das 21 e 15 horas os campeonatos de Portugal têm a sua 2.ª e ultima jornada, com o seguinte programa: 100 m., costas (masc.); 100 m. livres (fem.); 1.500 m. livres (masculino); 200 m. bruços (fem.); 200 m. mariposa (masc.); 400 m. livres (fem.); 100 m. livres (masc.); 4×100 m. estilos (fem.); 4×200 m. livres (masc.).

PEDESTRIANISMO — A Associação Desportiva de Oeiras, promove uma prova pedestre destinada a «Populares», a qual denominou «II Circuito de Oeiras.»

Esta prova que está integrada nas comemorações do II Centenário do Concelho de Oeiras, é patrocinada pela Camara Municipal com a oferta de 3 taças.

— Em Linda-a-Velha, disputa-se, ás 17 horas, uma prova popular, na distancia de cinco quilómetros.

PESCA DESPORTIVA — Em Tomar, disputa-se o 8.º «Concurso do Rio Nabão», organizado pelo Sporting Clube de Tomar.

TENIS — Os Campeonatos Internacionais do Estoril, têm a sua derradeira jornada nos «courts» do Parque do Estoril. O programa só será conhecido depois dos resultados que hoje se verificarem, mas estão previstas para de manhã as meias-finais das provas de pares-homens e pares-mistos e para a tarde as finais de todas as provas.

TIRO AOS PRATOS — O Clube de Caçadores do Cadaval (em organização) promove, a favor do hospital da Misericórdia local, um torneio de tiro aos pratos, com uma «prova de ensaio» e prova «Hospital da Misericórdia do Cadaval» — ambas em prancha, a 2 tiros, ás 14 e ás 16 horas, respectivamente.

VELA — Ao largo de Algés, tem a sua 2.ª jornada o Torneio Anual de «snipes» da Mocidade Portuguesa, com a participação de velejadores de Lisboa, Porto, Olhão, Portimão, Lagos e Setubal.

Uma bandeira nacional

entregue pelo ministro do Exército aos alunos do Colégio Militar que vão desfilar no Rio de Janeiro

A convite do ministro da Guerra do Brasil, sr. marechal Teixeira Lott, uma representação do Colégio Militar parte hoje, ás 22 horas, a bordo de um avião da «Panair», para o Rio de Janeiro, onde tomará parte no desfile das Forças Armadas brasileiras, que se efectua depois de amanhã no Rio de Janeiro, comemorando a Festa Nacional do Brasil. O agrupamento colegial, que durante a sua permanência naquela capital será hóspede do Colégio Militar do Rio de Janeiro, é constituído por 30 alunos do 7.º ano, escolhidos entre os melhores, com exemplar comportamento e as mais elevadas classificações.

O director do Colégio Militar entrega o guião

Acompanham a deputação do Colégio Militar, chefiando-a, o respectivo director, sr. brigadeiro Raul Pereira de Castro; o comandante do Corpo de Alunos, sr. major Fernando Nogueira Freitas; e os professores capitão dr. Julio Martins e António Stott Howarth.

Naquele prestigioso estabelecimento de ensino realizaram-se hoje, de manhã, cerimónias de despedida dos alunos, bem como a entrega da bandeira e do guião do Colégio, actos que foram precedidos de missa pelo bom êxito da viagem.

A cerimónia decorreu na capela privativa do Colégio e foi celebrante o rev.º capelão Braula Reis, que na altura própria proferiu uma breve alocução sobre o significado da cerimónia e da viagem.

Estiveram presentes os oficiais e os alunos que tomam parte nesta missão, bem como muitas pessoas das respectivas famílias.

A' elevação, um clarim tocou a marcha de continência.

Ladeavam o altar a bandeira e o guião, com as respectivas escoltas.

Terminado o acto religioso, os alunos, em grande uniforme e devidamente armados, formaram no claustro, vendo-se próximo a fanfarra do Colégio.

Depois dos alunos terem apresentado armas ao ministro do Exército, o sr. coronel Almeida Fernandes fez a entrega da bandeira nacional ao aluno n.º 218, Roldão de Barros, e o sr. brigadeiro Raul Pereira de Castro entregou o guião ao aluno 268, Beja da Silva.

Seguidamente, os porta-bandeiras, com as respectivas escoltas, voltaram-se para a formatura de alunos, seguindo-se a continência á

O ministro do Exército entrega a bandeira nacional

bandeira, ao som de uma marcha militar.

Depois, a formatura desfilou em continência.

Por ultimo, o ministro do Exército, com o seu chefe de gabinete, sr. major Pinto Bessa, acompanhado pelo director do Colégio e pelos oficiais que se encontravam presentes, dirigiram-se para o novo edifício do internato, onde na escadaria que lhe dá acesso assistiram novamente ao desfile dos alunos que constituem aquela delegação.

A NOSSA CAMPANHA DE SEGURANÇA NO TRÂNSITO

A ignorância das regras e a imprevidênci

causam anualmente mais de seis mil de acidentes de viação e

Um, em cada três mortos em acidentes de viação, perde a vida por faltas imputáveis a peões. A proporção é ainda mais alarmante quando se considerem apenas os acidentes de que resultaram lesões não mortais: um em cada dois feridos nas nossas estradas ou nas ruas das nossas cidades e vilas foi vítima de violações das regras de transito cometidas por peões.

Estes numeros seriam suficientes, só por si, para justificar a urgência de se promover uma larga e persistente educação dos peões. Há que fazer desaparecer, como afirmou ao nosso jornal o presidente do Automóvel Clube de Portugal, sr. dr. Mário Madeira, a oposição entre o automobilista e o peão. Uns

Junto ao cruzamento da Rua da Misericórdia com o Largo de Camões: em dez peões que vão a atravessar a rua, há apenas um que, cumprindo com as regras de transito, segue pela faixa de passagem para peões. Um exemplo da anarquia do nosso transito, responsável, todos os anos, por grande numero de mortos e feridos

RAPSÓDIA SUECA — (8)

A vida dos universitários

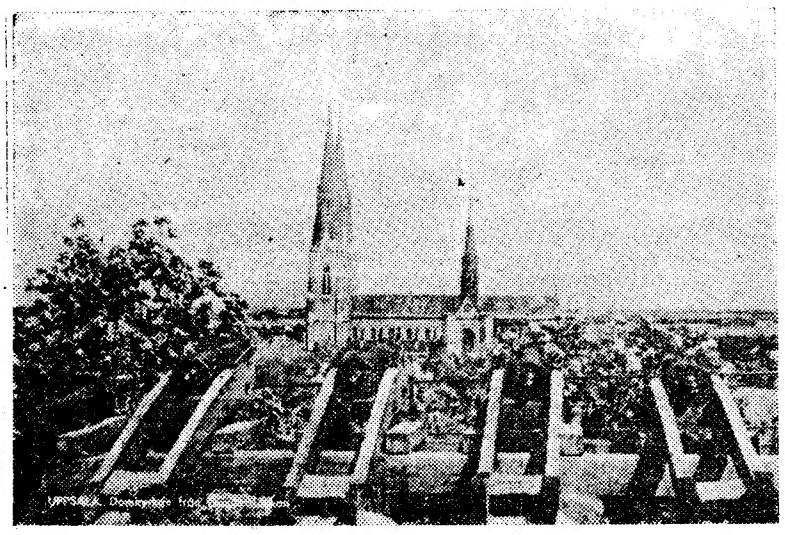
O Verão embriagava-se com a natureza quando alcançámos Lund, cidadezinha encantadora incrustada numa vasta zona de frondosidade florescente, que oferece a sugestão de construida com o cuidado imaginoso de se não macular aquele paraíso todo feito de abetos, eucaliptos e flores, que domina o conjunto e quase camufla as poéticas casinhas rusticas de madeira escura e longos telhados em bico. A cada passo se deparam em Lund quadros que parecem recortados daqueles postais que é costume receber pelo Natal.

O nosso amigo Hans-Fredrik lá estava, orgulhoso pela oportunidade de nos apresentar o seu refugio de paz e meditação, o lugar onde ele e mais seis mil estudantes vivem a sua espinhosa carreira universitária. Os outros tinham-se ido, era tempo de férias, mas ele restara por nós. Hans-Fredrik Lindholm é aquele jovem sueco que fala correctamente dezassete idiomas, incluindo o português, e conhece mais onze, e que o «Diário de Lisboa» entrevistou em Outubro do ano passado. Dois dias em amigável convívio bastaram para recolher uma boa soma de curiosidades sobre a vida universitária sueca, mas fizeram nascer em nós a angustia de por ali deambularmos sem limitações...

* * *

Quase na costa Ocidental, Lund é, com os seus 46 mil habitantes, a segunda cidade universitária da Suécia, depois de Uppsala, que tem 65 mil pessoas e que também visitámos. Esta conserva uma fisionomia mais clássica e um património histórico de incalculável riqueza. Na seu majestoso castelo, começado em 1540, viveram vários soberanos uma existência agitada. Entre as suas paredes abdicou a célebre Cristina da Suécia e o cruel rei Erik assassinou pessoalmente diversos membros da tradicional família Sture. No seu terreiro, de onde se avista um panorama deslumbrante da região, está desde 1588 um relógio que todos os dias, ás 6 da manhã e ás 9 da noite, toca ainda, em memória da rainha Gunilla. A catedral de Uppsala, em puro estilo gótico, iniciada em 1250, é, com as suas dimensões de 118,70 metros de comprimento, 45 de largura e 30 de altura, a maior de toda a Escandinávia e a sede do arcebispado. Os seus recantos recordam factos transcendentes da história da Suécia. De 1528 a 1721 todos os reis foram ali coroados. Uma caixa de prata contém os restos de Santo Erico, patrono do reino, assassinado em 1160, á saída da missa. Num imponente e artístico sarcófago de mármore estão os corpos do rei-conquistador Gustavo Vasa e das suas duas esposas. Noutros tumulos, gloriosas figuras, como as do naturalista Lineu e do arcebispo protestante Söderblom. A biblioteca da Universidade é a mais importan-

(Continua na 14.ª página)



Do terreiro do castelo avista-se a majestosa catedral de Uppsala, a maior de toda a Escandinávia e a de mais rica tradição histórica da Suécia

O "Diário de Lisboa" oferece amanhã mais um "Domingo Feliz!"

Há onze semanas, que os domingos dos veraneantes lisboetas se enchem de um novo atractivo. Para além do gozo natural de uma vida ao ar livre, sob o Sol ardente, respirando o ar iodado das praias ou a brisa fresca que corre entre as árvores dos pinhais, uma «chuva» de prémios está agora ao alcance de todos. Graças á iniciativa «Domingo Feliz», do «Diário de Lisboa», doze pessoas, das que procuram quebrar a monotonia da vida quotidiana e partiram para as praias da Costa do Sol, para a Caparica ou para Sintra, são contempladas com valiosos prémios, oferecidos por diversas empresas. Amanhã, a sorte voltará a designar 12 pessoas para quem o domingo será ainda mais feliz, distribuindo entre elas os prémios que hoje indicamos.

1.º prémio de Sintra do domingo passado

Esteve hoje, na nossa redacção, a sr.ª D. Fernanda Rocha Neves Ribeiro, de 26 anos, a quem coube o 1.º prémio de Sintra: um gira-discos automático da afamada marca THORENS, representada pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

— Fiquei satisfeitíssima — diz-nos a premiada — Gosto muito de musica e fazia tenção de comprar um «pick-up».

— Quando soube que tinha sido premiada?

— A' noite e mesmo antes de comprar o «Diário de Lisboa». Um amigo do meu marido telefonou a dizer-nos que eu fora premiada. Vi o vosso fotógrafo na estação, mas nunca pensei que ganhasse.

— Costuma ter sorte?

— Nenhuma. E' a primeira vez que ganho um prémio!

Depois afirma:

— Tem graça que para mim, foi o domingo mais agradável deste Verão. E o vosso prémio veio ainda torná-lo melhor.

O prazo de entrega dos prémios

Terminou hoje, ás 17 horas, o prazo de entrega dos prémios referentes ao concurso do domingo passado. Os contemplados de amanhã deverão, igualmente, respeitar o prazo de entrega dos prémios que é, como se sabe, de seis dias.

Prémios SINTRA

1.º — Um fogareiro CIDLA, um forno MINHON-PLUMA para assados e bolos da Casa Pires, conhecida casa de louças do Calhariz, produtos representados pela firma Vilarinho & Sobrinho, Lda., e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2.º — Produtos SCHWEPPES e 2 caixas de bombons e rebuçados RAJÁ.

3.º — Um lote de produtos de salsicharia da fábrica AVEIRENSE, LDA.

4.º — Flores plásticas da Papelaria Vasconcelos, Lda.

Prémios COSTA DO SOL

1.º — Uma viagem de ida e volta ao Porto nos aviões da TAP, com estadia num dos melhores hotéis do Norte e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2.º — Duas caixas de sabão activado SONASOL, o sabão da lavadeira.

3.º — Compras no valor de 300$00 na firma Fabricampo, Lda., a casa especializada em campismo.

4.º — Duas caixas de bombons e chocolates RAJÁ.

Prémios COSTA DA CAPARICA

1.º — Uma bicicleta VILAR fornecida pela firma Ciclo-Areeiro e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2.º — Dois candeeiros de mesa de cabeceira da firma Barros Queirós e uma boneca da casa ROSARINHO

3.º — Um aparelho de massagens VIBRETE, oferecido pela Sociedade de Representações Lisbafro, Lda.

4.º — Um bilhete inteiro para a Lotaria da CASA CAMPIÃO.

O Mundo conhece de há muito a «PRECISÃO» dos relógios

Junghans

Peça-os nas relojoarias e ourivesarias

Escola Académica

Com mais de um século de existência
(Fundada em 1847)
Condecorada com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Publica

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS:
Liceal e Comercial (completos), Ciclo Preparatório, Admissão aos Institutos, Instrução Primária e Infantil

INTERNATO E EXTERNATO (Sexo masculino)
Largo do Conde Barão, 47 (Palácio Condes de Pinhel)
Lisboa — Telef. 662430
(ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS)

de trânsito
a dos peões
vítimas
m todo o País

e outros, desde que estejam conhecedores das regras do transito e não sejam estupidamente temerários ou inconscientes, têm os mesmos interesses, a mesma necessidade e o mesmo desejo de segurança.

E' necessário fomentar nos automobilistas a consciência das suas responsabilidades, fazer-lhes compreender que o rigoroso cumprimento do Código da Estrada é uma condição da sua própria segurança. Paralelamente, é, também, necessário que se realize um grande esforço no sentido de se modernizarem as nossas estradas e de se alargar a acção e a eficiência da acção educativa e fiscalizadora dos agentes da Polícia de Transito. Mas tudo será pouco se não houver identica acção junto dos peões. Há que ensinar as regras de transito, na escola primária, no ensino médio, durante a prestação do serviço militar, nos locais de trabalho; há que chamar a atenção para as trágicas consequências dos acidentes de viação; há que criar a consciência da responsabilidade que cabe aos peões em milhares de acidentes na estrada ou nas ruas de Portugal.

Acidentes causados por distracção dos peões

Em 1958, os peões foram responsáveis por 193 acidentes mortais e 6.045 acidentes de que resultaram lesões não mortais. Por distracção dos peões, morreram 56 pessoas e ficaram feridas 2.463. Quantos peões pensam nas trágicas consequências que pode ter um momento de distracção ao atravessar uma rua ou ao seguir ao longo de uma estrada? No entanto, uma em cada dez pessoas mortas em acidentes de viação, de que foram responsáveis condutores ou peões, perdeu a vida por uma distracção de um peão.

Setenta e seis mortos e feridos por embriaguês

A embriaguez foi a causa predominante de 5 acidentes mortais e 71 acidentes de que resultaram ferimentos. Nas aldeias e vilas da nossa província é particularmente frequente que pessoas embriagadas, ou grupos de pessoas embriagadas, caminhem aos tombos em plena estrada, sem consciência do perigo mortal que correm.

E o perigo é ainda maior por estes casos se verificarem especialmente á noite, após um jantar bem bebido ou, mais vulgarmente, de-

(Continua na 13.ª página)

Em Santo Amaro de Oeiras, uma das praias mais concorridas em todo o país, faltam tuneis e faixas de passagem para peões em numero suficiente e em locais convenientes. Todos os dias se repetem, por isso também por imprudência, as correrias de senhoras e crianças nos intervalos entre automóveis a grandes velocidades. Aí a principal responsabilidade não pertence ao peão nem ao automobilista mas á falta das passagens necessárias. Não se poderá resolver este caso?

Para evitar que os peões atravessem a estrada marginal quando se dirigem para a praia de Carcavelos, cortando o transito e expondo-se a um acidente, foram construidos dois tuneis bem situados e muito espaçosos. No entanto, todos os dias, e especialmente aos sábados e domingos, se repete esta cena: grupos de peões atravessam despreocupadamente a estrada, cegos para o perigo que correm

"Cheques de garagem"
para os automobilistas alemães

BONN, 5 — A partir do dia 1 de Outubro, o automobilista alemão poderá adquirir nos bancos, caixas económicas ou quaisquer outros estabelecimentos de crédito, um livro de cheques que lhe permitirá comprar gasolina ou mandar proceder á limpeza do seu carro, sem que para isso necessite de moeda corrente.

Tais «cheques de garagem» podem ser utilizados para encher o depósito, para pagamento de produtos á base de óleos minerais, ou para pagamento de trabalhos de limpeza ou fornecimento de óleos, habitualmente efectuados nas garagens. Não permite, porém, que se comprem peças ou pneus, nem que se mande proceder a reparações.

Cada caderneta contém 10 cheques e uma requisição de nova caderneta. Valor máximo por que pode ser preenchido o cheque — 50 marcos (cerca de 350 escudos). — (A. N. I.).

Está preso
em Viseu
o falso médico
que será julgado
em tribunal militar

VISEU, 5. — O caso do falso médico, que tanta tinta tem feito correr, mercê das rocambolescas aventuras do seu protagonista, vai agora ter o epílogo no Tribunal Territorial Militar de Viseu. Desta forma se conhecerá como o falso médico punha em prática os planos mais audaciosos numa série de aventuras espantosas a que não faltam sequer crimes por deserção militar, e falsa identidade.

Entretanto, o falso médico, de seu nome completo Manuel Rodrigues Machado, soldado n.º 159 C. P., está nesta cidade, onde deu entrada no Presídio Militar. Para que não se verificasse nova fuga, a sua condução desde a Companhia Disciplinar de Penamacor até Viseu rodeou-se dos maiores cuidados, a fim de evitar que o seu poder de insinuação e as suas artimanhas pudessem dar origem a que o falso médico se desembaraçasse da escolta. A vigilancia foi quase implacável e, assim desta vez, chegou ao ponto de destino. Durante o trajecto, o falso médico, não foi deixado só um unico minuto, fossem quais fossem as suas exigências.

Entretanto, o falso médico já compareceu no Tribunal Militar, onde foi demoradamente interrogado pelo sr. dr. Julio Amarelo, conservador do Registo Predial, o qual está a desempenhar as funções de juiz auditor.

Logo que finde o período de férias judiciais, o soldado Manuel Rodrigues Machado, terá que sujeitar-se ao Código de Justiça Militar.

A construção do aeródromo
na ilha de Porto Santo
e as ligações aéreas
com o arquipélago da Madeira

Foi já promulgado o decreto-lei que estabelece as medidas de excepção, determinadas pela urgência do restabelecimento das ligações aéreas com o arquipélago da Madeira, a resolver em primeira fase pela construção do aeroporto de Porto Santo, tal como, em comunicado fornecido em Maio á Imprensa, o ministro das Comunicações delineara.

Evidentemente, a construção do aeródromo de Porto Santo não adia nem dispensa, de forma alguma, a construção do aeródromo de Santa Catarina, porquanto a conjugação dos dois é imprescindível para garantir o apoio aeronáutico do arquipélago da Madeira.

Estabelece, pois, o referido diploma — que entra imediatamente em vigor — um regime especial que, embora salvaguardando os direitos dos expropriados, permite adquirir os terrenos necessários á execução da obra com dispensa das difíceis e morosas diligências da lei comum, medida indispensável para que o aeroporto venha a executar-se em prazo muito breve (conclusão para Novembro de 1960), tal como a presente deficiência de comunicações impõe.

Prevê ainda este diploma a isenção de direitos de importação e exportação de todos os materiais destinados á construção e equipamento do aeroporto.

Este conjunto de disposições, do maior interesse para a rápida solução do problema das ligações aéreas com o arquipélago da Madeira, enquadra-se nas directrizes estabelecidas pelo ministro das Comunicações, dentro de um plano geral que implica a construção de dois aeroportos complementares, um na Madeira e outro em Porto Santo, fórmula técnica que asseura de maneira regular e definitiva o tráfego aéreo.

O ministro das Corporações
visitou hoje
a Casa do Povo de Magueija

Vários problemas da Casa do Povo de Magueija, no concelho de Lamego, em especial relativos á acção médico-social e á habitação dos trabalhadores agricolas, foram tratados numa reunião efectuada hoje, ali, sob a presidência do ministro das Corporações.

O sr. dr. Veiga de Macedo era aguardado, naquela Casa do Povo, pelos dirigentes daquele organismo e da Junta de Ferguesia local e pelo delegado do I. N. T. P. do distrito de Viseu, dr. João Moreira, e ainda pelos presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lamego, sr. dr. Justino Pinto de Oliveira e António Montenegro.

No decurso da reunião, foram tomadas medidas destinadas a expandir as diversas actividades de carácter social e cultural da Casa do Povo de Magueija.

Alfredo Vieira Pinto

Por alma do nosso inesquecível amigo sr. Alfredo Vieira Pinto, rezaram-se hoje, 7.º aniversário da sua morte, na basílica dos Mártires, missas de sufrágio, mandadas celebrar pela família e pela Renascença Gráfica. No altar-mor oficiou o rev. Sérgio Vieira, e no altar das almas o rev. Geraldes Fatela, e assistiram pessoas de família, amigos, elementos de todas as secções do «Diário de Lisboa» e representantes de outros jornais.

Serviços sociais
das Forças Armadas

Foi nomeado secretário geral dos serviços sociais das Forças Armadas o tenente-coronel do C. E. M., sr. Augusto da Silva Viana.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Em Portugal continental, o vento era fraco de Noroeste, o céu estava limpo e havia neblinas em algumas regiões do litoral oeste do continente por acção de uma massa de ar seco transportada na circulação de uma depressão de origem térmica centrada sobre a Espanha.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Bragança, 9°; Porto e Coimbra, 11°; Lisboa, 16°; Faro, Ponta Delgada e Funchal, 20°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS HOJE, A'S 10 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 19°,7; na água do mar, 17°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 28°,7; mínima, 15°,1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24°,1; mínima, 18°,5.

PREVISÃO ATÉ A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Bom tempo, com céu geralmente limpo, vento fraco de Noroeste, por vezes moderado nas regiões do litoral oeste, neblinas matinais, pequena subida de temperatura.

Apenas duas multas
por excesso de velocidade
na estrada marginal

Na estrada marginal Lisboa-Cascais, prosseguiu hoje a especial acção fiscalizadora e educativa que tem estado a ser exercida pela Polícia de Viação e Trânsito.

Como largamente anunciámos, terminou já o sistema de avisos preventivos, sendo punidos, sem qualquer excepção, todos os que violam os limites de velocidade impostos pela grande densidade do trânsito. No entanto, são em pequeno numero as multas que a P. V. T. tem sido obrigada a aplicar, o que demonstra o êxito da acção educativa desenvolvida por aquela corporação. E não há duvida que para o melhor cumprimento das regras de trânsito terá contribuido também poderosamente a nossa campanha de segurança rodoviária.

Hoje, até ao princípio da tarde, apenas haviam sido multados dois automobilistas que excederam os limites de velocidade. Esperemos que o numero não seja maior amanhã, de modo que a estrada marginal se torne num exemplo para todo o País.

Nova vitória
do português «Sota»
nos Estados Unidos

OAKLAND, 5 — O pugilista português, Fernando Gonçalves (Sota) conseguiu nova vitória nos Estados Unidos, desta vez derrotando por K.O, num combate que entusiasmou o publico, o norte-americano «Baby» Rios.

No combate anterior, «Sota» vencera o méxico-californiano Al Vega, no Auditório de Richmond, perante numerosa assistência. Marcando nitida superioridade, o português ganhara pontos em todos os oito assaltos, que lhe foram atribuidos por unanimidade. — (A. N. I.).

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO
PRATA DE LEI — SÓ PELO PESO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO, na casa Joaquim R. Amaro.

TERMAS DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

Faça do seu lar um ambiente de bom gosto, decorando-o com lindas pratas da
Ourivesaria SANTA FILOMENA
Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C (frente portão do Jardim Zoológico)

DENTES COMO ESTES SÓ COM PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

FRIGIDAIRE
Ar Condicionado
Diniz M. d'Almeida, Lda.
Av. Liberdade, 216
Telefones 732152/3/4

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata, 257

Diz o medico...

(Continuação da 1.ª página)

modernos, chegam para exemplificar sua existência e extensão: nos Estados Unidos mais de seis milhões de indivíduos sofrem de «hay-fever», febre dos fenos; mais de três milhões de asmáticos clamam e procuram alívio, recorrendo desesperadamente às drogas que encontram ou lhes aconselham.

Nos serviços de urgência, Hospitais, Bancos, Clínicas, são socorridos por ano mais de quatro milhões de doentes com indigestões, motivadas pelas mais variadas causas alérgicas.

Arranco de uma estatística recente, com poucas semanas, esta nota cientificamente curiosa e, ao mesmo tempo, alarmante: seiscentos mil eczemas e dermatites alérgicas.

Doenças alérgicas ou atópicas vulgares: febre dos fenos, asma, urticárias, eczemas, dermatoses várias. «poison ivy» (Estados Unidos), enxaquecas e «migraines».

E, contudo, tem séculos de existência a chamada doença do século XX, enfermidade que tanto preocupa os investigadores de vanguarda e os médicos que, todos os dias, são assediados pelos doentes. Proust, um dos maiores romancistas de todos os tempos, foi uma das grandes vítimas da alergia. Já não me recorda quem afirmou que a poesia é a «expressão escrita da alergia». Não me recorda e talvez o crítico, cujo nome olvidei, tivesse razão.

A história da alergia tem cabelos brancos: é tão velha como o Homem.

Lucrécio, antes de Cristo, e Galeno registaram casos de hipersensibilidade. O Talmude da Babilónia dá indicações precisas e correctas quanto à forma de combatermos as intoxicações intestinais provocadas pelos ovos. Tem de tudo este livro e a sua leitura é aconselhável e sempre proveitosa. Os médicos e investigadores da Idade Média registaram ataques de asma e de coriza em indivíduos que não suportavam a vizinhança de flores, de inúmeros arbustos e árvores. Até a ipecacuanha foi responsabilizada por muitos dos ataques.

Denis, em 1667, e Magendie, em 1839, registaram e descreveram os primeiros casos de anafilaxia experimental. Foi, porém, Richet o primeiro investigador a ver o problema da alergia de uma forma ampla e proveitosa.

Arthus (1903) demonstrou que a administração local de soro era seguida, nalguns enfermos, de alergia local ou focal.

Besredka, do Instituto Pasteur de Paris, passados quatro anos sobre esta observação, estuda a antianafilaxia e o grande von Pirquet, de Viena, (1874-1929) lança as bases clínicas da moderna alergia ou atopia.

Foram von Pirquet e Schick, de Viena, os autores da primeira monografia detalhada sobre este problema clínico: os dois vulgarizaram o nome de alergia ou alteração da capacidade intrínseca de reacção.

Von Pirquet (1910) dá um passo em frente: utiliza a reacção à tuberculina, usando pela primeira vez o método das escarificações cutâneas.

Quinze anos antes, Blackley chamara a atenção para a prova dos testes cutâneos com o pólen, mas o processo proposto caíra totalmente no olvido. Não atraíu a atenção dos médicos.

Só á volta de 1910, Meltzer arrisca a hipótese de a asma pertencer ao grupo das afecções anafiláticas. Passados quinze anos, Duke agrupou as hipersensibilidades ao frio, ao calor à pressão, aos raios solares no vasto departamento das alergias físicas.

Tornar-se-ia longo citar todos os investigadores: seria, porém, injusto esquecer os nomes de Jadassohn e Bloch, Sulzberger e Shwartz, Urbach e Gottlieb, Vallery-Radot e Heimann. «As Hipersensibilidades Específicas nas Afecções Cutâneas» (1930), de Vallery-Radot, livro que passou desapercebido, marcou, no capítulo especial da alergia, uma época activa de investigação e progresso.

O homem e suas alergias peculiares constituem uma bizarra, estranha combinação. Drogas, alimentos, vestuário, tudo quanto o homem ingere ou usa e muitas outras substâncias úteis a um determinado grupo de indivíduos são perigosas ou mortais para outros.

Cada um possui a sua capacidade de reacção (alergia); esta reacção é peculiar a cada um de nós (idiosincrasia). Será peculiar à própria vida? Terá uma ou mais causas? Estará dentro ou fora de nós?

Se de facto tem uma causa, se alergia tem seus fundamentos, descoberta a causa será possível, dentro de um período mais ou menos longo, encontrar o remédio?

Há quem aponte, e com carradas de verdade, a maneira artificial como vive e reage o homem de hoje; quem responsabilize, e muito bem, essa artificialidade de todos os nossos males, somáticos e psíquicos.

O ser humano ingere, a cada momento, drogas e alimentos preparadas artificialmente. Existem por aí cozinhas que são autênticos laboratórios. Reage a essas drogas e a esses alimentos de uma forma peculiar e bizarra. Por eles é arrastado a vencer situações penosas e difíceis. Muitos perderam, devido ao progresso, as condições natas de adaptabilidade. Poucos suportam já as bruscas diferenças de temperatura. A pele do homem civilizado modificou-se, perdeu defesas naturais.

Não são só a aspirina, as sulfamidas, os antibióticos, os compostos de arsénio as responsáveis por muitos casos de alergia.

O plástico suportado por alguns não é tolerado por outros. A pulseira de plástico e a meia de fio «nylon» são as causas de muitas alergias. A ausência de vitaminas, na ração diária, é a responsável de muitas outras. Só há poucos anos, médicos e doentes perceberam que as vitaminas são essenciais à vida.

Será o factor hereditariedade responsável por muitas hipersensibilidades? Rara é a família em que se não aponte um caso de alergia. Referi casos comezinhos; outros existem mais complicados, os que preocupam de perto os investigadores.

Os anti-histamínicos e a cortisona podem aliviar o sofrimento de alguns infelizes.

É bem possível que, dentro de pouco tempo, conheçamos as causas e tenhamos à mão a droga salvadora, a droga maravilhosa. Mais uma a juntar a tantas que existem já no vasto arsenal médico.

O problema continua em equação. Apaixona os investigadores de todo o Mundo. Não admira! Todos estão à espera da solução.

A. d'E.

A CONFERÊNCIA
dos produtores de café
em Londres

LONDRES, 5. — A conferência dos produtores africanos de café terminou nesta capital. O comunicado, publicado após os dois dias de discussões entre peritos governamentais e privados da Grã-Bretanha, França, Bélgica, Portugal e Etiópia, declara ter-se tratado de uma simples troca de pontos de vista, antes da reunião do Grupo de Estudos, de Washington, e acrescenta que os delegados aprovaram certas recomendações que devem ser formuladas nessa reunião.

O comunicado não diz, na realidade, nada de novo e, á luz das indicações dadas antes da conferência, nos meios autorizados britanicos, é-se levado a crer que os «Cinco» não chegaram a pôr-se de acordo quanto á esperada «solução de reserva». — (F. P.).

O "Rallye" de Monte Carlo
efectua-se em Janeiro

MONTE CARLO, 5. — O 29.º «Rallye» Automóvel de Monte Carlo será disputado de 20 a 25 de Janeiro de 1960.

Os itinerários impostos pelo regulamento terão como pontos de partida: Lisboa, Atenas, Glasgow, Haia, Francfort, Paris, Roma, Oslo e Varsóvia. — (F. P.).

Rosa dos Ventos

Foi-lhe fatal o gesto heroico. Ivor Pinder vivia feliz, sem dificuldades financeiras, com uma mulher encantadora e quatro miudos ruivos e saudáveis, numa vivenda deliciosa do condado de Kent. Era um homem normal, nem muito ousado nem muito tímido, nem genial nem cretino. Vivia despreocupadamente, mas tinha um calcanhar de Aquiles: não podia ver uma vespa sem tremer de nojo... ou de pavor. Pois bem, há dias, estando a senhora Pinder a podar umas árvores no seu jardim, eis que lhe surge pela frente nada menos do que um tremendo vespeiro. Que faz então o sr. Pinder? Num rasgo de coragem, vence a sua relutancia em se aproximar dos ferozes insectos e avança em socorro da esposa, já rodeada de zumbidos ameaçadores. Uma das vespas volta-se para o novo inimigo, a quem a senhora Pinder recomendava debalde que se afastasse, e pica-o num dedo. Foi o bastante. Ivor, comocionado, teve uma síncope... e não tornou a despertar.

*

Um caso extraordinário, que raia pela inverosimilhança (mas é a própria Imprensa brasileira mais conspícua que lhe garante a autenticidade). Foi no Rio de Janeiro. Num morro, uma víbora mordeu. Humberto Meneses Cotrim. Enfurecido, este respondeu ao ataque, mordendo, por sua vez, a serpente... E — estranho resultado — o homem salvou-se, quem morreu foi a víbora.

*

O grande pintor francês, de origem russa Marc Chagall, foi convidado a decorar os vitrais da sinagoga da nova Universidade hebraica de Hedanah, que está a ser construída perto da aldeia de Ain Karem, a Oeste de Jerusalém. Ninguém melhor do que o doce imaginário judaico, senhor de uma tão aérea paleta onírica, poderia criar nesse remoto templo, cheio de fantasmas sagrados, o maravilhoso biblico...

*

O mês de Agosto, que afasta dos jardins e das praças de Paris as mamãs e as crianças, os namorados irrequietos e gentis, chama aos bancos desses locais abandonados estranhas figuras romanticas, criaturas singulares de outros tempos, excentricamente vestidas, que buscam o silêncio, a paz das frondes solitárias, a doce brisa do Verão. Para eles, o Paris de Agosto é o mês das férias ideais.

*

Uma mulher escultural está deitada na areia cálida de uma praia da moda. Todas as atenções próximas se concentram nela. Três cavalheiros distintos, notando que ela suspira, metem conversa...

— Porque suspira, minha beleza?

Ela, que é vedeta do «écran», explica que lhe faltam muitas coisas indispensáveis. Três, por exemplo: um carro descapotável, um colar de pérolas e (sorri), um baralho de cartas... para as suas paciências.

No dia seguinte, a deliciosa «estrela» acorda ao ouvir bater na porta do seu quarto, no hotel onde está em vilegiatura. Manda entrar. É um «groom», que lhe traz três presentes. Três baralhos de cartas.

O resultado das conversações
entre Eisenhower e Kruchtchev

(Continuação da 1.ª página)

fe do Governo soviético e que as conversações que o chefe do Estado americano teve com os dirigentes europeus influirão, decisivamente, no seu diálogo com Kruchtchev, condicionando o epílogo deste.

Uma situação estranha

De que é que, efectivamente, se trata? Recordemos os factos para compreedermos o seu encadeamento. Como se sabe, o presidente ao anunciar o convite ao chefe soviético interpretou este como o ponto de partida para um diálogo americo-russo no qual apenas seriam ventilados os problemas que directamente interessam aos dois países. Esta maneira de apresentar o convite ao mesmo tempo que devia tranquilizar os aliados dos Estados Unidos garantia-lhe uma completa liberdade de movimentos nas conversações que se preparavam.

Em vez disto, algumas nações europeias manifestaram logo uma profunda inquietação, a qual se tornou mais notória em Bonn onde nunca deixou de haver o receio de que os americanos negociassem um dia com os russos sem terem em conta os interesses alemães. O governo federal mostrou desejo de que se realizassem conversações preliminares entre as nações ocidentais, em alto nível ou no quadro da aliança atlantica. Essas conversações tinham por objectivo tirar ao encontro Eisenhower-Kruchtchev o carácter que lhe atribuiam, dando ao presidente americano a qualidade de intérprete das nações ocidentais o que permitia limitar antecipadamente o ambito das concessões a fazer aos russos.

Os americanos opuseram a esta tese uma recusa categórica. Em vez de um vasto programa de consultas entre as nações ocidentais acederam a tomar parte em conversações a dois, do presidente Eisenhower em Bonn, Londres e Paris e ao encontro do secretário de Estado Herter com alguns dos seus colegas europeus, em Paris. Em Washington logo informaram, porém, que se não tratava de uma reunião dissimulada do conselho do Atlantico, embora fosse de uma concessão dos Estados Unidos aos seus aliados.

A visita a Bonn

Outra concessão dos americanos feita no mesmo espírito foi a decisão tomada pelo presidente de se encontrar com o chanceler Adenauer não em Londres como estava previsto mas em Bonn, onde tencionava passar uma noite na viagem para a capital britanica. Esta concessão não foi julgada suficiente pelo chanceler que não queria ser tratado como parente pobre. Depois de insistentes diligências suas, ficou assente que o presidente se demoraria mais algumas horas em Bonn a fim de salvar o prestígio do chefe do Governo alemão.

Para este foi essa decisão um êxito político de vulto, embora do lado americano insistissem em dizer que a visita do presidente a Bonn tinha carácter privado. Para isso ficou assente que o presidente passaria a noite no edifício da embaixada do seu país e que as suas conversações com o chanceler não excederiam o tempo primitivamente estabelecido. Estas precauções não impediram os dirigentes alemães que explorassem a fundo a visita do presidente a quem prepararam uma recepção triunfal, a mais imponente que ainda se viu na capital alemã. Os dirigentes alemães quiseram, ao mesmo tempo, emprestar-lhe o carácter de uma expressiva demonstração da unidade dos seus compatriotas.

O valor da partida

De começo parecia, portanto, que os Americanos se tinham afastado da linha de conduta que inicialmente traçaram, cedendo á pressão dos seus aliados. Mas o que interessa saber é o que finalmente saíu das conversações do general Eisenhower com eles. Essas conversações tiveram o carácter de um duelo diplomático, no qual o presidente procurou a aprovação dos seus interlocutores europeus para as próximas negociações com Kruchtchev. Por sua vez os dirigentes europeus procuraram influir no seu espírito. Este facto foi sobretudo notório no encontro do presidente com o chanceler alemão.

Já se sabia que este ultimo procuraria convencê-lo a manter uma linha de conduta rígida em relação á União Soviética, mostrando-lhe o perigo de qualquer concessão aos russos ou de uma transigência ao caso de Berlim e do problema alemão. O chanceler não desconhece a importancia histórica do encontro do presidente com Kruchtchev, nem os riscos que ele comporta para a orientação seguida até agora pela Republica federal cupo governo, mais do que qualquer outro, tem motivos para recear a melhoria das relações entre o Leste e o Ocidente.

O optimismo alemão

Em Bonn, durante a visita do presidente, reinou um optimismo transparente sobre o seu resultado o que quer dizer que o chanceler espera ter convencido o seu interlocutor quanto á orientação a seguir no futuro para as relações entre os blocos opostos. Resta ver se esse optimismo se justifica, o que se não saberá senão dentro de algumas semanas, depois da visita de Kruchtchev a Washington.

É evidente que se o chanceler convenceu o presidente do bem fundado das suas razões, o encontro deste com Kruchtchev será inutil pois, como disse o próprio chanceler numa entrevista televisada em 12 de Agosto «estamos na fase preparatória de um novo capítulo da história das relações internacionais o qual se inicia por o encontro Eisenhower-Kruchtchev». Esse encontro é inutil esperar dele qualquer resultado se os seus comparsas forem para ele com as mesmas ideias que tornaram até agora impossível um acordo.

ATTICUS

UM BUSTO
de Afrânio Peixoto
descerrado no Rio

RIO DE JANEIRO, 5. — Com a presença do embaixador de Portugal, dr. Manuel Rocheta, do magnífico reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmón, e outras personalidades brasileiras e portuguesas, foi ontem inaugurado no centro da cidade, o busto do escritor académico Afranio Peixoto.

O busto foi oferecido pela colónia portuguesa do Brasil. — (F. P.).

PELOS HOSPITAIS

MORREU NO HOSPITAL — Faleceu no Hospital dos Capuchos, para onde entrou há dias, vítima de queda, Manuel Rodrigues, de 40 anos, jornaleiro, que residia em Palhais, Barreiro.

Necrologia

Constantino Martins

Na sua residência, no Largo das Fonsecas, 2, em Palma de Cima, faleceu hoje o comerciante sr. Constantino Martins, de 90 anos, viuvo, pessoa muito considerada e estimada pela sua firmeza de carácter. Era pai dos srs. Alfredo Martins e Ernesto Martins, e das sr.as D. Aurora Martins Nunes, já falecida, D. Natércia Martins e Olívia Martins e avô das sr.as D. Maria Luísa Martins Nunes Moreira, escultora D. Maria Angélica Martins Nunes Taquelin, Carlos Alfredo Martins Nunes, Ruy Manuel Martins e Baltasar Martins, ausente no Brasil, e bisavô dos meninos Teresa Martins Nunes, José Manuel Nunes Moreira, Luís Manuel Taquelin e António Pedro Taquelin, e sogro dos srs. Domingos Martins e Manuel Nunes Junior. O funeral realiza-se amanhã para o cemitério do Alto de S. João, a hora a determinar.

Maria Irene Rodrigues Gaspar

Realizou-se, no dia 2 do corrente, o funeral da menina Maria Irene Rodrigues Gaspar para o cemitério do S. Domingos de Rana.

Muitas pessoas acompanharam o féretro, rodeando de carinhosa simpatia os pais da criança, que ficaram, por isso, muito sensibilizados.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

Temas da história henriquina

Indispensáveis rectificações

No simpático livro de Elaine Sanceau sobre *D. Henrique, o Navegador*, relendo certas passagens, com o fim de coordenar vários dados, eis se me depara esta, (a pág. 292): «Lançarote de Lagos, com Gil Eanes, o do cabo Bojador, e vários outros amigos, aparelharam seis caravelas. D. Henrique deu a cada um deles a bandeira da ordem de Cristo com a cruz vermelha e, sob esse emblema da cruzada, caçaram desde o cabo Branco até Arguim, tomando mais de duzentos escravos. Lagos jamais esqueceu a sensação que o seu regresso causou»; e descrevendo a autora a conhecida cena (até á pág. 296) termina a sua literatura por esta bela frase de efeito: «Era assim que a escravidão se apresentava aos olhos das pessoas piedosas do século XV!».

A seguir, porém, observando que «nem todos os africanos que vieram para Portugal eram cativos», explica, com um exemplo:

«Quando Antão Gonçalves, em 1445 voltou ao rio do Ouro pela terceira vez para fins comerciais, um velho berbere ousado manifestou o desejo de ir visitar o infante. Desnecessário é dizer que D. Henrique o recebeu bem e o carregou de presentes, despedindo-o para a sua pátria rico e feliz».

Observando ainda (pág. 297) que os desejos de D. Henrique eram, na realidade, estabelecer relações comerciais amistosas com as tribos do interior —, para o que «não bastava a simples ousadia, mas eram também precisos paciência e tacto» —, fala a autora de João Fernandes. «o homem necessário» que aparecera, e que, quando Antão Gonçalves partira do rio do Ouro» com o seu hóspede berbere», se oferecera para ficar com as tribos do deserto, tendo algum conhecimento da língua berbere, ao que parece. «Se Antão Gonçalves prometesse que voltaria a buscá-lo em data posterior, ele ficaria alguns meses no Saharà e colheria informações para seu amo».

Sanceau aproveita logo a ocasião para descrever a estada de João Fernandes lá, até que Antão Gonçalves voltou a buscá-lo, narrando, em especial, o acolhimento que lhe dispensara o patriarca Ahude Mevmon, que viera por fim «despedir-se dele, fazer algum negócios e admirar as caravelas». E, continuando a falar do regresso do João Fernandes, explica que «em vez de arribar a Lagos, como de costume, Antão Gonçalves trouxe para Lisboa a sua caravela, que causou na capital grande sensação. Como «tinham escaramuçado e caçado nas vizinhanças do cabo Branco e das ilhas, e colhido grande numero de cativos», Lisboa em peso acorreu a vê-los; e «este espectáculo causou tanta alegria ao povo que até aqueles que dantes condenavam as aventuras africanas louvavam agora em alta voz *as grandes virtudes do Infante*», segundo o dizer de Zurara.

Observa, todavia, logo a seguir: «D. Henrique, porém, preferia ver menos cativos e maior extensão da costa na carta. Nem sempre era fácil levar os seus subordinados a compreender este ponto, como se provou com o caso de Gonçalo de Sintra». E explica: «o Infante enviara-o com ordens de não parar por nada em parte alguma, mas seguir sempre até chegar á Guiné». E Sanceau, aproveitando logo o ensejo, descreve até ao fim do capítulo (pág. 304) o desastroso sucesso com a inglória morte do navegador...

Ora indubitávelmente, que a qualquer leitor, como a mim, esta sequência dos acontecimentos, assim ordenada, como se pode verificar, lança no espírito a maior confusão. E' que o episódio de Gonçalo de Sintra tivera lugar muito antes do de João Fernandes... A partida de Gonçalo de Sintra fora em 1444 ainda, logo a seguir ao regresso das seis caravelas de Lançarote em 6 de Agosto, a Lagos, com a carga dos duzentos e tantos escravos, já referidos. O bem avisado Edgar Prestage, no seu excelente livro sobre *Descobridores Portugueses*, precisamente diz (a pág. 96): «Depois do regresso da expedição de Lançarote, D. Henrique despachou Gonçalo de Sintra com ordens rigorosas de ir direito á Guiné»... o que ele não cumpriu, lembrando-se «da ultima colheita»...

Fora, mesmo, em consequência desta desastrosa façanha de Gonçalo de Sintra a seguir ás proezas de Lançarote e seus companheiros em Arguim, que os Mouros escarmentados de todas aquelas regiões, se haviam recusado ao trato, e então se tornara necessário enviar ao rio do Ouro a expedição diplomatica de três caravelas, em que foram Antão Gonçalves, Diogo Afonso e Gomes Pires —, a expedição que resultou vã, mas da qual João Fernandes quis ficar lá, querendo o velho berbere referido vir ver o infante. E passou-se isto, portanto, em 1444 sempre, e não em 1445, como por erro, — seguindo, de resto Santarém e a nota marginal do manuscrito de Munique, escreve Sanceau, falando desta expedição que diz para «fins comerciais» (pág. 296), como se viu.

Seja-me lícito, ainda a respeito desta diplomática expedição, da qual Zurara trata no cap. XXIX da sua *Crónica da Guiné*, esclarecer, para interesse de «tutti quanti» que uma lamentável gralha tipográfica na moderna edição benemerente do Dr. José de Bragança, veio causar grave transtorno ao sentido do texto na 3.ª linha dessa página 177. Explicadamente, onde se lê: «em uma caravela, e esta ia por mandado do Infante D. Pedro...», deve ficar-se a ler: «em uma caravela, e *Gomes Pires, patrão de El-Rei, em outra caravela;* e este ia por mandado do Infante D. Pedro»... — conforme o texto exacto da edição de Paris e o mesmo sentido do manuscrito de Valentim Fernandes, segundo estive verificando.

Voltando ao livro de Sanceau, farei notar que, precisamente pelo facto do fracasso da expedição diplomática, (apesar de ela se ter cifrado no espectáculo da leva de cativos que entusiasmara Lisboa e excitara a cobiça do rico armador Pacheco, avô do futuro autor do *Esmeraldo)*, é que D. Henrique mandara Nuno Tristão, em 1444 ainda, seguir com a sua caravela para a frente quanto pudesse até á terra dos Negros. Bem assinalou Prestage esta viagem, escrevendo (pág. 67): «A viagem seguinte, levada a efeito por Nuno Tristão, talvez nesse mesmo ano de 1444, foi importantíssima, pois foi ele o primeiro homem que viu a terra dos verdadeiros negros, região verde, coberta de palmeiras e de outras lindas árvores. Embora não pudesse desembarcar por causa do mau tempo, trouxe para Portugal a notícia de ter encontrado o fim do deserto e de ter visto homens na praia, que mostravam as melhores disposições de tratar com os portugueses». E acrescenta: «Esta notícia despertou a emulação em Dinis Dias...».

Ora Sanceau omitiu completamente, por esquecimento e confusão decerto, esta viagem capital de Nuno Tristão ainda em 1444. Com efeito, depois do capítulo XV, a que dera o título literário de *O sertão branco*, e que terminara (a pág. 304) com a narração da morte de Gonçalo de Sintra, o cap. XVI, que traz o título de *A costa da Guiné* (pág. 306), começa com a descrição da surpresa dos indígenas perante a estranha coisa que aparecera sobre o mar: a caravela de Dinis Dias, de cuja viagem descreve em seguida as peripécias, até que «Dinis Dias voltou ao reino muito contente». E teria sido isto ainda em 1444.

Só em fins deste ano, ou melhor nos primeiros meses do seguinte, de 1445, isto é, decorridos os sete meses desde que João Fernandes ficara no rio do Ouro, é que Antão Gonçalves (na sua 4.ª viagem á África), com Diogo Afonso e Garcia Homem, o vai buscar, — viagem esta, da frota de 3 caravelas que a Lisboa trouxera a leva de escravos que despertara a cobiça do ricaço armador Gonçalo Pacheco.

Ninhuma referência igualmente encontro no livro de Sanceau a esta viagem mandada e financiada por Pacheco, que se seguiu á do retorno de João Fernandes, em 1445 ainda, e da qual Prestage bem assinalou que «os aventureiros, por emulação com Dinis Dias, navegaram até á terra dos Negros», mas donde uma tespestade que durou três dias os arrastara para trás, quase até ao cabo Branco, por onde então andaram nas suas empresas, conforme ele narra sumáriamente, resumindo Zurara *(Crónica da Guiné*, caps. 36 a 48), — empresas tragicamente infelizes, da caravela de Pacheco com seu sobrinho-político Dinis Eanes da Grã, e das outras duas, uma de Álvaro Gil, ensaiador da moeda, e a outra de Mafaldo, morador em Setubal, — as três caravelas de Lisboa que irão ainda ser encontradas em Arguim por uma das caravelas da grande cruzada nacional de 1445.

Não encontro que tenha merecido a Sanceau a devida referência esta *armada de 1445*, á qual Beazley dedicou um capítulo inteiro do seu famoso livro sobre o *Infante D. Henrique e o início dos descobrimentos modernos*. Numa longa descrição anedótica dilui Sanceau o bloco das notícias relativas a este grande feito nacional, dos vinte e tantos navios do Algarve, de Lisboa, das Ilhas, em 1445 sempre, devendo acentuar-se que fora o *Cabo dos Mastros* o ponto mais longe atingido neste ano, e pela caravela de Álvaro Fernandes, o sobrinho de Gonçalves Zarco.

Tendo sido fraco o fruto de descobrimentos, é por isso, que, logo no ano seguinte, em 1446, D. Henrique mandou (se é que ele não se ofereceu) «o ousado Nuno Tristão, campeão de navegadores, que ali veio a encontrar a morte, episódio que Sanceau largamente descreve, com a consequente vinda do Tinoco á aventura (de págs. 318 a 320).

Nenhum sinal dá, porém, Sanceau do que se passou, da parte do Infante, quanto ás viuvas e orfãos dos infelizes, nem do prémio instituido, a seguir, pelo Infante e pelo Regente (e talvez que da inventiva deste), prémio que serviu de estímulo ás nove caravelas que abalaram de Lagos ainda em 1446, tendo-se-lhes juntado mais duas na Madeira, uma de Zarco, na qual Álvaro Fernandes, mandado para ir o mais longe possível, ganhou o prémio pecuniário, chegando mais longe que toda as outras, 110 léguas além do cabo Verde — ao Rio Tabite.

No livro de Sanceau, Gomes Pires surge-nos, de subito, depois deste prémio ganho por Álvaro Fernandes em 1446 (vide pág. 321), a propósito das relações com os nómadas, as quais João Fernandes, com a sua diplomacia, começara auspiciosamente no Rio do Ouro. E' que, como elà diz, «Gomes Pires transtornou tudo»; e passa a narrar o que se passou com ele, pelo seu procedimento precipitado. Apesar desta anedota, porém, o que Sanceau nos não diz é o mais importante, — aquilo que Zurara bem claramente enuncia:

Gomes Pires, «patrão del-Rei», tendo feito parte da armada de 1445, (cap. 51), mas tendo-se perdido da companha das outras caravelas, ao regressar a Portugal, passara no Rio do Ouro, pelo qual subira, travando excelentes relações pacíficas com os Mouros dali, tanto que combinara com eles voltar no mês de Julho seguinte ali: «onde encontraria negros em avondança e ouro e mercadoria em que muito poderia aproveitar» (cap. LXIII).

Ora «vindo este ano de (1456), lembrou-se Gomes Pires do que deixara dito aos Mouros, quando no outro ano chegara ao Rio do Ouro» (cap. LXXXIX). E com a respectiva licença requerida ao Infante, para lá se encaminhou de facto, com duas caravelas, uma tilhada e outra de pescar, nas quais eram XX homens e com Pires XXI, entre os quais era um moço da camara do Infante, que se chamava João Gorizo, o qual levava cargo de escrever todalas receitas e despesas dos Mouros». Também ia o já famoso João Fernandes, conhecedor da região, como se pode bem ver dos 4 caps. seguintes (até ao XCII) em que Zurara trata desta malograda expedição «até que sentiram que os Mouros andavam avisados e que seria trabalho perdido andarem ali mais em sua busca», e, por isso, voltaram para o reino, chegando a Lagos «em cujo termo o Infante estava, em um lugar que se chama a Mexilhoeira». São os acontecimentos que Sanceau resume (vide págs. 323/324), findando por dizer que, embora tivesse Gomes Pires trazido uns oitenta cativos, «o comércio do Rio do Ouro sofreu um rude golpe». Pelo que, D. Henrique, não castigando Gomes Pires, «não fez mais do que procurar outro sítio: — Meça na costa, um pouco mais ao Norte.

Deste novo rumo do Infante, também Sanceau não parece ter tido mais noção e reflexão do que do episódio do leão que foi parar a Galway, onde nunca fora visto, mas onde não teria durado «muitos invernos», talvez...

Porém, este episódio, como o do dinamarquês Abelhart, que serve de fecho ao capítulo, requereriam um exame mais largo...

E' que uma coisa é a História minuciosa, cuidadosa, rigorosa — aquela coisa que tem dois olhos terríveis, a Geografia e a Cronologia —, e outra é a literatura sintética deleitosa... para o *respeitável publico*. Sim! O manto diáfano da fantasia artístico-literária sempre, mas também sempre e só por sobre a nudez forte da Verdade Senão... não!

FRANCISCO FERNANDES LOPES

Comércio Portuguêes

Está já em distribuição o numero de Abril-Junho da revista «Comércio Português», editada pela Associação Comercial de Lisboa. Grande parte deste numero é dedicáda ás relações comerciais luso-britanicas e á visita da princesa Margarida.

Vida social

CASAMENTO

Na capela de Nossa Senhora da Glória, á Graça, realizou-se, esta manhã, o casamento da sr.ª D. Maria Edith da Silva Maneiras, filha do sr. José dos Santos Maneiras, comerciante em Macau, e de sua esposa, D. Olinda da Silva Maneiras, com o sr. tenente da armada, António Manuel Ribeiro Rosa, filho do sr. Luís Dias Rosa, subdirector do Banco Borges & Irmão, e da sr. D. Carlota d'Almeida Ribeiro Rosa. Apadrinharam o acto, por parte do noivo, o sr. almirante Américo Tomás e sua esposa D. Gertrudes Rodrigues Tomás, e, por parte da noiva, seus tios, o sr. José Cordeiro do Nascimento, e esposa D. Maria Angélica do Nascimento.

Presidiu á cerimónia o rev. padre Pietra, prior de Santa Isabel, que dirigiu aos noivos uma brilhante alocução. Finda a cerimónia, efectuou-se um bem servido copo-d'água na Casa do Leão do Castelo de S. Jorge, com a assistência da esposa do Chefe do Estado, que é primo do noivo.

DR. MÁRIO QUINA

De Nova York, acompanhado de sua esposa, regressou o velejador dr. Mário Quina que, com José Quina e Alexandre Prista constituiu a representação portuguesa no Campeonato Mundial de «Stars», em Newport, disputado no passado mês de Agosto, com resultado muito honroso para o nosso país.

PROF. AIRES DE SOUSA

Regressou a Lisboa, depois de demorada visita aos hospitais londrinos, o prof. Aires de Sousa.

PROF. J. MONIZ BETTENCOURT

Partiu para Santander, onde vai tomar parte no III Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia, ao qual apresentará uma comunicação, o prof. J. Moniz Bettencourt.

A delinquência juvenil
— comum a vários países abordada num artigo do «Osservatore Romano»

ROMA, 5 — Referindo-se ao problema da delinquência juvenil, salienta o «Osservatore Romano» que «o fenómeno desta juventude desesperada que se lança na agressão, no vício, no assassínio, no suicídio, na bebedeira, até ao desprezo pelas vitimas e pelo castigo, até sair da insensibilidade humana unicamente para se espantar dos que se escandalizam com tudo isso, esse terrível fenómeno que toca os limites do inacreditável, é hoje comum a vários países e dos mais civilizados».

E prossegue o jornal:

«Os «teddy-boys» são os herdeiros da mais dolorosa doença que até agora sofreu a Humanidade. São os herdeiros da ideologia laica, da filosofia liberal, das catástrofes de duas guerras mundiais, ou melhor, considerando a primeira como uma preparação da segunda, de uma nova guerra dos trinta anos com a diferença de que se estendeu a todo o Mundo».

Depois de evocar o clima deste período, «em que a força se transformou em razão de viver; o êxito, em moral; o facto de ser superior, em autoridade infalível; o prazer, em compensação para rir dos sofrimentos e vingar-se deles», prossegue o «Osservatore», acentuando:

«As lágrimas e o sangue já não constituem uma chamada ao arrependimento; são um estimulante para os «teddy-boys». A vida é o circo».

Salienta depois o jornal que todo o delinquente juvenil é um ser que perdeu a confiança nos seus predecessores e no que estes lhe ensinaram, pois lhes fizeram perder essa confiança por falta de franqueza e de amor da verdade.

O jornal opõe em seguida ao racionamento liberal e laico o valor da educação cristã, afirmando:

«Depois de século e meio de intransigente domínio, no pensamento, nos costumes e na escola, da ideia racionalista, é a isto que chegamos: a bandos de jovens delinquentes para os quais nenhuma chama purificadora arde. Pelo contrário, nos romances, nas telas dos cinemas, nas revistas, nas ruas, nas casas, aos olhos de toda a gente, a pornografia e a criminalidade triunfam com a publicidade, sob o pretexto de ter o nome e a justificação *artística* de *verismo*».

O «Osservatore Romano» conclui, frisando:

«A civilização não poderá prosseguir na medida em que lhe faltarem, como fundamento, os valores religiosos e sobrenaturais. Perante a epidemia dos «teddy-boys» não há lógica, raciocínio ou facto que valha mais do que isto: a religião deve ser a base fundamental de toda a existência humana, sem o que ela rápidamente se tornará num inferno para todos». — (A. N. I.).

A RESIDÊNCIA do general Baptista no Funchal

FUNCHAL, 5. — O antigo presidente da Republica de Cuba, general Fulgêncio Baptista, que vem residir nesta cidade, é esperado no Funchal no próximo dia 8, a bordo do paquete «Pátria». O general passará a residir na Quinta da Favila, magnífica residência onde têm estado hospedadas altas personalidades portuguesas e brasileiras. A casa foi já arrendada para esse efeito. — (L.).

Boletim de Informação
Económica e Financeira

Versando diversos temas da actualidade económica, está já em distribuição o n.º 2 do «Boltetim de Informação Económica e Financeira», editado pelo Banco Pinto de Magalhães, Ld.ª. Entre outros artigos, salientamos aquele em que se analisa a «Produção da industria portuguesa no 1.º trimestre de 1959» e «Posição cambial do dólar e a liberalização do comércio internacional».

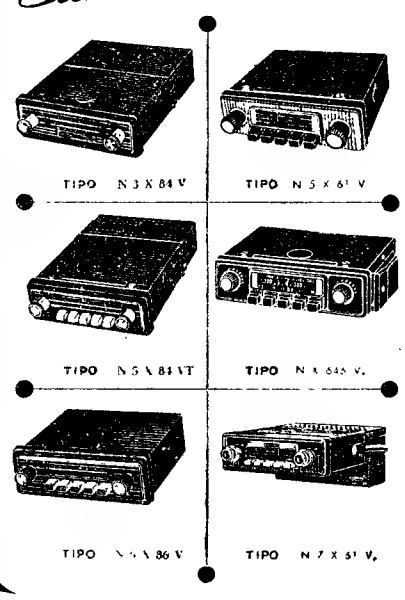
PHILIPS

se o seu carro é um...

ANGLIA
AUSTIN
BORGWARD
CONSUL
Dauphine
DKW
FIAT
HILLMAN
MERCEDES
OPEL
Peugeot
RENAULT
SKODA
SIMCA
TAUNUS
VAUXHALL
VOLKSWAGEN
VOLVO
ou qualquer outro...

PHILIPS

TEM À SUA DISPOSIÇÃO O AUTORÁDIO PRÓPRIO QUE FOI CONCEBIDO Exactamente para Si



COM O AUTO-RÁDIO PHILIPS ATÉ OS QUILÓMETROS PARECEM MAIS CURTOS

VISITA AO ALGARVE E A SEVILHA

Com o fim de proporcionar aos srs. passageiros maiores facilidades para a visita simultanea das provincias do Algarve e da Andaluzia durante a época de Verão, a C. P fará circular diáriamente os comboios semidirectos 8.011 e 8.012 (os conhecidos rápidos do Algarve) nos seguintes periodos: o comboio 8.011 de 24 de Julho a 5 de Outubro; o comboio 8.012 de 25 de Julho a 6 de Outubro.

São assegurados, nos refridos periodos, também diáriamente as respectivas ligações de barco e autocarro de, e para Ayamonte, Huelva e Sevilha

Semana de estudos

da Acção Católica

em Braga

BRAGA, 5. — (Pelo telefone). — Decorreu hoje, no Seminário Concilios, o quarto e ultimo dia de trabalhos da Semana de Estudos da Acção Católica. Houve missa de manhã, celebrada pelo rev. dr. Manuel Paula. Pelas 10 horas, efectuou-se uma sessão á qual presidiu o bispo-auxiliar, tendo apresentado comunicações o eng. Castro Caldas, que falou sobre «as coisas novas na agricultura», e o sr. José Manuel Fernandes, que dissertou sobre «O Apostolado e a Juventude».

A Semana de Estudos tem hoje, á tarde e á noite, as suas ultimas sessões, terminando as comemorações amanhã com uma concentração geral de filiados, em frente á catedral.

Festas e romarias

EM AZAMBUJEIRA DA BENEDITA — Começam amanhã e prolongam-se até terça-feira os festejos tradicionais da Azambujeira da Benedita, que compreendem solenidades religiosas, arraiais, e uma sessão de fogo de artifício.

NO MARVÃO — Nos dias 8 e 9, realizam-se, no Marvão, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Estrela, padroeira do concelho. Haverá solenidades religiosas, concertos pelas bandas da colónia correccional de Vila Fernando e da União Artística de Castelo de Vide, exibição de ranchos folclóricos, etc.

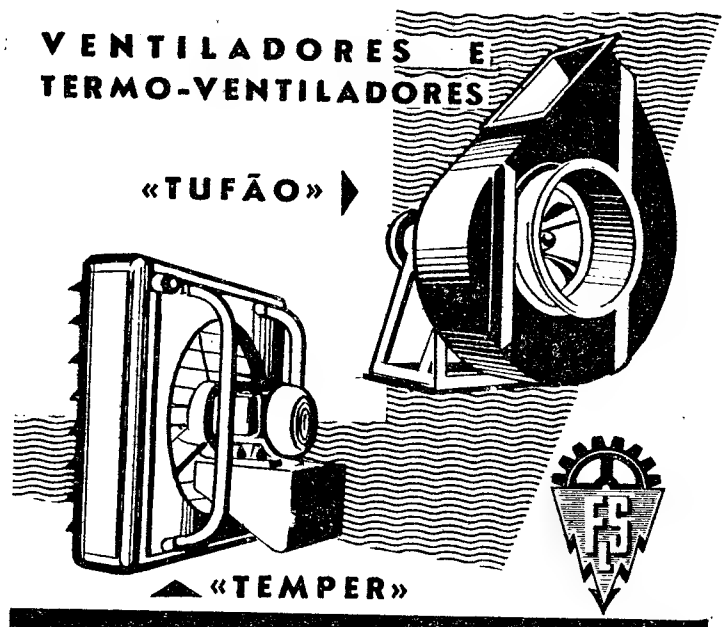
TRANSPORTE DE PEQUENOS VOLUMES PELO CAMINHO DE FERRO

Aproveite a Tarifa Especial em vigor na C. P. ao abrigo da qual pode fazer transportar economicamente e em grande velocidade para qualquer destino servido pelo caminho de ferro pequenos volumes de peso não superior a 30 kgs., aos seguintes preços por volume, seja qual for o percurso:

Até 5 Kg. inclusive	3$50
De mais de 5 até 10 Kg. ...	7$00
De mais de 10 até 20 Kg.	14$00
De mais de 20 até 30 Kg.	20$00

Consulte as Secções de Informações da C. P. ou as estações.

VENTILADORES E TERMO-VENTILADORES



FONSECA & SEABRA, LDA

VENTILADORES: — «TUFÃO»

Centrífugos e Axiais =
Extracção de gases, fumos, cheiros e poeiras.
Captação e transporte pneumático a distância.
Ventilação de Túneis.

TERMO-VENTILADORES: «TEMPER»

Eléctricos e por água
Grande poder calorífico

ovic

R. do Desterro, 6, 8-A - Tel. 58187 - 3 linhas - LISBOA
R. Fernão de Magalhães, 51, 53 - Tel. 25591/2 - COIMBRA
Fábrica em Coimbra: Relvinha - Tel. 26957

YBARRA & C.IA, S. A.

SEVILHA

PARA
TENERIFE, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES

EM 10 DE SETEMBRO

O NOVO E MAGNÍFICO PAQUETE

CABO SAN VICENTE

de 18.000 toneladas

OS AGENTES:

EM Lisboa:
AGÊNCIA MARÍTIMA TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º
Telefone 27264

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, LDA.
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

REPRESENTAÇÃO de fibras artificiais

Passa-se a firma de reconhecida idoneidade importante representação de fibras artificiais, um exclusivo em Portugal. Resposta a este jornal ao n.º 371.

Grimaldi Siosa Lines

SERVIÇO COMBINADO

O PAQUETE RAPIDO «ASCANIA»

EM 20 DE SETEMBRO PARA:

FUNCHAL, TRINIDAD, LA GUAIRA, CURAÇAO, KINGSTON e CIUDAD TRUJILLO

Reserva de lugares em 1.ª classe e turística, a preços muito económicos

AGENTES GERAIS
SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA.
72-D, Avenida D. Carlos I — Telefones 665054 672319

FEIRAS E FESTAS A REALIZAR NO MÊS DE SETEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Setembro, as feiras e festas que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

VISEU — Feira Franca, nos dias 5, 6, 13, 20, 21 e 27 de Setembro e 4 e 5 de Outubro

MONTEMOR-O-NOVO — Feira Anual, nos dias 6 e 7

FIGUEIRA DA FOZ — Festas a Nossa Senhora da Encarnação, em Buarcos, nos dias 7 e 8

SANTIAGO DO CACÉM — Feira Anual, nos dias 8 e 9

MOURA — Feira Anual, nos dias 8 a 10

CELA E VALADO — Festas a Nossa Senhora da Nazaré, na Nazaré, nos dias 10 a 13

MOITA — Festas a Nossa Senhora da Boa Viagem, nos dias 12 a 16

PÓVOA DE VARZIM — Festas a Nossa Senhora das Dores, nos dias 19 e 20

MESSINES-ALTE — Feira Anual, em São Bartolomeu de Messines, nos dias 19 a 21

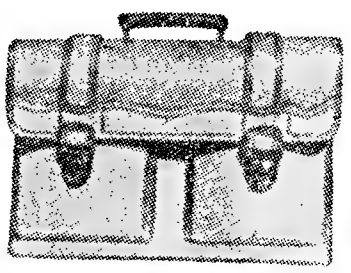
SOURE — Feira de São Mateus, nos dias 19 a 23

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
Comprido—R. Madalena, 97

GIACOMO COSTA FU ANDREA
GÉNOVA

RIO, SANTOS, MONTEVIDEO e B. AIRES
em 13 Setembro
T/N «FEDERICO C»

linea C

NÁPOLES e GÉNOVA
em 24 Setembro
M/N «ANNA C»

OS AGENTES GERAIS
SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LTD.
Praça Duque da Terceira, 4
Telef. 22272 LISBOA Telgm. Antunita

SINFORIANO DOS SANTOS LLOYD

SOLICITADOR ENCARTADO

MISSA 4.º ANIVERSÁRIO

Esposa e mais família participam que será celebrada missa, pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 6, ás 10 horas, na Igreja de S. Domingos.

As adesões à campanha do «Diário de Lisboa»
para a segurança na estrada

De todo o País continuam a chegar-nos palavras de aplauso e incitamento á nossa campanha de segurança no transito. Muitos dos leitores que nos escrevem não se limitam a enviar uma palavra de generoso estímulo. Juntam-lhe, ou uma sugestão para diminuição do numero de acidentes de viação diáriamente ocorridas nas nossas estradas ou relatam factos demonstrativos da necessidade de uma maior fiscalização do transito, sua melhor orientação ou sinalização.

Fiscalização secreta

Uma das sugestões que mais aparecem na correspondência recebida é a de tornar secreta a fiscalização da Polícia. A esse respeito escreve-nos um nosso «Velho leitor»:

«Pelo vosso jornal tomei conhecimento de que foram abolidas as chapas com a indicação «Estado» dos carros da Polícia. Mas o problema não ficou resolvido, visto que os agentes continuam fardados e os carros identificam-se pela sua grande antena. Assim, os motoristas, quando vêem ao longe um desses carros, tomam logo as precauções necessárias e, após cruzarem-se com os agentes, avisam todos os seus colegas que encontram pelo caminho.

«Para um serviço mais eficiente, bastaria que o comando da P. V. T. manda-se colocar ao longo das estradas, agentes á paisana, que também correriam o País em carros sem qualquer indicação, a fim de anotarem os numeros de todos os veículos que andassem em transgressão».

Sobre o mesmo assunto escreve o sr. João Montez:

«Em 5 de Fevereiro de 1952, tive ensejo de sugerir, num dos diários da capital, algumas medidas tendentes a alcançar aquele objectivo e, entre elas, a de que os agentes do transito se apresentassem á paisana e em carros sem distintivo, de mistura, portanto, com todos os que usam a estrada.

«Não é necessário desenvolver considerações sobre o efeito que o facto traria á segurança do transito, mas convém assinalar que o estado de Nova Jersey adoptou viaturas naquelas condições *(O «Volante» n.º 856 de 26 de Setembro de 1953)* e há cerca de três anos, as auto-estradas francesas passaram a ser policiadas por agentes do transito á paisana e em carros sem distintivo *(«O Século» n.º 26.176, de 19 de Agosto de 1956)*.

«Porque não havemos, entre nós, de seguir práticas idênticas, de que forçosamente se colherão bons resultados?».

Educação dos peões

O sr. António José da Costa, depois de aplaudir a nossa resposta ao eng. Baradez, assim como a nossa campanha, diz-nos:

«Estou certo que a campanha abrangerá, também, a educação dos peões na estrada, e muito particularmente a das crianças.

«E', na verdade, confrangedor ver-se por essas estradas fora, e nas povoações que as atravessam, a falta de cuidado que há ao deixarem as criancinhas á vontade, entregues ás suas inocentes brincadeiras, sujeitas aos inumeros perigos que as espreitam».

O horário de trabalho dos motoristas profissionais

O sr. Mário J. Costa, residente na Avenida de Roma, 8, 3.º, Esquerdo, chama a atenção para um problema da maior gravidade, tanto pelas suas incidencias nas nossas estatísticas de acidentes de transito, como por constituir uma flagrante violação de um direito fundamental do trabalhador:

Diz o sr. Mário Costa:

«No passado dia 28 de Agosto, pelas 8 e 30 horas, na Avenida da Liberdade, junto ao cruzamento com a Rua das Pretas, tive ocasião de presenciar o seguinte:

Um taxi que ali fazia praça, foi abordado por um agente da Inspecção do Trabalho que, ao ver que o respectivo condutor estava dormindo, bateu no vidro para o despertar. O motorista acordando sobressaltado, fez menção de pôr o carro em marcha; nesta altura, o agente da I. T. exibindo o seu cartão disse-lhe: mostre-me o seu horário de trabalho. O motorista olhou para a luz do dia, olhou o «tablier», o teto do veículo e carregou na «mise-en-marche» para pôr o veículo a trabalhar. O agente intervem e diz-lhe: Não se vá embora, mostre-me primeiro o horário de trabalho! E' nesta altura que, por assim dizer, o motorista acorda e verifica que está em presença de um agente da I. T.; pede desculpa da sua atrapalhação e procura o horário de trabalho. Como estava em transgressão, pois devia ter terminado o trabalho ás 6 horas, o agente dispunhá-se a autuá-lo, o que não fez em virtude do motorista ser filho do proprietário do carro e, como tal, na qualidade de familiar, estar isento de horário de trabalho.

A' primeira vista parece não ter este caso qualquer relação com o problema do transito, mas vejamos:

Ao ser acordado, o primeiro gesto do motorista foi para pôr o carro a trabalhar Não o fez por que verificou que quem o acordara estava ao seu lado, fora do veículo. Nenhuma duvida resta de que se alguém entrasse no veículo o seu condutor instintivamente o teria posto em marcha, num estado de inconsciência e a 20 metros do cruzamento. Estado que manteria nas dezenas de metros mais próximas.

Muitas vezes, certos acidentes levam as autoridades a submeter os condutores a exame psico-técnico, e, diga-se em abono da verdade, que a maioria faz provas satisfatórias, o que significa que os nossos condutores não são falhos de perícia e reflexos. No entanto, nenhuma duvida tenho de que o condutor do caso citado, durante as primeiras dezenas de metros que percorresse, devia estar impossibilitado de reflectir ou raciocinar.

Pergunto: não seria aconselhável como terapêutica preventiva, a abolição de isenções de horário de trabalho na industria de transportes, para familiares ou não? Não seria também de proibir a prestação de serviços extraordinários na camionagem? A camionagem usa cadernetas de registo de horas extraordinárias que permitem que os motoristas trabalhem 24 horas do dia, chegando ao ponto de muitos condutores passarem oito dias sem ir á cama. Parece-me que a humanidade não deve estar sujeita aos interesses dos proprietários dos veículos, que, para obter maior lucro, privam o seu pessoal do indispensável repouso, sem o menor respeito pelas vidas alheias.

E' de notar que o período normal de trabalho dos motoristas justifica bem a proibição de horas extraordinárias, pois os horários são de 12 horas de permanência para os táxis e 11 para a camionagem.

Prosseguiremos amanhã a publicação de algumas das inumeras cartas que temos recebido dos nossos leitores.

As principais causas
dos acidentes de viação

(Continuação da página central)

pois de umas horas de cavaqueira, generosamente acompanhada a copos de vinho, numa taberna do sítio.

Outras causas: avanço brusco na faixa de rodagem e peões enfermos

O avanço brusco na faixa de rodagem ocasionou 9 mortos e 272 feridos. E' este um dos casos em que resultará vã toda a prodência do automobilista, se não se promover um aumento da consciência dos peões.

Aos peões enfermos, incapazes, portanto, de cruzarem a estrada ou a rua com a rapidez necessária, foram imputados 6 acidentes mortais e 37 de que resultaram lesões não mortais. A principal possibilidade de se reduzir este numero pertencerá ás famílias e pessoas amigas do enfermo. Quantos de nós, no entanto, não teremos passado indiferentes junto a um pobre aleijado que tenta atravessar uma rua, preocupados apenas com os nossos problemas e esquecidos da responsabilidade moral que nos caberá se houver um acidente?

Por imprevidência ficaram feridos 1653 peões e condutores

A imprevidência matou 67 pessoas e feriu 1653, seja o maior numero de mortos por imputáveis a peões. Quer isto dizer que em cada três pessoas mortas por culpa dos peões, uma faleceu em consequência de uma imprevidência. Ou que em cada oito pessoas mortas por culpa de condutores e peões, uma perdeu a vida por imprevidência dos peões. O leitor não fazia ideia das consequências que podem ter as imprevidências que comete todos os dias, pois não?

Mais de mil acidentes por falta de vigilancia das crianças

A falta de vigilancia das crianças causou 39 mortos e feriu 1.300 condutores e peões. Todos os dias os jornais noticiam acidentes de viação em que uma criança perdeu a vida ou ficou diminuida fisicamente. São crianças que surgem a correr na estrada, que estão a brincar na faixa de rodagem, são na quase totalidade crianças a quem falta uma conveniente vigilancia dos pais ou outras pessoas de família e a quem a escola não ensinou as regras e os perigos do transito.

Se a morte é sempre uma injustiça contra o homem, a morte de uma criança é uma injustiça estupida, escreveu alguém. Todos poderemos contribuir um pouco para que haja em Portugal menos lares enlutados pela perda de um filho e menos crianças diminuídas físicamente ou submetidas ao sofrimento atrós da carne dilacerada pelos ferros de um automóvel ou com os ossos partidos ou quebrados por uma pancada brutal contra um muro ou uma parede.

Por fim, na relação dos acidentes imputáveis a faltas cometidas por peões há 11 mortos e 247 feridos por causas não conhecidas.

Após esta breve enumeração de algumas das causas humanas de acidentes de viação, não haverá quem não reconheça a necessidade e a urgência de se fomentar á educação de condutores e peões. E' o que pretendemos com a nossa campanha de segurança no transito. Porque não começar imediatamente? Bastará que o leitor procure, desde já, cumprir rigirosamente as regras de transito. E lembre-se de que estará assim contribuindo para reduzir o numero de mortos e feridos que colocam Portugal nos incómodos primeiros lugares das estatísticas europeias de acidentes de transito. Aumentar a segurança no transito é, por isso, uma manifestação de civismo e uma afirmação de patriotismo.

As declarações de João Ortigão Ramos

(Continuação da 1.ª página)

sar em João Ortigão Ramos, que se prontificou, aliás, sem dificuldade, a responder á nossa chamada. São particularmente dignas de meditação as suas palavras, marcadas pela sua franqueza habitual e pelo conhecimento que tem dos assuntos relacionados com este grave problema.

Depois de manifestar o seu inteiro aplauso á campanha do nosso jornal, João Ortigão Ramos dá-nos, com estas palavras proferidas com vibração, a justificação dos motivos que levam a aderir a todos os movimentos que se façam no sentido de contribuir para a segurança no transito:

— A nossa estatística de mortes por acidentes de viação é uma *vergonha nacional*. Pelo Automóvel Clube passam diáriamente dezenas de automobilistas estrangeiros. Confrange ouvir as suas queixas e lamentações sobre a forma desordenada e indisciplinada como se conduz em Portugal. De facto, o assunto tem uma acuidade tal que exige que os poderes publicos tomem disposições urgentes e drásticas.

Também é necessário impôr velocidade mínima na estrada marginal

A propósito das disposições que parece mais urgente tomar, fala-se na limitação da velocidade dos veículos automóveis e, especialmente, nos limites fixados na estrada marginal de Lisboa a Cascais.

—Concorda com essas limitações?

— Concordo plenamente e já na Junta Autónoma das Estradas me bati por tal medida. Mas não basta estabelecer velocidades máximas. É necessário impor também velocidades mínimas. Os carros que, aos domingos, passeiam a 20 á hora pelo meio da faixa de rodagem, obrigando a sucessivas ultrapassagens, são, a meu ver, tão condenáveis como os que ultrapassam as velocidades máximas permitidas, posto que as ultrapassagens, quando não feitas em perfeitas condições de segurança, são, como é sabido, causa de frequentes acidentes.

— Quais são, em seu entender, as principais causas desta situação grave que se verifica em relação ao transito nas estradas portuguesas?

— A forma aligeirada como, na maioria dos casos, decorrem os exames de condução, defesa compreensível perante o elevado numero de exames diários atribuidos a cada examinador, e que não permite aprofundar, convenientemente, os conhecimentos dos examinandos, muitos dos quais não resistiriam a um exame mais profundo. É materialmente impossível, no espaço de 25 a 30 minutos, fazer-se um exame consciente, de forma a avaliar, em tão escasso tempo e curto trajecto, até onde chegam os conhecimentos do examinando.

E prossegue:

— Obtida a carta de condução, uma irresistível tentação se apodera do neo-automobilista: ser ás do volante. E é justamente quando ainda condutor incipiente mais necessitava de calma e ponderação — em seu proveito e no alheio — que ele, inconsciente das suas aptidões, põe em risco a sua vida e a do seu semelhante. Esta doença ataca de preferência os mais novos. E, sem grande erro, pode localizar-se o seu surto mais agudo no primeiro ano de condução. É esse um dos períodos em que mais acidentes se tem verificado. A Imprensa tem registado acidentes mortais em que figuram condutores com escassos meses e até de dias de carta.

João Ortigão Ramos documenta as suas afirmações:

— Aliás, as estatísticas são concludentes. Num dos bem elaborados relatórios da Direcção-Geral dos Serviços de Viação, vemos que os acidentes decrescem na razão directa da antiguidade das cartas de condução:

Até 3 meses	6,2 %
de 3 a 6 meses	4,1 %
» 1 a 2 anos	3,3 %
» 2 a 5 anos	3,1 %
» 5 a 10 anos	2,4 %
Mais de 10 anos	1,5 %

— E que pensa que se poderia fazer, imediatamente, para remediar este mal, cujos prejuizos tendem a aumentar, numa progressão alarmante?

O nosso entrevistado fita-nos com decisão, dando-nos a entender a necessidade de adoptar disposições drasticas, e diz:

— Permito-me sugerir que aos futuros condutores seja dada uma carta provisória, que só ao fim de um ano — passado o período que podemos chamar de «rodagem» — lhe seria transformada em definitiva, desde que no seu activo não tivesse qualquer acidente por imprudência, falta de respeito pelas regras de transito ou manifesta inaptidão. Passado o primeiro ano da carta provisória, quando não tornada definitiva por troca ou aposição de um carimbo, considerar-se-ia o seu titular indocumentado para todos os efeitos.

— Outra sugestão?...

— Sim. A modificação vigente do sistema de exames, nos quais deverá ser obrigatória uma prova de estrada.

João Ortigão Ramos termina as suas declarações com estas afirmações categóricas e a que não pode deixar de se atribuir particular significado, dada a posição da individualidade que as profere:

— Considero indispensável o aumento substancial dos efectivos da Polícia de Viação e Transito, que hoje são insuficientes para a missão que lhes compete, por termos chegado á triste conclusão de que todos os meios educativos falham e de que há que recorrer aos meios repressivos que, aliás, não podem repugnar aos automobilistas conscientes.

Os insectos
impediram o trânsito

VALENCE, 5. — A circulação em Pont-de-Lanas, no Ardèche, foi interrompida por pequenos insectos alados, que impediram completamente o transito durante umas horas.

Os bombeiros, com mangueiras, lançaram 10.000 litros de água sobre os insectos, que cobriam uma superfície de 50 metros de comprimento por 40 metros de largura e formavam uma camada espessa de 20 cms., na estrada. — (F. P.).

A Universíada de Turim

TURIM, 5. — Na 2.ª série dos 110 metros barreiras (homens) da Universíada, o português Baptista Lopes classificou-se em 4.º lugar, com 16,1 s.

Apenas os primeiros três são apurados para as meias-finais.

Em esgrima (torneio de sabre por equipas — poule A) a Alemanha venceu Portugal por 10/6 vitórias.

Na segunda volta, a Itália derrotou Portugal por 9/2 e este país foi eliminado. — (F. P.).

ELEVOU-SE A 30
o número de mortos
nas desordens de Calcutá

CALCUTÁ, 5. — Soube-se a noite passada que uma multidão de mais de 5 mil pessoas atacou o posto de Polícia de Budge. Durante o tiroteio, morreram 2 pessoas e muitas ficaram feridas.

Por outro lado, as forças de segurança impediram que cerca de 15 mil pessoas fossem a Calcutá, a fim de tomar parte em manifestações organizadas pelo comité de «resistência contra a fome e contra o aumento dos preços».

E' pois a 30 que se eleva o numero de mortos desde que começaram os disturbios, na passada terça-feira.—(F. P.).

O LAOS
PEDIU À O. N. U.
uma força internacional para dominar a rebelião

PARIS, 5. — O Laos, estado independente pró-ocidental, entregou oficialmente ás Nações Unidas a resolução do conflito que o opõe a dois dos seus poderosos vizinhos: o Vietnam do Norte e a China Popular, acusando especialmente aquele de auxiliar uma perigosa rebelião armada pró-comunista que ameaça derrubar o actual Governo.

O encarregado de Negócios do Laos entregou, com efeito, ao secretário-geral da O. N. U. um pedido para que seja enviada ao Laos uma força internacional, e no qual acusa o Vietnam de ter auxiliado essa rebelião e de intervir no seu território. Ao mesmo tempo, em Vientiane, o ministro da Informação, Sisukna Champassak, acusa formalmente Hanoi de intervenção e presta esclarecimentos oficiais. — (F. P.).

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO DE VIDE, no SALÃO ROYAL.

Rapsódia sueca

(Continuação da página central)

te e preciosa do país. Tem milhão e meio de volumes, incluindo 20 mil manuscritos e 500 mil teses. E em cada ano os seus 36 quilómetros de estantes sofrem um aumento de 700 metros...

Apenas a um-quarto de hora, está a velha Uppsala, berço da civilização nórdica e um lugar feérico de espiritualidade, apesar de nu de construções. Sob três colinas simétricas, revestidas de terra árida e batida, cada uma com cerca de 30 metros de altitude, estão sepultados outros tantos reis pagãos do sexto século e num quarto outeiro, mais pequeno, realizavam-se as democráticas assembleias do povo. Em redor, tudo são vestígios dos terríveis «vikings», revividos pelas crianças de hoje, que se alegram a correr pelas encostas dos montes, enquanto seus pais se espraiam por ali, paulatinamente, a tomar banhos de sol...

* * *

Hans-Fredrik trabalha para uma carreira diplomática, que antevemos brilhante. A maioria dos universitários suecos tem em mente uma profissão definida. Nos ultimos anos, foram criados novos exames, incluindo os de Estado para magistrados políticos. Grande parte dos estudantes pertence ás classes privilegiadas da sociedade. Os restantes, que seguem geralmente uma tradição familiar, são obrigados a contrair empréstimos do Estado para poderem frequentar a Universidade. E o caso do nosso amigo. Recorrer a tal processo é hoje uma característica da vida estudantil sueca. Tornou-se relativamente fácil conseguir empréstimos de estudo nos bancos e noutros estabelecimentos de crédito, alguns criados até pelos próprios estudantes. Cerca de um terço dos universitários que terminam os seus exames acumulam dívidas avultadas. Mas, para facilitar o equilíbrio económico desses estudantes, o Estado constitui-se em fiador dos empréstimos. Os pedidos de crédito são examinados por uma comissão especial e depois o montante global das dívidas é transferido para um banco, o qual, por sua vez, elabora um plano de amortização que pode prolongar-se até quinze anos. A garantia do Estado é suficiente.

Vimos em Lund como empréstimos do Estado, subsídios do município e a própria contribuição dos universitários fazem erguer edifícios modernos e imponentes, de interior alegre, bem iluminado e higiénico, onde apetece viver, e que contrastam com as pequenas vivendas tradicionais envoltas pelos bosques que parecem ter sido interrompidos para, além e acolá, se estender o asfalto. Cada bloco corresponde a uma «republica» ou, melhor, a uma «nação», como dizem os monárquicos suecos. Percorremos dezenas deles, sem uma unica fechadura a impedir-nos. Dir-se-ia que os seis mil estudantes de Lund haviam confiado em Hans-Fredrik... Todos, menos um, em cuja porta cerrada colara esta mensagem: «Não tenho dinheiro — voltem mais tarde!».

Uma das «nações» de formas mais arrojadas destina-se, com certa lógica, a universitários de vários países. Salas de estudo, gabinetes com televisores, bibliotecas, salões de jogos, ginásios, «cafés», restaurante, piscina, etc., e na parte residencial, sectores distintos de acordo com a nacionalidade dos estudantes. Distintos, mas não isolados, como mandam as regras da boa neutralidade suéca. De resto, foi até o próprio secretário-geral das Nações Unidas, o tão famoso sr. Hammarskjöld, que, recusando convites para importantes cerimónias em toda a Escandinávia, preferiu inaugurar festivamente, este ano, a «nação internacional» dos estudantes de Lund, feliz exemplo dessa coexistência pacífica e sincera que o sueco sr. «H» tanto recomenda... O que profundamente contrasta com a nossa Coimbra é a intensa atmosfera cultural, literária e artística que ali se vive. Concorridas exposições de arte e animados colóquios sobre literatura quase se atropelam. No Ateneu, os universitários de Lund discutem calorosamente os problemas da cultura até alta madrugada. Discussões construtivas, com substancia. Um museu de arte moderna ergueu-se em Junho e estava um mês depois esgotado de obras de grande interesse artístico e documental. Em atraentes moradias, circundadas de jardins floridos, instalam-se os vários institutos especializados anexos á Universidade, os quais podem ser frequentados mesmo durante as férias pelos seus alunos, que possuem, cada um, as respectivas chaves. No Instituto de Linguas Romanicas, de inexcedível conforto interior, surpreendemos uma rapariga a preparar café em dependência apropriada, tendo na sala ao lado os livros de estudo abertos sobre a mesa de trabalho. É ali um dos raros centros onde se ensina na Suécia o português, uma lingua que está a suscitar grande interesse entre os Suecos. Estes encontram, porém, desoladoramente, muitas dificuldades, devido á falta de meios de consulta. No referido instituto, por exemplo, o nosso idioma é o mais pobremente representado em obras de estudo e literárias, facto que bastante nos chocou. O Ministério da Educação Nacional não poderia fazer algo para valorizar ali as possibilidades de expansão do português?

* * *

Mas não é só no Instituto de Linguas Romanicas que se sente em Lund a presença de Portugal. Parte do nosso tempo foi, propositadamente, ocupada numa visita ao Genetiska Institutionen, onde amávelmente nos atendeu o respectivo director, professor dr. Müntzing, cientista de extraordinária projecção em todo o Mundo e figura grandemente respeitada na Suécia.

No seu gabinete, entre montanhas de livros e papeis, o prof. Müntzing falou-nos, com sincero entusiasmo, de um dos seus mais cotados colaboradores—o português António José Lima de Faria, já hoje um nome da ciência sueca de prestígio internacional.

Licenciado pela Universidade de Lisboa, o prof. Lima de Faria, que estava ausente quando da nossa visita, doutorou-se em Genética e em 1956 ingressou em Lund. Depois de um largo estágio nos Estados Unidos, por conta da Fundação Rochefeller, o distinto cientista português voltou ao Genetiska Institutionen em Fevereiro de 1958. Em Setembro do mesmo ano foi convidado a estagiar no Instituto do Cancer, de Filadélfia, regressando mais tarde a Lund, onde a sua obra tem conquistado admirável expressão.

Facultando-nos gráficos e ficheiros, esboçando ele próprio desenhos para melhor compreensão do jornalista, o prof. Müntzing assinalou demoradamente a acção do nosso compatriota como profundo investigador da influência da radioactividade sobre as células vivas, ou cromosomas, matéria de importante actualidade, e cujas pesquisas o têm conduzido a descobertas do mais alto valor científico. O notável director do Instituto pôs em relevo as excelentes faculdades de trabalho do seu colaborador. E não o fez apenas por se encontrar perante um Português. O facto do prof. Lima de Faria pertencer ao Conselho Científico de Lund é sobejamente comprovativo.

* * *

Há em toda a Suécia uma percentagem elevadíssima de universitários casados, que vive em apartamentos próprios, com subsidio do Estado. Por motivos de vária ordem muitos jovens estudantes casam-se. Todavia, não podem, mais tarde, evitar outros problemas, entre os quais as exigências dos filhos. Talvez por isso é que os esposos universitários não são bons estudantes. A média maior de reprovações, muito grande mesmo, pertence-lhes. Este é um assunto importante que o Estado procura resolver. Mas não se avalia bem como...

Muitos outros universitários suecos inscrevem-se voluntàriamente como professores de cursos nocturnos para adultos, desfrutando assim de magnifica oportunidade para exercitar-se na missão pedagógica que terão de cumprir mais tarde. Esses cursos destinam-se ás pessoas que há muito terminaram os seus estudos obrigatórios e é seu objectivo primordial desenvolver a personalidade e criar nos alunos interesse pelas questões sociais, culturais e espirituais. As matérias sobre humanismo e civismo ocupam o primeiro lugar. No entanto, os serões dedicados ao canto e á musica adquiriram grande popularidade e bibliotecas municipais têm desempenhado papel também muito valioso. Existe igualmente na Suécia uma larga rede de organizações cuja finalidade é despertar nas massas o gosto pela arte e seu conhecimento, difundir a cultura musical, fomentar o estudo da musica, popularizar o teatro e cuidar do desenvolvimento físico. O numero de participantes nesses cursos de adultos excede os 300 mil, sem contar com mais de 12 mil que estão distribuidos por 90 escolas superiores populares, para cujo ingresso não são necessários quaisquer documentos, e que contam com o financiamento e o apoio de municipios, sindicatos, cooperativas, organizações políticas, empresas particulares, Igreja, etc. O diploma destas universidades populares facilita o ingresso em várias escolas oficiais de especialização. Há cursos de Inverno de sete e oito meses e de Verão mais curtos. Em todos eles impera uma atmosfera de livre discussão e de relações francas entre mestres e alunos — que são os seus melhores atractivos.

CÉSAR FAUSTINO

Numa das suas mais solenes cerimónias tradicionais, os estudantes de Lund desfilam em frente do edifício principal da Universidade

CRÓNICA DE FÉRIAS

Jânio Quadros e Carlos Lacerda

A vida dos povos e das nações não se pode hoje em dia constranger a compartimentos estanques, cujos limites sejam as suas próprias fronteiras geográficas e políticas.

O mundo moderno se foi tornando cada vez mais uno, indivisível, embora mais complexo, conforme se foram vencendo os obstáculos de espaço e de tempo que separavam os homens.

A' democracia idealista da Revolução Francesa, assente na reclamação dos direitos do homem e nos sagrados princípios que se sintetizavam nas três palavras mágicas que abalaram o Mundo — *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* — e transformaram as instituições, foi substituída pela democracia concreta que o progresso, a ciência e a técnica consolidaram através das duas revoluções industriais já verificadas, que estabeleceram cada vez mais democráticas formas de convívio, com a demolição de todos os princípios, preconceitos, fórmulas, mesmo até aqueles que a democracia idealista criou para demolir um mundo anacrónico e reaccionário que teimava em subsistir perante a evolução da História e da sociedade.

Aqui em férias, mas nunca isolado do Mundo nem dos seus problemas, até porque o livro, o jornal, a rádio, a televisão, não o permitem, estas ideias ou verificações peregrinas — chamemos-lhes assim, por conveniência—ganharam maior culto diante da recente visita de Janio Quadros e Carlos Lacerda, ao nosso País.

Quer dizer, ali num recanto do Minho, num autêntico solar português, cercado por uma paisagem maravilhosa, o candidato á Presidência da Republica do Brasil conversou — é a palavra democrática — com o representante da União Democrática Nacional e com o «leader» parlamentar da Oposição, Carlos Lacerda, acerca da sua campanha eleitoral a inaugurar brevemente.

Janio Quadros regressava de uma longa viagem, fora apurar a sua experiência visitando os pontos nevrálgicos da problemática política mundial, e trouxera esclarecimentos preciosos quer dos estados socialistas, quer dos povos atrasados ou subdesenvolvidos.

Os dois deputados federais que vieram ao seu encontro trouxeram-lhe as informações insofismáveis da actual política brasileira, tudo que se passara na sua ausência e que de certa maneira consolidava a sua escolha para a presidência da Republica, pelo voto popular nas próximas eleições.

A festa decorreu muito animada e terminou com um lanche oferecido aos convidados.

Em face das responsabilidades do momento e das futuras, o acordo foi completo — segundo afirmações do próprio dr. Janio Quadros, na presença dos dois citados deputados federais e estabeleceram-se a plataforma e a estratégia da próxima campanha eleitoral.

Janio Quadros e uma figura simultaneamente humana e simbólica da moderna democracia brasileira. E' um homem simples, afável, aliciante quer pela seriedade ideológica, quer pela seriedade de carácter, que demonstra logo aos primeiros contactos. Calmo, reflectido, lucido, arguto, mostra uma firmeza de convicções, que as suas palavras claras e prontas traduzem com a maior elevação e dignidade.

Na sua «entrevista» com a Imprensa do Porto foi assim que Janio Quadros se apresentou, conquistando todos com uma irradiante simpatia pessoal, que vinha de tudo, da maneira insofismável com que respondia ás perguntas até á sua modéstia no trajar.

Todos já o conheciam pelo menos através da célebre campanha «o tostão contra o milhão» que o levou á Prefeitura de S. Paulo, onde ganhou o prestígio necessário para ser depois eleito governador do Estado, mas estavam longe de conceber que as prerrogativas do poder não tivessem contaminado o homem que simbólicamente depois de 1960 poderá representar a democracia e Republica do Brasil.

Outra personalidade da política brasileira muito conhecida e querida entre nós é Carlos Lacerda, também presente na conferência do Porto.

Carlos Lacerda — actualmente o maior jornalista político de língua portuguesa — tem uma carreira política tão corajosa como consequente. Foi ele com o seu talento e com a sua coragem quem precipitou os acontecimentos que provocaram o fim dramático de Getulio Vargas. Esteve para pagar com a própria vida a audácia da sua acção...

Desde então, Carlos Lacerda tem sido o deputado mais votado do Brasil. Não é um homem de partido, porque independente e irreverente, sincero e audaz como os seus artigos o demonstram sem subterfugios.

No meio destas férias de repouso, estudo e revisão de problemas — onde só quase convivi com livros, revistas e jornais — o breve encontro com o meu amigo Carlos Lacerda foi um fértil oásis de humanidade e de optimismo, que irradiam sempre do seu sorriso jovem, liberto, vigoroso.

No dia seguinte Lacerda partia para o Rio a ultimar os preparativos da campanha eleitoral de Janio Quadros, que espera apenas a presença do candidato para eclodir democràticamente.

RAMOS DE ALMEIDA

A Colónia de Férias da C. U. F. foi visitada hoje pelos administradores da empresa

Na Colónia de Férias da C. U. F., instalada em 1944, em regime de acampamento, na Arrábida, e há nove anos a funcionar em magníficas dependencias, expressamente construidas em Almoçageme, houve hoje uma festa dedicada aos rapazes que ali estão a estagiar e que são filhos de empregados e operários daquela importante empresa.

Para assistirem á festa e estarem algumas horas com os filhos do pessoal, deslocaram-se ali os srs. D. Manuel de Melo, presidente do conselho de administração da Companhia União Fabril; dr. Jorge de Melo, vice-presidente e administrador-delegado; José Manuel de Melo, vice-presidente; e eng.º João Rocha e Melo, administrador-delegado adjunto; Nicolas Goyri; D. Luís de Alcáçovas, eng.º Eduardo Madail e major Castelino Pais, administradores, tendo sido convidados muitos directores, chefes e encarregados de serviços, que percorreram demoradamente as novas instalações da colónia de férias, construidas já depois da inauguração. A Colónia de Férias da C. U. F., é uma instituição que tem carácter recreativo e educativo e com tal grau de desenvolvimento que os membros do Congresso Internacional da Infancia, realizado recentemente e que a visitaram, consideraram-na das melhores do Mundo. Os estagiários (rapazes dos 7 aos 14 anos; raparigas dos 7 aos 13 anos) gozam ali, durante os turnos, uma vida magnífica de campo e praia. Sob a direcção da sr.ª D. Ivone Santos Ramalho, auxiliada pela sr.ª D. Maria Felícia da Veiga e Moura, nos serviços administrativos; sr. Saul de Almeida, na parte educativa; sr. João António Infante e sr.ª D. Beatriz Raposo, professores de ginástica, a colónia de férias está a funcionar com plena satisfação do conselho de administração daquela empresa, tendo-se atingido, desde os primeiros tempos, os objectivos em vista, que consistiam em proporcionar educação, distracção e saude ás crianças dos empregados e operários. A construção da colónia importou em 16.000 contos, tendo, até agora, albergado mais de 15.000 crianças.

O «mayor» de Bagdad partiu para Roma

O «mayor» de Bagdad, sr. May Mahmont, que esteve, durante alguns dias, em visita ao nosso País, a convite da Fundação Gulbenkian, partiu, esta madrugada, para Roma, de avião.

Acompanharam-no ao aeroporto, onde lhe apresentaram despedidas, os srs. brigadeiro França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, e dr. Sousa e Melo, do protocolo municipal.

BOLETIM DO DIA

EFEMERIDES

No dia 5 de Setembro de 1905 foi assinado o tratado que pôs fim á guerra russo-japonesa.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Danças; 18 e 40: Rádio Rural; 21: Noticiário; 23 e 45: Noticiário; 0: Fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Tony Osborne; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmo sul-americano; 21 e 45: Variedades. No intervalo: Terras de Angola; 23 e 30: Danças.

Programa «B» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: Continuação da transmissão integral dos concertos brandeburgueses, de Bach: «O Concerto Brandeburguês n.º 4», pela Orquestra de Camara de Stutgart, dirigida pelo maestro Munchinger; 19 e 30: Musica de piano, de Debussy, por Hans Henkemans: «La puerta del vino», «Pagodes», «Noite em Granada», e «Jardins sob a chuva»; 19 e 50: Noticiário regional; 20: 11.º programa do Festival Sibelius, realizado em Helsinquia, este ano, em gravações cedidas pela Radiodifusão Finlandesa; Concerto, pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Helsínquia, dirigida por Hans Rosbaud; «Serenata n.º 9», de Mozart; «Les fiancées du Batelier», de Sibelius. Solista cantor Maiju Kuusoja; 21 e 20: Concerto, pelo Coro Harmonia e conjunto instrumental; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas de Prokofieff; «Sonata n.º 2», pelo pianista Emile Guillels; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido, pelo prof. Simões Dias; 22 e 45: Que quer ouvir?, programa organizado por Margarida Brandão, com os discos pedidos pelos ouvintes: «Um Requiem Alemão», de Brahms, por Maria Stader Otto Wiener, o coro da catedral de St.º Edwiges e coro de «Motetes», de Berlim, e a Orquestra Filarmónica de Berlim, sob a direcção do maestro Fritz Lehmann; organista Wolfgang Meyer.

RADIO CLUBE — A's 18: Teatro de brincar; 18 e 16: Jornal feminino; 19: Festas na Moita do Ribatejo; 19 e 15: Cançonetas; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Ritmos de baile; 22 e 15: Motivos portugueses; 22 e 30: Cantares de Espanha; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Sousa Galvão; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile. 0 e 28: Sumário; 0 e 30: Fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 25: Leitura do programa e boletim religioso do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Musica do cinema; 20: Ritmos e canções de sucesso; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: As ultimas novidades; 21 e 30: Fados; 21 e 50: Vida rural; 22 e 15: Orquestra sinfónica; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Musica e canções do fim de semana; 0: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10, desenho animado; 21 e 20, tele-desporto; 21 e 45, concurso de Provérbios Populares; 21 e 50, «Musica e Artistas» — colaboração de Christa Ruppert e José Carlos Picoto, realização de Pedro Martins; 22 e 10, João Villaret — produção e texto de Nelson de Barros, acompanhamento ao piano por Carlos Villaret, realização de Fernando Frazão; 22 e 30, «História de uma mulher» — folhetim de Armando Vieira Pinto — 1.º episódio — interpretação de Fernanada Borsatti, Maria Cristina, Guida Cerqueirá, Pedro Cerqueira, Paiva Raposo, António Sacramento e Curado Ribeiro — cenários de António Botelho — realização de Artur Ramos; 22 e 50, Jornal R. T. P.; 23 e 5, «Music-hall», directamente do Casino Estoril, com António Rossano, Patrícia d'Or e o «Ballet Bluebell Girls»—realização de Fernando Frazão; 23 e 30, fecho.

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 5 de Setembro de 1929, na primeira página e assinado pelo dr. Joaquim Manso, um artigo que concluia assim: «Norberto Lopes, que sente a febre das viagens, a tentação de surpreender as coisas distantes na sua diversidade, escreveu «A Viagem Maravilhosa», ou seja a unica narração autêntica da travessia de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Neste momento já centenas de leitores de palmo e meio correm as páginas encantadoras, em demando do Brasil. Ontem, um cismático aviador de oito anos, pousando os dedos sobre o diálogo de S. Pedro com os seus dois convivas do «Lusitania», nos disse:

—Mas S. Pedro também é aviador, pois tem de andar do mar para o céu e do céu para omar.

Resolutamente lhe respondemos que sim. e ele, reflectindo um pouco, continuau:

—E o Norberto Lopes?

—Esse, meu amiguinho, tem asas douradas e velozes com as quais voa por toda a parte, com a pena na mão e a fantasia á espreita dos mundos, que, de minuto a minuto, Deus atira para os espaços».

CARTAZ DO DIA

MONUMENTAL — **A's 21 e 45 — «O baile».**
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patate».
COLISEU — A's 20 e 45 e ás 22 — «Há feira no Coliseu!».
S. LUÍS—«Passageira clandestina».
TIVOLI—«O valentão das duzias».
S JORGE — «Operação Amsterdam».
IMPÉRIO — «A cidade perdida».
MONUMENTAL—«Grito de terror».
EDEN — «Deserto Branco».
POLITEAMA — «Do céu caiu uma estrela».
ODEON — «A cortesã do Oriente».
CONDES — «Quando o leão ruge».
ALVALADE — «Passageira clandestina».
AVIS — «O homem dos calções curtos».
CAPITOLIO (Terraço) — O ultimo guerreiro».
OLIMPIA — «Pintores e raparigas».
PAVILHÃO — «Miguel Srtogoff».
JARDIM — «O delinquente delicado».
IDEAL — «Ilha sangrenta».
PROMOTORA — «A arma de um bravo».
ESPL. PORTUGALIA — «A rapariga das violetas».
S. JOSE' (Sacavém) — «A ultima caçada».
CAMPOLIDE — «Joselito, coração de ouro».

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 6 — 6 e 3 (4,13 m.); 18 e 26 (4,26 m.).
Dia 7 — 6 e 51 (4,01 m.); 19 e 16 (4,03 m.).

BAIXA-MAR

Dia 5 — 23 e 29 (0,69 m.).
Dia 6 — 11 e 50 (0,75 m.).
Dia 7 — 0 e 13 (0,81 m.); 12 e 35 (0,89 m.).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D — **Benfica — Estrada de Benfica. 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica. 466-A. Tel 782606; Alegria — Estrada de Benfica. 180-A-B. T. 780511: Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira. n.º 2-A. Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras. 202-B. Tel 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91. Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar. 122-124. Tel 779332: Cabrita — Campo Grande 220-222. Tel 772397; Zil — Avenida da Igreja. 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma. 18-A. Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço. 6-B. Tel. 710331; S Miguel—Praça Francisco de Morais. 1. Tel 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena. 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego. Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar. 69-71. Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo. 21-B/C. Tel 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira. 36. Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania. 4-5. Tel 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. lote 48. Bairro da Encarnação. Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso. 11-13. Tel. 381135; Marluz — Calçada da Picheleira. 140-B/C. Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro. 36. Tel 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39. Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis. 199-A. Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel. 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade. 32-36. Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado. 20-A. Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca. 153. T. 683438; Salutar — Rua B. 75-A/B. Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres. 8-D. Tel. 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia. 514. T. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges. 30. Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores. 59. Telef. 27901; Alb — Rua Santana. á Lapa. 156. Tel. 663562. Higilux — Rua de Pedrouços. 50-52. Tel 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda. 222. Telef. 638256; Botanico-Quimica. Lda.—R. da Junqueira 38-40. Tel. 638132: Ester Nogueira — Rua de Alcantara. 5-A. Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta. 24. Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta. 15-A-B. Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria. 12. Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata. 115. Tel 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada. 71. Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão. 3-B. Tel. 710621.**

A semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o corrente mês, com juros da mora:

Contribuição Industrial — A terceira prestação trimestral e a segunda semestral, esta sómente até ao dia 29, relaxando no dia seguinte.

Contribuição Predial — A terceira prestação trimestral; toda a contribuição dividida em duas prestações ou a segunda semestral até ao dia 29, relaxando no dia imediato.

Imposto Profissional — Profissões Liberais — A terceira prestação trimestral e a segunda semestral, relaxando esta no dia 30 se não for paga até ao dia 29.

Imposto Profissional — Assalariados — A terceira prestação trimestral.

Imposto Profissional — Empregados — A segunda prestação semestral que relaxará em 30 se não for paga até ao dia 29.

Imposto Complementar — A primeira prestação ou todo o imposto que não tiver sido dividido, até ao dia 29, relaxando no dia seguinte.

TAXA MILITAR — A anuidade do ano de 1959 pode ser paga ainda e até ao dia 31 de Dezembro do corrente ano, com a Taxa elevada ao dobro — 120$00 — posto o que relaxará, sendo então paga com custas e selos do processo.

IMPOSTO DE INCÊNDIOS—Pode ser pago até ao dia 30 de Outubro com juros da mora posto o que relaxará.

VIDA MILITAR

Milicianos de Artilharia Pesada N.º 1

Os furriéis milicianos e praças do Regimento de Artilharia Pesada n.º 1 que faltaram á revista de inspecção no corrente ano, devem apresentar-se naquela unidade ou ás autoridades mais próximas dos seus domicílios, com as respectivas cadernetas, para regularização da sua situação militar.

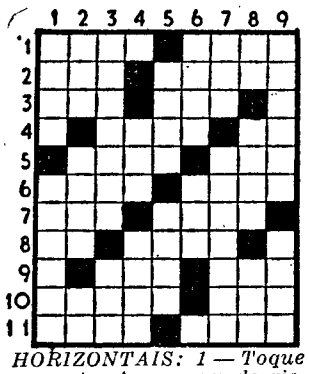
Gatuno no Tribunal

Como autor de furtos em diversos estabelecimentos da capital, foi detido e enviado ao tribunal de Almada João Alberto Palminha Agostinho, de 16 anos, serralheiro, solteiro, residente na Calçada da Bica Grande, 22-3.º, em Lisboa.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1707



HORIZONTAIS: 1 — Toque levemente. A margem do rio. 2 — Sapo do Amazonas. Encalham. 3 — Grande quantidade. Capa. 4 — Artigo definido. Onda. Semelhança. 5 — Freguesia do concelho de Pinhel. Pronome pessoal. 6 — Porto interior. Estimativa. 7 — Escudeiro. Tonel. 8 — Porco. Grande trágica italiana. 9 — Rio da Suiça. 52 em romano. 10 — Cara. Interjeição designativa de pergunta. 11 — Jarro (planta). Figura geométrica.

VERTICAIS: 1 — Galho. Roera. 2 — Mas. Carne ensacada em tripa de intestino grosso. Sufixo que designa estado. 3 — Curvo. Pegadeira. 4 — Tempo do verbo ser. Flanco de um exército. Político espanhol que foi assassinado nos ultimos anos da monarquia espanhola. 5—Navega. Intemerato. 6 — Ilha portuguesa no Mar da China. Aqui está. 7 — Altar. Superfície polida que reflecte os objectos. 8 — Preposição e artigo. Espírito. Moeda japonesa. 9 — Estimarão. Verseje.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1706

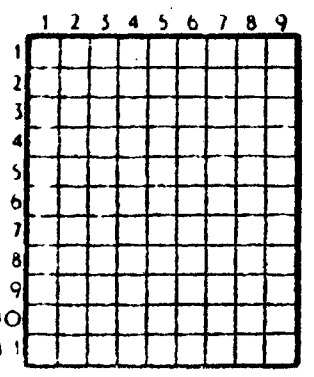
HORIZONTAIS: 1 — Aparecera. 2 — HOMEM. 3 — As. Mal. Fá. 4 — Gala. Ares. 5 — Olá. Aio. 6 — Acatado. 7 — Ataca. 8 — Um. Rio. Ar. 9 — Nata. RICO. 10 — Acera. 11 — Aula. Amor.

VERTICAIS: 1 — Amago. NUNCA. 2—Sala. Má. 3—Ah! Laça. Tal. 4 — Roma. Atraca. 5 — Ema. Tai. É. 6 — Cela. Acorra. 7 — Em. Rada. Iam. 8 — FEIO. AC. 9 — Acaso. Troar.

(Provérbio: HOMEM RICO NUNCA É FEIO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3756



HORIZONTAIS: 1 — Republica da América Central, no mar das Antilhas. Confusão geral. 2—Estimar. Apre! 3—Explica coisa obscura. 4—Grande. Data. 5—Metaloide extraído das algas que tem propriedades antisépticas. Lago salgado do Turquestão. 7—Gasta. Patroa. 8—Doutor. Pelos de certos animais. Preposição e artigo. 9—Ligava. Encolerizar. 10—Undécimo mês do calendário árabe. Grande porção de água cercada de terra por todos os lados. 11—Uma das partes do Mundo. Pegas.

VERTICAIS: 1—Entre nós. Nome próprio do autor da custódia de Belém. Areias acumuladas pelo vento á beira mar. 2—Osso do braço. Caixões funerários. 3—Antigo cantico acompanhado de musica (pl.). Terceiro. 4—Sapo do Amazonas. Içara. 5—Símbolo químico do cobalta 6—Tomba. Abriga. 7—Queimaram. Chefe abissínio. 8—Pregara. Arma branca um pouco maior que o punhal. 9—Pronome reflexo. Naquele lugar. Cinchos.

Solução do problema n.º 3755

HORIZONTAIS: 1 — Deas. Luar. 2—Remar. 3—Pá. Mar. Az. 4—Une. Aba. 5—Sala. Arão. 6—Canibal. 7—Ao. Al. 8—Bolbo. 9—Aden. Ópio. 10—Remi. Rara. 11—Ar. Ora. As.

VERTICAIS: 1 — Depuz. Avara. 2—Anaco. Der. 3—Ar. Ela. Bem. 4—Sem. António. 5—Mãe. 6—Lar. Abóbora. 7—Ur. Ara. Opa. 8—Abala. Ira. 9—Razão. Leões.

CURSO DE FÉRIAS para instrutores da Defesa Civil

Depois de amanhã, ás 9 horas, com a presença dos srs. general Cotta de Morais, comandante-geral da L. P. e D. C. T.; tenente-coronel Luz Cunha, chefe do Estado-Maior; instrutores, oficiais e vários convidados, são inaugurados, na Escola Nacional da D. C. T., aquartelada no alto da Penha de França, novos cursos de férias para instrutores gerais, de 1.º socorros e de auxílio social.

Frequentam-nos cerca de 200 instruendos, na sua maioria engenheiros, médicos, oficiais do Exército e Armada, professores primários, etc., que se deslocam de vários pontos do continente e do ultramar.

Socorros na Caparica

O posto de primeiros socorros que a Defesa Civil montou na Costa da Caparica continua a prestar bons serviços, com a maior frequência, assistência sanitária aos vários banhistas que, principalmente aos sábados e domingos, recorrem á sua acção. Ainda há pouco, foi conduzida, de madrugada, ao hospital de Almada, pela ambulancia da D. C. T. ali em serviço, uma senhora em perigo de vida, com fractura da base do cranio.

PARA A PARALÍTICA que deseja ir a Fátima

Dos nossos leitores F. A. e D. Manuela Mendonça recebemos, respectivamente, 50 e 100 escudos, para a paralítica que deseja ir a Fátima. Em nome da beneficiada, agradecemos.

Com o mesmo fim, recebemos, ainda, a quantia de 100 escudos, de IF96.

Reclamações locais

Sem estrada para ir à escola

AROUCA, 5. — No lugar de Agua Levada, desta freguesia, a população está inquieta pelo facto de ainda se não terem iniciado os trabalhos de reparação de um pequeno troço de estrada, que deverá ligar o centro deste lugar até ao limite de Cerrado — Loureiro (Oliveira de Azeméis). Além da natural falta que aquela via de comunicação faz ás populações, o facto é agravado por ser essa estrada o caminho para a Escola Primária e se encontrar em tão péssimas condições que é intransitável. No passado ano lectivo, alunos e professores tinham de seguir pelos pinhais e terrenos de lavradio para atingir a escola. Mas, assim, no Inverno é quase impossível ir á escola.

Dada a indiferença dos serviços da Camara de Estarreja, a população mostrou-se já disposta a contribuir para a construção da pequena estrada, que não chega a estender-se por meio quilómetro.

HOMENAGEM

ao presidente do Municipio de Gois

As Juntas de Freguesia do Concelho de Gois, em colaboração com todas as ligas e comissões de melhoramentos do concelho, vão homenagear amanhã, com um almoço, na Associação Educativa e Recreativa de Gois, o sr. dr. Armando da Conceição Simões, presidente do Município local.

A Casa Branca

publicou o programa *dos primeiros dois dias* da visita de Kruchtchev

WASHINGTON, 5. — Uma unica reunião de trabalho entre o presidente Eisenhower e Nikita Kruchtchev realizar-se-á na primeira fase da visita aos Estados Unidos do *leader* soviético, isto é nos dias 15 e 16. As conversações recomeçarão em Camp David, segundo se crê, no regresso de Kruchtchev da sua viagem a vários Estados da Republica norte-americana.

A Casa Branca publicou o programa completo dos dois primeiros dias de permanência do chefe soviético nos Estados Unidos, no qual a unica conferência prevista — além das recepções oficiais — realizar-se-á no próprio dia 15, á tarde, poucas horas depois da chegada, á capital americana, do chefe do Governo da U. R. S. S. O chefe do Governo russo descerá no aeródromo militar de Andrews, perto de Washington, onde as pistas são mais longas do que no aeroporto nacional, permitindo assim a aterragem e descolagem de um aparelho tão pesado como o «TU-114» que Kruchtchev utilizará para a viagem de Moscovo aos Estados Unidos.

Como ontem indicou o informador da Secretaria de Estado, o programa especifica que Eisenhower acolherá pessoalmente o *leader* soviético á chegada deste. O presidente dos Estados Unidos estará rodeado do secretário de Estado, Christian Herter; do embaixador Henry Cabot-Lodge, que acompanhará Kruchtchev durante toda a sua viagem através dos Estados Unidos; do chefe do Estado-Maior, general Twining; do decano do corpo diplomático, Sevilla Sacasa, embaixador de Nicarágua; assim como de diversas outras personalidades americanas.

No aeródromo serão prestadas honras militares e a bandeira soviética flutuará lado a lado com a bandeira americana.

O trajecto entre o aeródromo de Andrews e Blair House durará exactamente 50 minutos. O presidente americano acompanhará Kruchtchev até á residência oficial dos convidados do Governo americano. Após um almoço privado em Blair House, o presidente do Conselho da U. R. S. S. atravessará a Pennsylvania Avenue até á Casa Branca, onde terá a sua primeira conferência com o presidente dos Estados Unidos. A duração desta conferência não está fixada, mas o programa não inclui nenhum compromisso entre o seu começo e o banquete oficial que, ás 20 horas, fará o *leader* soviético voltar a Casa Branca depois de mudar de fato em Blair House.

No dia seguinte, isto é, em 16, «K» visitará vários centros agrícolas do Estado de Maryland; regressa a Washington para um almoço no «National Press Club» e dará depois um passeio de três horas, de automóvel, pelos arredores da capital, para estar de volta, á noite, para o jantar que oferece em honra do presidente e da senhora Eisenhower.

Em 17, o chefe do Governo soviético partirá em comboio especial para Nova York, onde será o convidado de honra da municipalidade, num almoço, e presidirá a um jantar no Clube Económico, onde pronunciará um discurso.

O resto do programa será publicado posteriormente.

A municipalidade de Washington não decorará as ruas da cidade como faz habitualmente, por ocasião de visitas oficiais. Além da bandeira soviética, que flutuará no aeródromo de Andrews, o protocolo encomendou várias insígnias que serão arvoradas no carro do presidente do Conselho da U. R. S. S. e nos dos diversos membros do seu séquito. A bandeira nacional soviética flutuará no mastro de Blair House. — (F. P.).

A visita de «K» a Pequim

PEQUIM, 5. — Um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China Popular declarou ignorar por completo a intenção atribuida ao primeiro-ministro da U. R. S. S., de vir a Pequim em 1 de Outubro, depois da visita aos Estados Unidos — (F. P.).

Estes senhores de aspecto grave, mas sorridentes, constituem a delegação americana na reunião extraordinária do Conselho da N. A. T. O. em Paris, provocada pela presença de Eisenhower, que vemos ao centro, muito sereno e bem disposto. A ultima personagem, á direita, é o embaixador americano na N. A. T. O., Randolph Burgess

De Gaulle alcançou

um dos objectivos que procurava: a coordenação da política e da estratégia *das três potências ocidentais*

(Continuação da 1.ª página)

manteve a sua opinião de que é necessária uma certa integração, a qual forma a própria base da estrutura dos comandos unificados da N. A. T. O.

Os observadores franceses crêem que o presidente de Gaulle obteve um primeiro resultado no que diz respeito aos objectivos definidos no seu memorando de Setembro do ano passado ao presidente Eisenhower e ao chefe do Governo britanico, isto é, a coordenação da política e da estratégia das três potências ocidentais.

Em contrapartida, mantêm-se divergências entre a França e os Estados Unidos quanto á estrutura da N. A. T. O. Por conseguinte, a posição negativa da França quanto á instalação de rampas de lançamento e de depósitos de armas atómicas em território francês mantém-se sem alteração. Este problema técnico não foi, aliás, tratado pelos dois presidentes.

Duas outras questões se discutiram nas conversações: as relações Este-Oeste e os problemas africanos, em especial os da Africa do Norte, incluindo a Argélia. Quanto ás relações Este-Oeste, os dois chefes de Estado verificaram a identidade dos seus modos de ver, tanto acerca da oportunidade duma conferência no cume hierárquico, como a respeito dos problemas de Berlim. Além disso, o presidente Eisenhower explicou os motivos e objectivos do convite ao presidente Kruchtchev para visitar Washington. O presidente de Gaulle teve agora o ensejo de compreender melhor as intenções americanas, que põem de parte qualquer idéia de negociação e ainda menos de acordo, na ausência da França e da Inglaterra.

Quanto ao estudo dos problemas africanos, o presidente de Gaulle expôs em pormenor a política francesa na Argélia. Segundo informações seguras, a conversação a este respeito foi muito amistosa. O presidente de Gaulle, que deve fazer uma declaração publica a este respeito, não entregou ao presidente Eisenhower nenhum programa concreto nem nenhum memorando. Aliás, a declaração do presidente de Gaulle não parece estar ainda completamente elaborada. Portanto, o presidente Eisenhower não pôde tomar nenhum compromisso concreto, o que aliás não se lhe pediu. O chefe da nação americana determinará a sua própria posição conforme a política que for definida pelo presidente de Gaulle.

A unica indicação completa e formalmente confirmada é que a delegação francesa não participará no debate das Nações Unidas. Está fora de questão, pois, que o general de Gaulle vá pessoalmente á organização internacional defender a política da França na Argélia. Trata-se de assunto exclusivamente francês, modo de ver que os Estados Unidos plenamente aceitam. — (F. P.).

Elementos militares da Argentina

parecem dispostos a exigir a demissão do ministro da Economia

BUENOS AIRES, 5. — O general Rodolfo Larcher, novo secretário de Estado da Guerra, prestou juramento no palácio do Governo. Entre as muitas pessoas que assistiram á cerimónia, encontravam-se os catorze generais presos em 2 do corrente por terem declarado publicamente que não reconheciam a autoridade do general Anaya, na altura titular da pasta, que entretanto teve de pedir a demissão.

Os elementos afectos ao general Toranzo Montero, que se entrincheirou na Escola de Mecanica Militar, em estado de rebelião contra o secretário de Estado da Guerra demitido, teriam estabelecido contacto com o embaixador dos Estados Unidos, Williard Beaulac, para conhecer a opinião de Washington acerca da situação política da Argentina. Segundo os meios diplomáticos desta capital, o embaixador americano teria manifestado o seu cepticismo quanto á possibilidade de os Estados Unidos virem a reconhecer um Governo que não seja estritamente constitucional.

Por outro lado, segundo o jornal «Crítica», certos meios militares preparam-se para exigir a demissão de Alvaro Alsogaray, ministro da Economia e do Trabalho, assim como os membros da sua equipa económica. Interrogados acerca deste assunto, os funcionários do palácio governamental declararam nada saber a esse respeito. O Exército pôs ontem em execução o seu «plano militar» compreendendo várias decisões para manter a ordem no país, nestes tempos de perturbações internas. Aquele compreende, nomeadamente, a fiscalização, por meio de efectivos armados, dos centros vitais, tais como estações de caminhos de ferro, portos, centrais eléctricas, aeródromos e bancos.

A serenidade reina no centro da capital, constantemente atravessado por patrulhas da Polícia. — (F. P.).

Intranquilidade para o futuro

BUENOS AIRES, 5. — O balanço da crise é esmagador e, a despeito do alívio geral provocado pela plataforma a que se chegou, o futuro não pode ser encarado tranquilamente» — é a impressão colhida nas esferas políticas desta cidade, depois dos acontecimentos dramáticos das ultimas 48 horas. Ontem, o país esteve á beira da guerra civil.

Quanto ao general Toranzo Montero, foi confirmado nas funções que havia exercido e nas quais se reempossou, por iniciativa própria, á força, na noite de anteontem para ontem, entrincheirando-se na Escola de Mecanica Militar de Buenos Aires. Um alto funcionário do Governo declarou a este respeito: «Não só a indisciplina reina no Exército argentino, mas é recompensada...». — (F. P.).

EISENHOWER jogou o golfe

TURNBERRY, — O presidente Eisenhower, tornou a jogar o golfe, esta manhã, como fizera ontem.

Eisenhower está nesta região da Escócia, a gozar um curto período de repouso, e encontra-se instalado no castelo de Culzean. — (A. N. I.).

A futura independência do Congo Belga

(Continuação da 1.ª página)

de 1960, começarão a funcionar as instituições provinciais, que terão grande autonomia. Os dois Conselhos (Conselho de Legislação e Conselho-Geral, futura Camara e futuro Senado) funcionarão em 1960. Terão grande competência legislativa. Ao mesmo tempo organizar-se-á o Poder Executivo. Prosseguir-se-á, disse ainda o ministro, a africanização dos quadros.

Quanto ao Ruanda Urundi, o Governo fará em breve uma declaração especial.

A mensagem do novo ministro constitui um verdadeiro complemento da declaração do Governo de 13 de Janeiro. E formula um programa preciso e concreto que não se afigura afastado do que foi prenizado pelo ministro demissionário, Van Hemelryck. — (F. P.).

Talm Beach

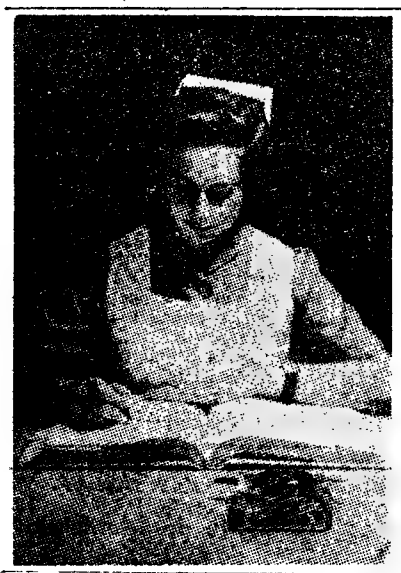
ESTA NOITE, às 22,30

Além de um sensacional espectáculo de Music-Hall

NUM VERDADEIRO ACONTECIMENTO MUNDANO

NELSON

O DIOR português apresentará as suas maravilhosas criações de Alta Costura, repetindo a passagem dos modelos que tão extraordinário sucesso obtiveram a semana passada na CONCHA



Escola de Enfermagem do Hospital de Santa Maria

MATRÍCULAS

Estão abertas as inscrições para o Curso Geral de Enfermagem — Sexo Feminino — até 20 de Setembro.

As candidatas com o 2.º ciclo ou equivalente são dispensadas do exame de aptidão.

As alunas são recebidas em Lar e podem ser-lhes concedidas bolsas de estudo.

Pedir informações á Secretaria — Av. 28 de Maio, Lote 3, ou pelo telefone 774022.

EXTERNATO INFANTA D. JOANA (Fem.)

ENSINO PRIMARIO E LICEAL (1.º ao 7.º ano)

FRANCÊS E BALLET * TRANSPORTE * REFEITÓRIO

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

Rua Ponta Delgada, 1 (á Estefania) Telef. 45455

Se quer vêr o melhor espectáculo de Music-Hall, de 1959, reserve a sua mesa, para hoje ou amanhã, na **Tágide**, no **Palm Beach** ou na Concha.

Ainda mais sensacional que o célebre «show» do Carnaval, do qual, Ed. Sullivan, contratou uma só Atracção, por noventa contos por noite.

(Maiores de 17 anos)

Escola Portugália

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

CURSO LICEAL (completo)

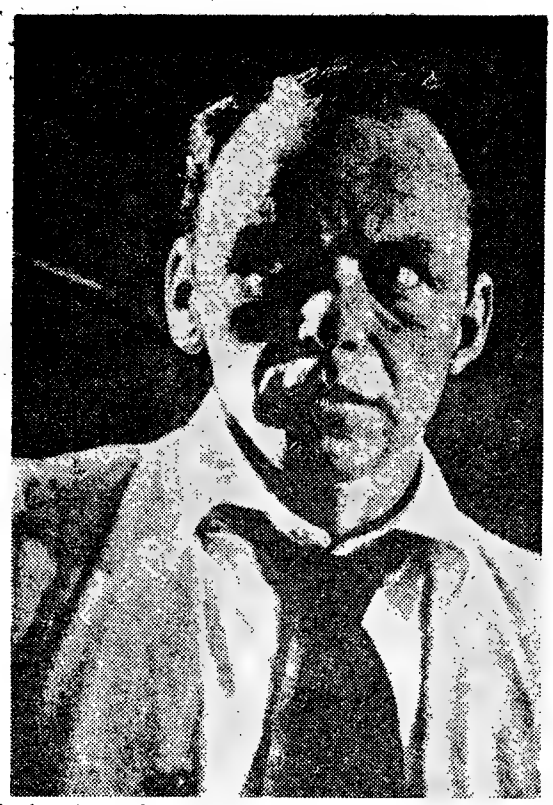
CURSOS DIURNOS e NOCTURNOS

Inscrições até 12 de Setembro, sem multa, para os cursos diurnos

Rua Palmira, 14 (Anjos) —— Tel. 847500

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 60 Diario de Lisbôa



Barba-Azul-Sinatra em plenas 40 primaveras

QUE FAZ ELE

Há oito efectivas a disputá-lo e agora já se fala duma suplente — GINA LOLLOBRIGIDA

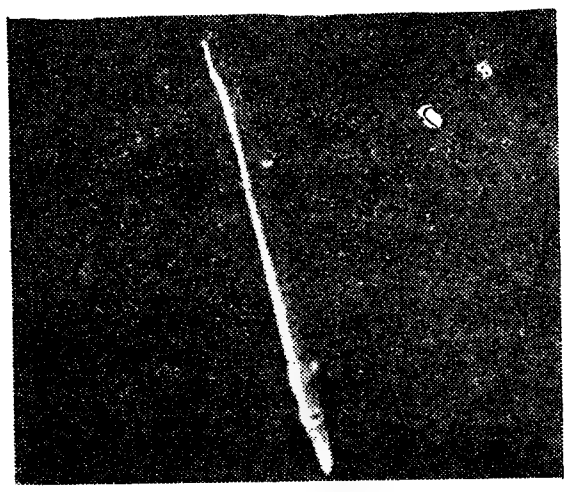
O mês de Julho não é favorável á vida privada de Gina Lollobrigida. Sempre *qualquer coisa* lhe sucede nessa altura. Há três anos foi o «caso Piccioni». A actriz regressava a Roma depois de prolongada estadia em Paris, onde rodara os dois filmes mais importante da sua vida «Trapézio» e «Nossa Senhora de Paris». Gina desceu a escada do avião seguida logo de Piero Piccioni, que nessa altura lhe dava lições de canto e fora visto assíduamente a acompanhá-la. Todos os jornais publicaram fotos dos dois e todo o Mundo que se preocupa com estes gravíssimos problemas da política internacional aventou a hipótese de que o *matrimónio de pedra e cal* do cinema italiano estivesse a abrir fendas por causa de Piccioni.

A reacção dos esposos Skofic foi furiosa; desmentiram com raiva o hipotético *desvio de semantica* e chegaram a ponto de rebuçado ao ameaçarem os boateiros com os açoites da justiça.

Ao mesmo tempo Gina interrompia os seus gargarejos vocais e deixava-se fotografar com o marido, ao lado do seu cão, ou com o seu cão, ao lado do marido, ou com o marido e o cão, ao lado um do outro, ou com o cão e o marido, ao lado um do outro, ou com o marido, ao lado do cão, ou com o

A descoberta dum Mundo desconhecido

NOS MARES DO JAPÃO



Esta curiosa enguia que se encontra a cerca de 1.000 metros, só se mantém verticalmente, tanto se lhe fazendo estar de cabeça para baixo ou para cima

(Continuação da página anterior)

80 metros. Mas descanse, nada temos... a perder...

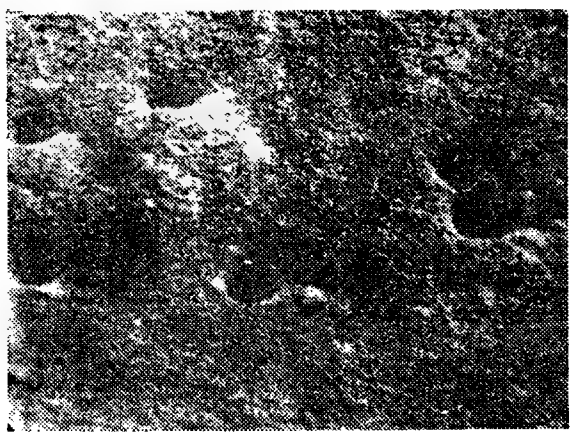
«Pois não — pensei eu com os meus botões. — Em terra firme também eu sou assim valente. Mas no fundo do mar... Livra!».

O comandante contou-me então, para me entusiasmar, a odisseia do seu colega O'Byrne que, no Japão, mergulhou com o professor Kumagori, ao largo das costas nipónicas, e teve aí uma aventura que poderia ter sido trágica.

O batiscafo devia explorar o fundo do mar, a uns 3.000 metros. Logo que atingiram esta profundidade, as ondas emitidas pela sonda ultra-sons que apalpa a obscuridade a várias dezenas de metros em volta do navio, mantinha-se estranhamente muda. De repente, um ruído sinistro fez saltar os dois homens. O professor japonês acende todos os projectores em volta e dá um grito. É que debaixo do nariz nipónico de Kumagori, erguia-se uma parede rochosa O campo de visão estava, com ela, barrada. Impedida de tal maneira, que dir-se-ia ter mergulhado na escuridão mais completa. O navio continuou, porém, a mergulhar sempre junto a esta parede vertical saída do nada. Segundo choque; o lado direito acabava de bater em qualquer coisa inesperada, um novo obstáculo.

Os dois passageiros olharam-se. Compreenderam. Sem duvida, arrastado por qualquer corrente que não esperavam ali encontrar, o batiscafo fora arrastado e depois mergulhara num ruga aberta por qualquer movimento sísmico. Esta abertura não tinha mais do que a largura do aparelho — cinco metros apenas. E a sonda não encontrava o fundo... Estavam metidos numa mandíbula terrível que não abria nem fechava. Mas como sair dela?

O piloto larga depressa lastro. E com grande satisfação, uma satisfação que nem contavam ter, o batiscafo começa a subir. E partindo conseguiu medir o abismo fantástico onde ia ficando preso. Mas antes de encontrar o planalto dos 3.000 metros havia aquela parede de 200 metros a escalar. Para se libertar, houve que mergulhar de novo, pôr os motores a trabalhar, procurar uma saída mais longe, tactear na noite glauca...



O fundo lamacento do Mediterrâneo está semeado de buracos causados por misteriosos animais que até agora ainda não foram surpreendidos

Julga-se que as grandes profundezas eram desertas. Tal não sucede, como o testemunha este tubarão de um metro e cinquenta que foi fotografado a cerca de 4.000 metros de profundidade, ao largo da costa de Dacar. Apesar dos olhos dilatados, é provàvelmente cego

TUDO FOI PREVISTO

Mas, perguntei:

— E se, apesar de todos os cálculos, uma das oitenta canalizações rebentasse?

Com toda a calma, o comandante pegou na régua de cálculo e após breves contas, respondeu:

— Era necessário uma hora para que a esfera enchesse. É mais do que o tempo preciso para chegar á superfície. Po esse lado, podemos estar tranquilos.

Deste lado e dos outros: os defeitos humanos foram, na medida do possível, previstos e remediados Cheguei á conslusão que é bem mais seguro mergulhar no batiscafo do que passear ao domingo com a família em automóvel.

E há que contar ainda com as surpresas pitorescas de uma tarefa, por si só, já bem apaixonante. Imaginem que, por essa janela mágica de 10 centímetros, um homem pode contemplar uma paisagem nunca vista nem sonhada, passear no mundo submarino maravilhoso. A vinte metros a água é amarela e azul; a sessenta, o azul torna-se escuro e aproxima-se do verde. A 120 não há mais do que uma luz crepuscular que se torna total nos 300. Uma espécie de neve, em vez de cair, sobe para a superfície, desfila quase permanentemente pelo batiscafo. São minusculas partículas vegetais e ínfimos animais que o facho dos projectores saca da sombra como um raio de luz nos descobre as poeiras em suspensão no ar.

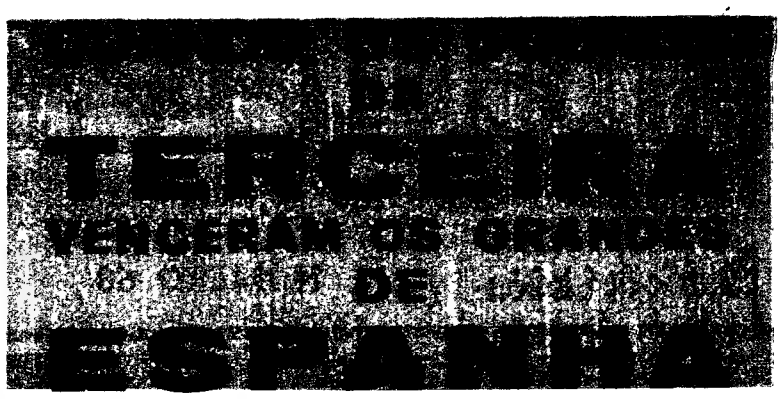
Esta neve que tivemos a surpresa de encontrar ainda nos 4.000 metros não é mais que o Plâncton, o alimento-base da maior parte dos peixes.

Na parte mais profunda percorrida, que se julgavam desertos, houve a surpresa de encontrar uma multidão de peixes e crustáceos desconhecidos.

Alguns hóspedes das profundidades parecem sentir-se atraídos pela luz; o mesmo aconteceu, por vezes, com pequenos carangueijos esbranquiçados que dançavam loucamente em volta do batiscafo. Outros, pelo contrário assustam-se e fogem para a escuridão completa. Mas a maior parte mostra indiferença completa pelo invento dos homens.

Algumas vezes foi-nos dado observar enormes animais de olhos salientes, mas aparentemente cegos, que vivem em completo á-vontade, nos 4.000 metros de profundidade: nuvens rosadas de carangueijos num aspecto feérico; cães do mar, cor de violetas tímidas, e colónias de animais plantados na vaza como tulipas de cristal.

Pena é que ainda não tenha sido possível trazer amostras desse mundo submarino e maravilhoso, dessa estranha fauna e não menos estranha flora Os peixes nem sequer agarram os anzois presos no batiscafo e providos de belas iscas fresquinhas. E se por acaso acontece que um tubarão cai na ratoeira, imediatamente o destroem, com ímpeto.



Por **JOAQUIM CAMPINO**

Quando nos alvores do século XV as naus de Frei Gonçalo Velho aportaram aos Açores, não tinham, com esse feito, acrescentado apenas um pouco ao território nacional; elas tinham, sobretudo, conquistado a mais importante base de apoio para as nossas projectadas viagens marítimas.

Na luta pelo predomínio dos mares, travada entre Portugal e a Espanha, os navegadores portugueses depressa se deram conta do valor estratégico dos Açores, ordenando desde logo o lançamento em todas as suas ilhas de grande quantidade de gado, particularmente bois e carneiros, destinados á provisão das suas naus.

Dai por diante, enquanto os navios espanhois vindos do Novo Mundo com os seus tesouros encontravam nos Açores uma população inteiramente hostil, os portugueses, pelo contrário, passaram a encontrar aí a protecção dos seus fortes, o abrigo dos seus portos, hospitais para as suas tripulações doentes ou feridas, e, sobretudo, a possibilidade de renovarem os abastecimentos das suas naus o que lhes permitia avançar até maiores distancias na conquista de novos horizontes.

Na grande crise política que se seguiu á derrota e morte de D. Sebastião e que levou á perda da nossa nacionalidade, foi numa das ilhas dos Açores que mais tarde se apagou o facho patriótico da resistência á ocupação.

Recusando submeter-se ás ordens «daquele rei de Castela» o heróico povo da Terceira toma a firme decisão de não permitir o desembarque do novo governador nomeado por Filipe II de Espanha, e durante 3 anos afunda e repele navio atrás de navio e esquadra atrás de esquadra. A mais notável e espectacular vitória dos Açorianos sobre os Espanhois ficou na história com o nome da batalha da Salga (1581).

*

Para submeter «aquele diabólico governador da Terceira» e «obrigar aquela ilha a obedecer-lhe», manda Filipe uma esquadra composta de 10 navios e cerca de 2.000 homens de desembarque sob o comando de D. Pedro Valdez destinada a subjugar os partidários de D. António Prior do Crato ali proclamado rei.

O desembarque deu-se num lugar chamado Porto Judeu, e pouca resistência puderam oferecer os 50 soldados que constituiam a pequena guarnição da ilha.

Quando os assaltantes já se encontravam de posse dos fortes e dos paióis, um religioso da Graciosa, o guerreiro e monge, Frei Pedro, gritou ao governador-geral, Ciprião de Figueiredo que mandasse soltar gado bravo sobre os assaltantes. Ele assim fez, e a derrota de Valdez foi estrondosa ficando célebre a frase gritada pelos espanhois em fuga: *Vienen con ganado, ganados somos!*

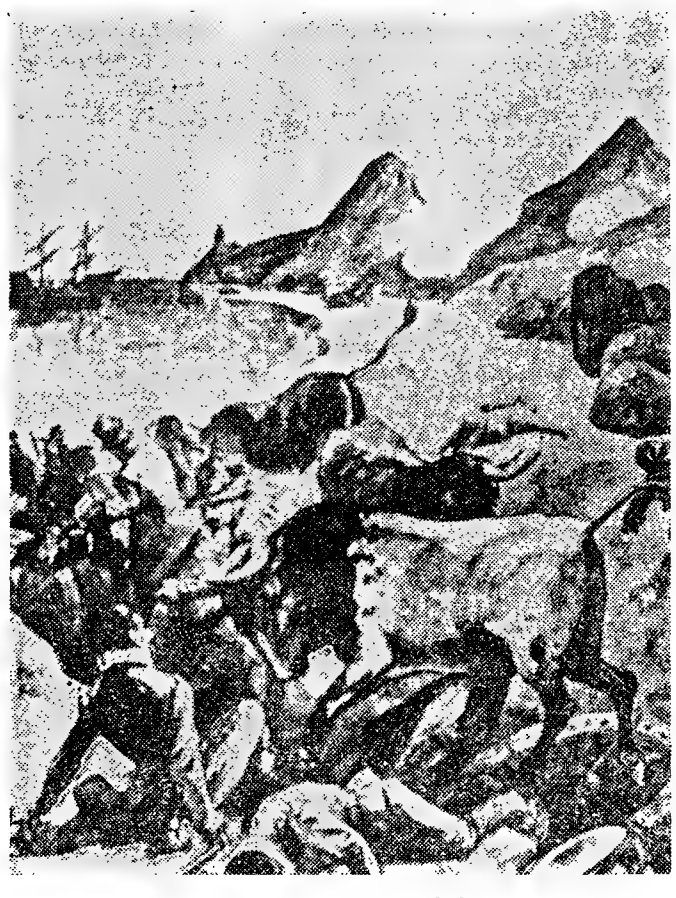
Uma heroína popular se distinguiu nessa batalha: Brianda Pereira, a mulher mais linda da ilha e também a mais destemida, que armada de uma foice, não só derrubava inimigo após inimigo como incitava os homens e as mulheres á luta.

Dois outros heróis, os sexagenários António Gonçalves e Gonçalo Annes; este ultimo, de lança em punho cavalgou por entre uma hoste de 50 espanhois, ferindo e matando até cair de cansaço.

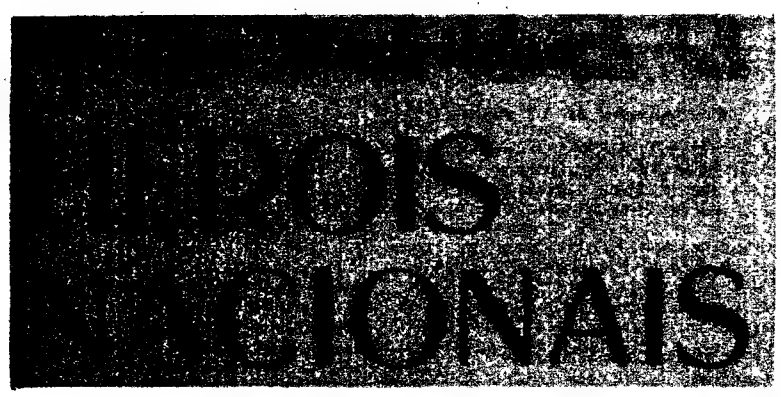
Enquanto no nosso lado houve 30 perdas, os espanhois deixaram no campo homens notáveis como o mestre de campo D. João de Valdez e D. João Bassam sobrinho do Duque de Alba.

Dos combatentes castelhanos que nessa brumosa manhã desembarcaram nas praias da Terceira convencidos de esmagar fácilmente a heróica resistência dos partidários de D. António, apenas 50 conseguiram alcançar com vida os seus batéis, e, entre eles, encontravam-se, felizmente, dois dos grandes génios que a Espanha deu ao Mundo — Miguel Cervantes e Lope da Vega. Este ultimo havia de, mais tarde, evocar essa experiência aventurosa da sua juventude nestes versos cheios de sentida homenagem ao bravo povo da Terceira:

Ni mi fortuna muda
Ver en tres lustres di mi idade [primera
Com la espada desnuda
Al bravo portuguez en la Ter- [cera.



A famosa batalha da Salga



Outro grande passe de Luís Miguel Dominguin

(Continuação da 1.ª página)

Espanha, tornaram-no alvo de críticas duras: considerava-se que devia ter ido até ao final, embora possuisse a certeza de não ganhar.

A verdade é que um homem modesto conseguiu o que muitos ambicionariam como fim de toda uma vida; um desporto que parece próprio de operários (pois desde a sua difusão industrial que a bicicleta se destinava ao operário para lhe simplificar o transporte até ao local do trabalho) coloca-se, hoje, entre os mais importantes e converte-se num fabuloso negócio para os organizadores de esses «Tours».

Este triunfo, por ser internacional, é, sem duvida, mais apreciado e, como acontece com o futebol, o entusiasmo desportivo une-se á satisfação de muitos espanhóis que, sem qualquer interesse pelo ciclismo, veem nele o prestígio ou publicidade a favor do país natal do vencedor. Naturalmente que, nos milhares de telegramas que Bahamontes recebeu, nem tudo se deve levar á conta de «aficion»; o mesmo sucede com o hino que, apressadamente, se compôs em sua honra, na manifestação de dez mil pessoas e na cor amarela que por todo o lado aparece em Toledo, como «recuerdo» da cor da camisola de Bahamontes.

No centro de tais correntes de propaganda e de interesses económicos — torna-se simpática a figura humilde do vencedor, sorrindo junto de sua mulher, a quem entregou o ramo de flores que acabava de receber no Parque dos Príncipes, das mãos dos entusiastas franceses.

RAMON REINOSO

O filho mais velho e a mulher de Dominguin, a actriz italiana Lucia Bosé

O maravilhoso exerce sobre nós uma enorme atracção, talvez porque sintamos a imperiosa necessidade de tudo explicar e o nosso pensamento caminha muito mais depressa do que a nossa ciência. Talvez, também, porque os nossos anseios irrealizados encontrem nesse maravilhoso uma necessária válvula de escape. Se existem territórios que desconhecemos, ou conhecemos mal, porque serão eles necessáriamente iguais áqueles em que vivemos? Porque não se encontrará ali tudo aquilo que desejamos e aqui não existe? E assim nascem as falsas noções sobre outras terras e outros povos, e até mesmo as utopias.

Ora, o Tibet misterioso, o país dos Lamas, o Tecto do Mundo, vem alimentando há muito tempo essa humana necessidade de maravilhoso e, por isso, é com alguma relutancia que me proponho rasgar um pouco do espesso véu de mistério e mostrar essa estranha e majestosa região de montanhas inacessíveis tal como vem sendo descoberta pelos viajantes europeus, depois que duas gigantescas estradas modernas começaram a tirar o Tibet do seu isolamento.

As condições geográficas foram, durante muitos séculos, intransponíveis barreiras a isolarem a população tibetana nas suas terras montanhosas. As comunicações com os países limítrofes — a China, a India e o Nepal — sómente eram possíveis durante poucos meses do ano e tinham de fazer-se por atalhos dificilmente traçados nos flancos de montanhas abruptas, ou através de regiões desérticas. Ao Sul, na fronteira com a India e o Nepal, a cadeia do Himalaia atinge a sua maior altura em território tibetano com o pico Evereste; ao Norte, confinando com a China, fica a difícil cadeia dos montes Kouen-Loun, o deserto e um clima terrível.

A imagem do Tibet, é, pois, a de

Um beijo no escuro — foto de Garrido

O Tibet sem mistério

por ALFREDO BRAZ

um imenso planalto acidentado, com a altitude média de 4.500 metros, com uma superfície aproximada de dois milhões de quilómetros (quatro vezes a França!) e uma população de sómente um milhão de habitantes constituindo uma sociedade estagnada em pleno século X. O chefe religioso e político desse estranho país, que tem a curiosa particularidade de viver ainda hoje em regime teocrático, é chamado o Dalai-Lama e habita em Lhassa, capital e cidade santa.

Mas, se o «mistério» do fabuloso Tibet consiste afinal no seu forçado isolamento geográfico e na persistência anacrónica de um feudalismo teocrático, convém talvez dizer como se originou essa situação e porque razões especiais ela se manteve inalterada, apesar das espantosas modificações que por toda a parte se têm operado.

Foi no século VI, que o monarca Son Tzan, desejoso de encontrar uma ideologia para o feudalismo tibetano, chamou ao seu reino alguns predicadores budistas da India e do Nepal e os incumbiu de converterem os seus subditos a essa religião. Sucedeu, porém, que os monges budistas assimilaram alguns dos mitos xamanistas locais e assim formaram uma nova religião, o lamaismo, que se tornou a religião oficial do Tibet.

Cabe ao monge Padma Sambkhava a honra de ter sido o criador oficial da nova religião ou, pelo menos, de a ter estruturado com a fundação da ordem dos monges lamas denominada «Niémopa» (chapeus vermelhos); mas o grande passo no sentido da teocracia foi dado no século XIV pelo monge Tsomghava, criador de uma nova ordem chamada «Ghe Lupka» (chapeus amarelos) e reformador da regra para designação dos chefes do lamaismo.

Tsomghava, logo que atingiu o posto de Dalai-Lama, descobriu que ele próprio era a «reencarnação» dos seus predecessores e resolveu que a sucessão tomasse a forma de uma filiação «divina». Todo um complicadíssimo ritual foi elaborado para procurar e encontrar a criança na qual o espírito do Dalai-Lama se foi alojar, depois da morte do seu corpo. Isto reforça a autoridade dos grandes lamas, santifica ainda mais o lamaismo e permite aos regentes deter as rédeas do poder, na Igreja e fora dela, durante a menoridade do «menino-deus». E esses regentes são sempre os nobres.

É verdade que este estranho processo de sucessão tem certos inconvenientes para o próprio Dalai-Lama, porque não podendo ele exercer os seus descricionários poderes religiosos e civis senão a partir dos 18 anos e após ter passado três exames noutros tantos grandes mosteiros, os regentes que entretanto governam, e se governam, de parceria com o Pantchen-Lama, o segundo na hierarquia dos «Budas-vivos», procuram explorar ao máximo a situação e não se mostram muito apressados em ceder o lugar ao novo senhor.

Sucedeu assim que do 9.º ao 12.º Dalai-Lama, nenhum deles viveu até á maioridade. O 6.º tivera a mesma sorte. O 13.º tinha igualmente o seu «Karma» (destino) determinado pelos regentes, mas, quando ele ia completar os dezoito anos, foi avisado a tempo por um preceptor, eliminou aquele que deveria suprimi-lo e instalou-se sem mais delongas no seu elevadíssimo posto.

A teocracia tibetana sómente assumiu a forma que ainda persiste nos nossos dias quando, no século XVII, a ordem dos «chapeus amarelos» afastou do trono um ultimo rei sem autoridade e fez do seu lama superior um verdadeiro monarca, muito embora já no século anterior um imperador da China tivesse concedido ao terceiro lama superior dos «chapeus amarelos» o título de «Dalai», que significa «supremo».

(Continua no próximo numero)

LIVROS

PERAL

Georges Duhamel
CLAMOR DA SOLIDÃO

*

A MORTE DA TERRA
J. H. Rosny Arné

*

JOSÉ LINS DO REGO
Água-Mãe

*

O BODE EXPIATÓRIO
Raymond Chandler

*

GILBERT CHARLES-PICARD
A Vida Quotidiana em Cartago no tempo de Anibal

SAC

Este curioso enquadramento do filme «Pal Joey» — com Sinatra entre as mulheres e ar de conquistado — vale por uma «buena dicha»...

QUE FAZ ELE ÀS MULHERES?

(Continuação da 1.ª página)

xou de andar com o orientador dos mesmos.

No fatídico mês de Julho (agora em 1959) a desgraça voltava outra vez a bater á porta dos Skofic. Gina regressava ao lar maridal, depois de ter finalmente conseguido representar em Hollywood o seu primeiro filme americano *(Never so Few)*, emparceirando com o mais famoso D. Juan do celuloide, o jovem quarentão Frank Sinatra. Disse-se então que a sua inesperada recusa em rodar para o realizador Dino De Laurentis o filme *Jovanka*, se deveu não a cansaço, não a eximir-se a cortar á escovinha a esbelta cabeleira, mas a um *affare sentimental* ou, como se diz na santa terrinha, a coisas amorudas.

Pondo as coisas em pratos limpos, garantia-se que Sinatra desintegrara a estrutura atómica do coração de Gina, de tal forma que se receava que se partisse em duas: a Lollo para o primeiro casamento, a Brigida para o segundo.

Garantiu-se que o divórcio não tardaria. Gina meteu-se, tristíssima e sentidíssima, na sua propriedade de Cassia e o marido veio a terreiro, como bom guarda, desmentir que não, que não, que não.

As coisas começaram num mês de Abril (pois as desgraças de Julho preparam-se em Abril). Gina, o marido Skofic e Peter Lawforfd foram convidados por Sinatra a comer no restaurante *Golf Club*, de Santa Mónica, na Califórnia. Era a primeira vez que a estrela surgia á vista desarmada, depois dos festejos com que Hollywood oficialmente a havia recebido.

Durante o repasto Frank Sinatra foi galantíssimo com ela, inundando-a de atenções, quase olvidando que havia mais dois seres humanos

Aqui, aos três anos, num velho e casto album de família, Sinatra ainda não mordia uma mosca

á mesa. Podia ser um simples acto de cortezia da parte do anfitrião para com a unica senhora em cena, mas tanto bastou para desapertar as primeiras conjecturas. Os cronistas da Costa do Pacifico possuem a «pena» fácil e a língua comprida sempre que se trata de aventuras com estrelas de celuloide. Logo desferiram os seus foguetões publicitários: Sinatra e Lollo andavam a *flirtar* e tal facto era lógico: Frank nunca perdia o ensejo de, com êxito, fazer o seu *pé de alferes* á parceira dum filme. Só Grace Kelly (no filme *Alta Sociedade*) furou os prognósticos e exemplificou a primeira derrota *sinátrica* em matéria de Cupido.

Deve dizer-se que Sinatra se considera irresistível com as mulheres e, na verdade, os testemunhos dão-lhe razão.

Se Ava Gardner, Lana Turner, Jane Russell, Kim Novak (e outras) perderam a cabeça com ele, porque não havia Gina Lollobrigida de se deixar também decapitar?

Eis um assunto importantíssimo no meio de todos os problemas da *Guerra Fria*. Pela primeira vez se assistiria a um fenómeno de *Guerra Quente*? Biliões de pessoas não dormiam sob o peso de tão graves interrogações...

DESCOBRI finaln a eterna j

(Continuação da 1.ª página)

que, um dia, o homem acabaria finalmente por encontrar a celebérrima fonte? Pois não descobriu ele a forma de voar como nenhuma ave o poderia fazer, e mergulhar nos abismos oceanicos e correr a velocidades incriveis para seres vivos? Pois não se prepara para atingir outros planetas? Pois não abriu as portas da Era Atómica? Os dragões da *fonte de juvença* continuarão a ser invencíveis?

Parece que não.

Hoje, pelo menos, vive-se mais que há 59 anos. Em 1909, com efeito, a média de vida de um ser humano ficava-se pelos 45 anos; hoje atinge 72 anos para as mulheres e 65 para os homens.

Não será esta uma razão mais para lutar contra a senilidade?

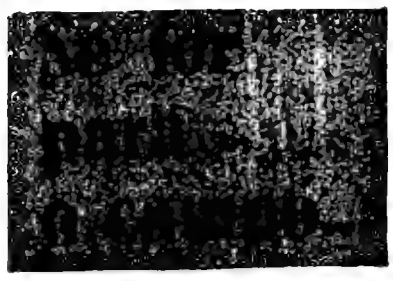
Até há pouco a ciência pouco se preocupava com o assunto, limitando-se a quase só observar o processo de envelhecimento.

É pelos 20, 25 anos, quando o ser humano pára de crescer, que se inicia a caminhada para a velhice. Trata-se ainda de um lento caminhar que dá, de repente, um salto no marco dos 40 anos, desferindo novo e decisivo pulo entre os 45 e os 50 anos.

As células vivas que se renovam rápidamente, num ser jovem, começam a atrasar-se. Este atraso não é igual em todos os pontos do corpo: quando algumas das nossas células respondem tarde e a más horas, outras continuam a manter a mais juvenil pontualidade britanica. Em certos indivíduos são os nervos que se gastam mais depressa; noutros, são as artérias que se esclorosam ou o coração que manifesta sinais de lassitude. Algumas pessoas começam a envelhecer pelos rins, que já não conseguem controlar rigorosamente a quantidade normal de água que o corpo humano deve conter.

Sinais externos?

As rugas, os cabelos brancos, a falta de fôlego, a ferrugem nas junturas — em suma: tudo quanto entre nós se chama melancólicamente *caruncho*.



... Não beba nem deixe os seus pequenos beberem qualquer água, porque muitos poços podem conter águas inquinadas e as cisternas estão muito tempo sem serem limpas. Interrogue as pessoas da região, mas... mesmo assim, desconfie das informações.

... Não fuja das vacas que pastam pelo campo; mas ensine os seus filhos a guardar as devidas distancias; uma chifrada vem quando menos se espera.

... Desconfie dos banhos de rios que não conhece, mesmo que saiba nadar. A água doce é diferente da salgada; e, quase sempre, os rios são mais gelados. Além disso pode haver plantas ou lodo sem que o saiba e são dois elementos muito perigosos.

... E' bom saber distinguir uma víbora, para que não passe o Verão a fugir ou aos gritinhos, obrigando que lhe peguem ao colo. Em geral, as cobras que encontra são inofensivas.

... Não coma cogumelos que não conheça bem. Se hesita, abstenha-se ou pergunte a pessoas da região. Em geral, conhecem-nos bem.

... Se vai para altitudes, não esqueça que a 1.000 metros faz sempre frio depois do por-do-sol. Leve o «pull-over» e umas calças quentes.

... Não deixe as crianças andarem por sítios que nem eles nem você conhecem bem. Debaixo dos pés se levantam os trabalhos... e é bem certo. Quantos barrancos dissimulados com as silvas, rochedos perigosos... sei lá! Os perigos que os pequenos podem correr! Se os não pode acompanhar, arranje alguém do sítio para o fazer.

... Se houve um entorse, mande longe, saia cedo de manhã para se não deixar surpreender pela noite

(Continua na 6.ª página)

Onde se fala na Gerontologia

A *Gerontologia* é uma ciência jovem e tem como objectivo tratar do envelhecimento.

Um indivíduo pode ser mais ou menos velho (fisicamente) do que a idade garantida pelo Registo Civil. Por meio de análises a gerontologia pode determinar exactamente a idade biológica real de um indivíduo. Uma pessoa de 35 anos pode ter, ao mesmo tempo, vasos sanguineos com 50 anos e musculos com 20.

O balanço gerontológico comporta um quadro do equilíbrio dos elementos constitutivos que são o cálcio e a água, e bem assim a dosagem hormonal. Presta, além disso, todas as informações necessárias acerca do estado de cada orgão, da elasticidade dos tecidos e do endurecimento dos vasos sanguineos. O exame gerontológico geral orça, em França, por 30 mil francos (1.800$00 numeros redondos).

Quando se acabar a velhice tan

U-SE
ñente
uventude?

Desta forma é possível dar eficaz auxílio a um orgão em *panne*.

Mas ainda aqui não se tratava de rejuvenescimento; quando muito, poderia chamar-se-lhe recauchutagem...

Foi Alexis Carrel quem, primeiro, conseguiu rejuvenescer um tecido celular envelhecido. A experiência, todavia, era puramente laboratorial. No entanto, acabava de se provar a possibilidade de rejuvenescimento.

O doutor Binet e o doutor Niehans

Actualmente já existem dois métodos médicos de rejuvenescimento.

O método Binet-Bourliére, *oficial, em França*, consiste numa injecção de extractos de embrião de bezerro reduzidos a pó por processos especiais.

O rejuvenescimento incide nas células do fígado e dos rins, chaves do funcionamento do organismo.

O outro método, ainda não reconhecido oficialmente em França, é praticado na Suíça, em Vevey, pelo dr. Niehans. A ele se submeteram com êxito pessoas como Pio XII, Adenauer e Churchill. A cura é extremamente rápida: realiza-se em três dias!

Consiste o tratamento na injecção de um caldo feito com vários orgãos de fetos, vacuns ou ovídeos. Os efeitos verificam-se imediatamente nas células gastas do organismo (fígado, tiroideia, etc.).

Tanto um como outro método asseguram, ao que se supõe, uma renovação do equilíbrio nervoso e uma revitalização geral do organismo. Os seus efeitos incidem sobre o estado cardio-vascular, os esgotamentos nervosos, a impotência e mesmo sobre a caquexia.

Outras terapeuticas são usadas, como a que tem por base o embrião de pinto, ou a geleia real, ou a levedura de cerveja ou o germen de trigo, ou as hormonas. Na próxima semana falaremos do método do dr. Arlan.

bém se acabarão os bengaleiros...

A LINGUAGEM DO CORAÇÃO
SERÁ COMO A JULGAVAM OS POETAS?
TÊM A PALAVRA OS MÉDICOS...

A avaliar pela literatura romantica, os males do coração eram muito frequentes, num tempo em que não havia a bomba atómica, nem electricidade, nem navios a motor, nem aviões a jacto. Mas havia o Amor, a encher o Mundo todo. E como bem cedo, no tempo os Poetas localizaram o Amor no coração, este órgão, entrava de doer, com muita frequência, vinham logo após as palpitações, a angustia era um mal que se não curava pelas caves existencialistas, as tremuras interiores eram um sinal de alarme das meninas-famílias. E os Pais dessas meninas, ao auscultar todos esses terríveis sintomas, achavam clinicamente, que era «altura da menina ficar em casa...» que o diabo, às vezes, tece-as.

Os anos foram rolando, não com o vagar de outrora, mas no ritmo acelerado e doido do samba primeiro, depois do «rock and roll».

Não contentes com as amarguras, mais ou menos diagnosticadas, das meninas cleróticas de Camilo, os sábios deitaram-se a estudar as fumigeradas doenças do coração e a procurar, nele, os mistérios insondáveis dos abismos abissais. Inventou-se até, para cumulo, uma linguagem escrita do coração.

Apaixonados ou não, poucas pessoas já hoje deixaram de submeter-se a um exame electro-cardiográfico. Se á vista do ente amado, uma pessoa sente palpitações, extrasístoles, uma impressão de opressão, uma dor no meio do torax á esquerda — depressa, o médico far-lhe-á um electrocardiograma que dá imediatamente, o estado do pobre coração apaixonado.

Este exame ou método de exploração cardíaco, tornou-se hoje indispensável ao especialistas ou mesmo ao clínico geral; mas para o publico continua um mistério insondável.

Contudo a sua explicação é simples. Os fisiologistas sabem hoje, que toda a contracção muscular está ligada uma corrente eléctrica — os choques que um jovem sentia por uma moça e a que os franceses, ainda ignorantes destes processos, chamavam «coup de foudre». Imaginem! Esta corrente eléctrica partia do seio — não da alma, como diz o poeta — mas do musculo, o que é um pouco mais prosaico, mas só á primeira vista — e precede a contracção. O miocárdio, ou massa muscular que constitue o coração, não foge a esta regra. E como não há regra sem excepção, estas ondas eléctricas, particularmente poderosas — ás vezes só se resolviam pelo duelo com a morte de um dos contendores — atravessam os tecidos do organismo e vêm á superfície do nosso corpo. Dão a palidez, os rubores ou, se a «jovem» é já quarentona, os conhecidos afrontamentos.

Desde 1903, Eithoven conseguiu captar estas correntes por meio de electrodos aplicados no antebraço, no artelho e também á superfície do torax, em frente ao coração, o órgão molesto. Electrodos receptivos levavam setas correntes até um aparelho registador, excessivamente frágil que funcionava segundo os mesmos princípios do galvanómetro. Este aparelho primitivo, electrocardiógrafo, chamava-se um «galvanómetro de corda» e, se a restada ou o requestado não atendiam aquelas terríveis e mortíferas correntes de sentimentos, dizia-se que davam corda ou não davam guita nenhuma.

Hoje, que desapareceram os moços de esquina, de corda ao pescoço, os médicos possuem aparelhos registadores em fita fotográfica ou por inscrição directa. Se o coração doente é bastante fotogénico ou se a inscrição autorizada pela censura... dos papás, tudo vai bem; estes aparelhos são munidos de tubos amplificadores que multiplicam em muitas milhares as correntes cardíacas. E com essa multiplicação toda, não há ouvidos moucos... nem tampouco palavras loucas, pois o registo não deixa palavras escritas, mas linhas quebradas...

Se um Dom Juan diz á dama dos seus sonhos que o coração pulsa por ela, ela não tem mais que pedir-lhe, não a carta-declaração, mas o «electrocardiograma». Aí ela poderá ler de que espécie de homem se trata, se a aritmia é provocada por excesso de paixão, se por hipertensão, se por desequilíbrio neuro-vegetativo, o que será uma gravidade. Podemos afirmar, todavia, quanto nos é possível sendo leigos no assunto, que este aparelho... põe a careca á mostra dos cartas de amor. O electrocardiograma permite determinar se se trata de uma lesão cardíaca ou uma perturbação nervosa ou simples mistificação amorosa dos grandes conquistadores...

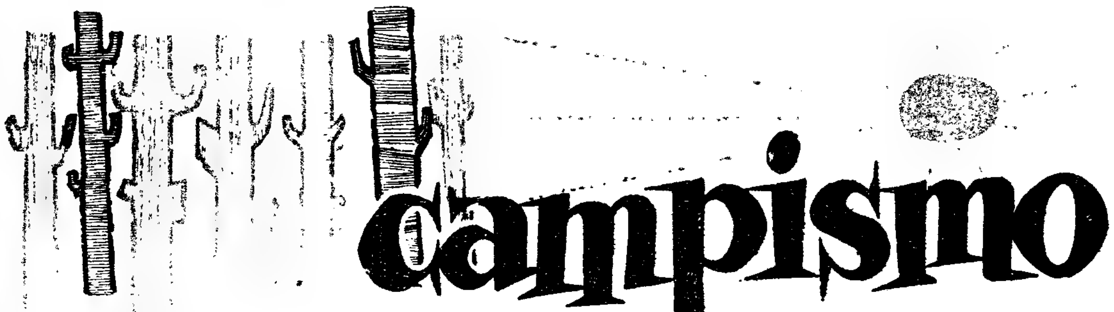
Cartas misteriosas

Havia, ainda há anos, uns manuais que se chamavam «Cem maneiras de escrever cartas de amor». Ali havia de tudo, não era preciso mais que copiar aquela que melhor correspondia aos sentimentos, calmos ou agitados, de cada um. Se o moço era dos chamados, em linguagem filosófica «de atracção», chegava a copiar dois ou mais textos numa missiva só, dando uma espécie de salada rusa. Coisas semelhantes já não possíveis, depois da descoberta do famoso electrocardiograma. E o especialista de coração passou a ser o inimigo n.º 1 dos apaixonados. Os segredos cardíacos acabaram. Tudo é esmiuçado, pesquisado, reduzido (não, não a auto, isso era quando o namoro metia polícia) a misteriosas cartas... que são esses traçados que correspondem ás correntes do coração. Os acidentes que o caracterizam partem de sinais convencionais (um pouco semelhantes aos usados pelos namorados quando ainda nem tinham licença de «gargarejar», porque os bigodes do papé ficavam logo em radar) — P. Q. R. S. T. Quer isto dizer que uma parte ínfima do alfabeto chega para traduzir sentimentos que deram tanto trabalho, noites perdidas, aos grandes amorosos da História...

Estes sinais formam cartas misteriosas de que só podemos desejar continuem misteriosos por muitos anos e bons; porque quando o mistério acabar e o coração estiver tão ao pé da boca que possa ser lido por quem passa, o Amor passa a ser uma coisa bem insípida. Nem valerá a pena gastar tinta ou, o que é mais moderno, gastar cuspo. Tudo fica dito na expressão do indivíduo.

E é caso pará perguntar: a linguagem do coração é tal e qual a julgavam os Poetas.

Entre eles e os médicos — quem terá a ultima palavra?



QUANDO COMEÇOU O CAMPISMO MODERNO

Por FERNANDO DE ALMEIDA

ORA o nosso «leitor imaginário», que nos colocou o seu problema de férias, originou a promessa de lhe falarmos hoje das primeiras actividades campistas europeias.

Não iremos, evidentemente, falar-lhes daquele «campismo» (?) pré-histórico, do homem das cavernas, nem tão-pouco desse outro «campismo» (?) obrigatório para os povos nómadas, vivendo em tendas de todos os tipos. Também os pastores e caçadores primitivos usaram a tenda, tal como hoje ainda os esquimós utilizam o «igloo» feito de neve ou a barraca de peles de foca.

E QUANDO COMEÇOU O CAMPISMO MODERNO?

A' pergunta do «leitor imaginário» responderemos que será difícil estabelecer o ano com precisão, em que o primeiro Europeu rompeu as convenções do seu burgo, pegou num saco ás costas e procurou a planície ou a montanha para se reencontrar com a Natureza.

No entanto, o campismo moderno iniciou-se em Inglaterra no fim do século XIX, quando da grande revolução industrial. As cidades cresciam, os ares toldavam-se de fumos e poeiras, a vida sedentária e burguesa começou a ter um novo ritmo. Um certo Inglês recém-chegado á sua pátria, trazia dos Estados Unidos o hábito de viver ao ar livre, na convivência que fizera com os peles-vermelhas. Chamaram-lhe Messmuck, e foi ele que em Inglaterra instalou o hábito do «fim-de-semana ao ar livre.

Os londrinos, vivendo num dos maiores aglomerados mundiais, aceitaram a ideia de Messmuck rompendo com hábitos conservadores. Por volta de 1875 fundava-se em Inglaterra a primeira associação de «camping» que, com o decorrer dos anos se transformaria no Camping Club da Grã-Bretanha, considerado justamente como a mais antiga organização de campistas.

O hábito ràpidamente atravessou o Canal da Mancha e instalou-se em França, onde se popularizou enormemente. Surgiram clubes, surgiram adeptos em todos os cantos desse vasto país. E na medida que os homens sentiam o peso do progresso, as grilhetas cada vez mais fortes das enormes cidades, o ar mais contaminado de fumos e a vida mais trepidante, o gosto pelo ar livre mais se enraizava, não só como um prazer desportivo mas muito especialmente como a necessidade de oferecer ao organismo o ar puro e saudável dos grandes espaços.

A Europa viu crescer clubes de campismo, as estradas encheram-se de gente que fugia das grandes urbes em cada sábado, os vales, planícies e montanhas assistiram ao espectáculo alegre do aparecimento de pequenas tendas multicores trazidas até àquelas paragens pelos «nómados» do nosso século.

Foi assim, amigo «leitor imaginário», que o campismo teve as suas origens — isto a traços gerais... Mas continuaremos a falar consigo sobre estes assuntos.

ESTA secção noticiará todos os acontecimentos de interesse, desde que os clubes, nucleos e secções de campismo nos enviem as suas informações. A correspondência deverá ser dirigida a «Campismo — Magazine — «Diário de Lisboa».

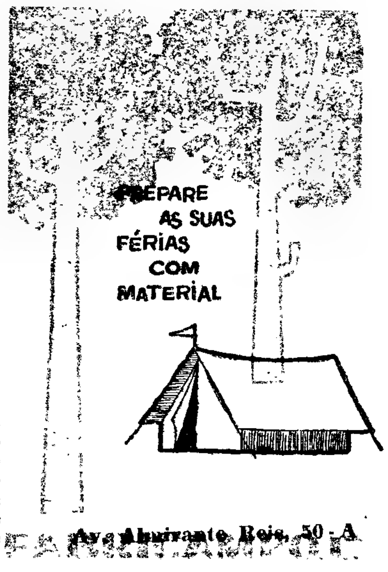
Noticiário

A realização do IV Acampamento Nacional e do III Congresso de Campismo, em Peniche, vem renovar as esperanças na organização portuguesa da modalidade, que parecia adormecida há dois ou três anos.

De tudo quanto se possa dizer ou concluir nesse Congresso, torna-se indispensável que os campistas possam ser senhores da sua organização, elegendo livremente os seus dirigentes — não esqueçamos que a Federação possui há alguns anos uma comissão administrativa. Já é tempo de acabar com tão antipático sistema que só más provas tem dado.

O Secretariado Nacional da Informação, ao que nos dizem, exerceu junto de muitas Camaras Municipais a sua influência para serem criados Parques de Campismo. Alguns existem já e outros se preparam. Necessàriamente terá de haver da parte das organizações campistas o esclarecimento técnico para que o esforço das Camaras seja aproveitado da melhor forma.

A Shell Portuguesa resolveu tomar a feliz iniciativa de editar um mapa de Portugal onde se assinalam os Parques de Campismo e locais de acampamento conhecidos. Merece o melhor aplauso a Shell, que prestou assim um serviço de enorme utilidade a campistas nacionais ecstrangeiros.

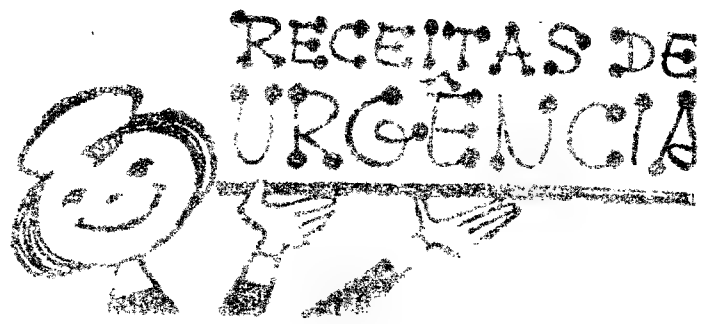


Av. Almirante Reis, 50-A

O SUMO DE TOMATE

O sumo de laranja, nesta quadra do ano, é uma fantasia de ricos. Nem vale a pena pensar que há laranjas no Mundo; há o sumo de tomate e... é quanto basta. Porém, muitas crianças não gostam de sumo de tomate. Ora, como já temos dito a respeito de outras coisas, tudo é bom quando bem preparado. Não basta espremer o tomate para obter «sumo de tomate» que se tome com prazer e não como obrigação. Para preparar um bom sumo de tomate proceda do modo seguinte: lave e esprema o fruto, o suficiente para um litro de água. Junte uma colher, das de sopa, de açucar, uma colher, das de café, de sal, o sumo de dois limões e uma ponta de noz moscada (facultativo). Bata bem e sirva em seguida, fresco sem estar gelado.

E verá que pequenos e grandes bebem e choram por mais...



MOUSSE DE MAÇÃ

Duas maçãs — 1/2 colher de café de vidrado de limão ou laranja — 2 clarar e 2 colheres de sopa de mel.

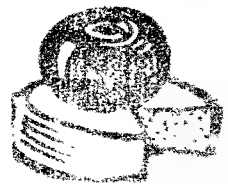
Reduzir as maçãs a juliana sem se pelar. Juntar o vidrado. Bater as claras em castelo e juntar-lhes o

mel, a pouco e pouco. Juntar com as maçãs já partidas. Pôr tudo em taças individuais e gelar. Servir com geleia de groselhas ou fambroesas.

(Esta receita dá para 4 pessoas leva 15 minutos a preparar).

FÍGADO DE VITELA RECHEADO

Comprar um fígado inteiro de vitela. Abrir de lado, formando uma espécie de bolsa onde meterá

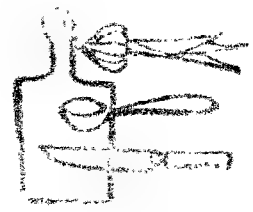


o seguinte recheio: esmagar gemas de ovos cozidos pão esmagado depois de bem embebido em leite, sal, pimenta, noz moscada. Misturar tudo muito bem.

Segurar os bordos do torte com palitos. Pôr na panela de pressão, guarnecendo o fundo com tiras de toucinho, pôr o fígado em cima e fechar e cozer durante uma hora; no fim deste tempo, voltar o fígado, juntar um copo de conhaque e fechar de novo a panela para ferver ainda durante outra hora. Servir quente, cortando o fígado em fatias, deitar sumo de limão e acompanhar com pão torrado e salada de tomate.

SOPA À MANUELA

Num litro de água a ferver, deitar um cubo de sopa desidratada de galinha. Dissolver. Levar nova-



mente ao lume, com uma a duas colheres de farinha Saluzena e deixar ferver. Quando está quase pronta, desfazer-lhe dentro duas gemas de ovo, tendo o cuidado de não deixar cortar demasiado (mas um pouco fica bonito). Fica uma deliciosa sopa muito fina, que toda a gente pode saborear.

SABA COMER

Há muitas espécies de... velhotes

Já que falámos de pessoas de meia idade ou de idade madura, ou mesmo de velhos, há que assinalar os vários tipos que podem representar, no ponto de vista da dietética:

O digestivo linfático — gordo, de barriga saliente, taónico — come muito e está sempre sujeito a congestões do fígado. A sua alimentação deverá, pois, ser racionada. E porque assimila mal terá necessidade de excitantes digestivos.

O respiratório—sanguíneo, igualmente gordo, dar-se-á bem com dietas de 24 horas todos os oito ou quinze dias ou ainda purgações periódicas (com o conhecimento do clínico). Como diz o povo eles devem «empobrecer o sangue»

O bilioso nervoso — sujeito rebelde, indisciplinado, que se vigia apenas quando sofre, tirará o melhor partido de um regime hipotóxico.

...Fora mesmo destas designações, procurar-se-á adoptar o regime ao apetite de cada um. Muitas pessoas de meia idade ou mesmo idosas têm grande apetite e acomodam-se mal com restrições autoritárias com respeito a estes ou áqueles alimentos que lhe não são, de resto, da mínima utilidade. O regime dos chamados velhos deverá adaptar-se ás circunstancias.

É essencial compreender que as medidas de higiene alimentar ocupam um lugar fundamental ao lado dos tratamentos médicos — destinados a refrear, mascarar ou mesmo opor-se ao envelhecimento.

Só se pode pretender prolongar a vida, observando certas regras, de maneira eficaz.

Não se trata aqui de evitar o acidente mortal da doença, mas de proteger o organismo contra o processo lento de destruição interna, acelerado, muitas vezes, pelo ritmo de vida contrário ás leis naturais.

Aproveitem a época

Não é demais lembrar que nos espera, em breve, uma quadra de poucas frutas e poucos legumes. Aproveitem, pois, esta quadra do Verão para uma cura de fruta ou de legumes frescos. Não esqueçam os sumos: de tomate, de maçã, de cenoura, etc. Não esqueçam as saladas cruas, variadas e apetitosas. Deixem as compotas para o Inverno: então precisarão mais calorias. Agora precisam de vitaminas. Aproveitem, pois, as vitaminas desse famoso celeiro que é a Natureza.

Também os mariscos estão no seu tempo. Todos aqueles que estejam á beira-mar, poderão tirar proveito de um tão rico alimento, como são os mariscos. Por mais já temos aqui enaltecido o seu valor nutritivo e de portadores de oligo-elementos tão necessários ao organismo.

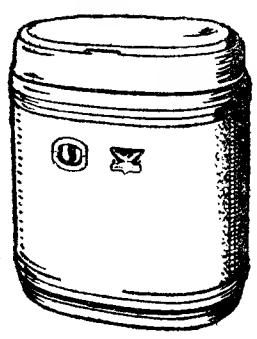
Em suma, leitores, preparem-se para a dureza do Inverno. E com condições e saude armazenadas durante o Verão, não temam o frio. Como diz o povo, o «frio enrija»...

PELO PREÇO DE **UMA** SÓ FAZ O TRABALHO DE **DUAS** MÁQUINAS!

... LAVAR
E
SECAR

Experimente a ultra-moderna máquina

ALBA-CYGNUS



EM EXPOSIÇÃO
E VENDA
NOS STANDS DE

Rua Maria, 43-C — Telefone 84 91 03

Uma representação

T L

... irá o campo...

(Continuação da página central)

e pelo frio. E pense que a prudência é a mãe da tranquilade.

... Se houve uma entorse mande deitar o paciente, ponha o pé em água salgada bem quente, várias vezes por dia. Friccione com um unguento sedativo, envolva o pé em algodão e amarre.

... Se alguém foi mordido por qualquer serpente, deite o mordido de cabeça baixa e dê-lhe logo uma injecção de soro antitetanico (se vai para regiões onde há víboras leve consigo o soro, seringa e agulhas. Pode aspirar a mordedura, por sucção, desde que não tenha lesões na boca ou por meio de ventosa ou, ainda, rasgando a mordedura com um canivete bem afiado ou tesoura, fazendo sangrar abundantemente.

... As picadas de insectos tratam-se de formas diversas. O vinagre, o amoníaco, a água fria salgada ou a água de Colónia podem ser usados nas picadas vulgares. Aplicar uma pomada antipruriginosa ou qualquer creme Histamínico. O sumo de limão é óptimo para as picadas das aranhas. A saliva é um produto óptimo para as mordeduras de pulgas (e custa barato).

... Tirar o aguilhão das vespas e das abelhas, apertando com os dedos através dum lenço limpo.

... Se tem bolhas, desinfecte os bordos com alcool puro; fure as bolhas com uma agulha desinfectada, faça sair o líquido e faça um pequeno penso com gaze...

E, agora, vá para férias descansada, e nem pense nos perigos que apontamos. Eles só existem na nossa imaginação...

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30442

R. dos Correeiros, 125-129—T. 25277

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21585

Rua de São Paulo, 96 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

AS GORDURAS E O SAL

Principalmente nas pessoas de idade, as gorduras devem ser reduzidas, sobretudo as gorduras de origem animal; elas favorecem a ar

teriosclerose, grande causa da mortalidade nas pessoas idosas; pode atingir os vasos do cérebro, do coração e dos membros.

Sistemáticamente devem ser abolidos todos os alimentos ricos em colesterol. O colesterol é o inimigo n.º 1 da idade madura. Com razão o colesterol deve ser temido e combatido. Aos quarenta anos, uma alimentação muito rica, a obesidade ou a hipertensão, um mau funcionamento do fígado, podem liquidas uma vida.

Os tratamentos vêm quando o médico se alarma com as análises do queixoso. Mas a dieta, o regime que cada um pode fazer em casa, sem receita médica, essa deve ser cuidada pelo próprio padecente.

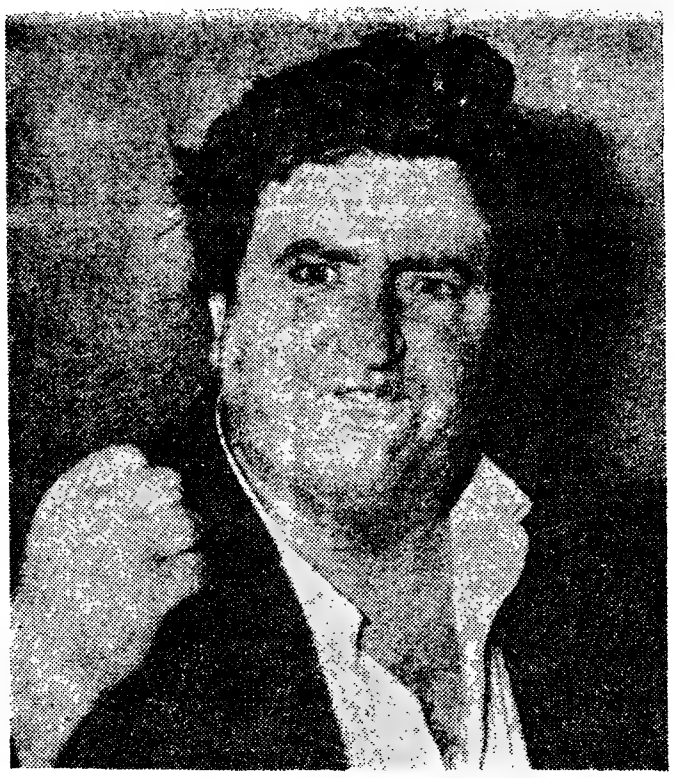
Aconselha-se, de preferência, os óleos vegetais ou a margarina. Evitar por completo as gorduras cozidas.

A cozinha das pessoas idosas deve ser pouco salgada, sobretudo quando se verifica propensão para retenção de líquidos e formação de edemas. Apesar da riqueza de cálcio assimilável, não devem também abusar do leite que, além disso contém outras substancias perigosas, gorduras e até o sal. Basta beber por dia um quarto de litro de leite. Pelo contrário o iogurte é um alimento aconselhável, ao contrário dos ovos, porque a gema é muito rica em gorduras. Nunca comer mais que dois ovos por semana.

Há que observar nítida abstinência com as bebidas alcoólicas, salvo, de tempos a tempos, um ou dois copitos de champanhe. Pelo contrário os aperitivos estão formalmente interditos.

Um facto a ter em conta e contraria tudo que acabamos de dizer é a guloseima dos velhos. Sem pretender chamar velha a uma pessoa de quarenta anos, no aspecto da comida deverá considerar-se como tal. Comer pouco, embora repetidas vezes seria o ideal para

uma pessoa na idade madura. A refeição da noite deverá ser ligeira, a fim de favorecer o sono reparador. Comer lentamente, mastigar bem, repousar numa cadeira após a refeição do meio-dia.



VOCÊ ?

1 — VOCÊ	diante da montra duma loja, esquece-se de dar o primeiro lugar ao seu filho?	SIM	NÃO
2 — VOCÊ	segue o seu caminho sem parar para ajudar um cego ou um enfermo a atravessar uma rua?	SIM	NÃO
3 — VOCÊ	enche as redes das carruagens de comboio com as suas malas, malinhas e malões, não deixando espaço para as dos outros?	SIM	NÃO
4 — VOCÊ	ao comer alho, sopra sem qualquer cerimónia o seu bafo nas narinas do parceiro?	SIM	NÃO
5 — VOCÊ	empurra, acotovela ou pisa em qualquer sítio muito atravancado de gente uma senhora constrangida a andar devagar por causa do filho?	SIM	NÃO
6 — VOCÊ	antes de se atirar á água, da piscina, esquece-se de cumprir a regra de tomar um duche?	SIM	NÃO
7 — VOCÊ	ao encontrar um estrangeiro que lhe pede uma informação e que tem dificuldade em compreendê-lo, acaba por reagir com esta frase: «Porque é que o senhor não fala português?»	SIM	NÃO
8 — VOCÊ	quando se encontra numa «bicha» costuma dar a sua cotoveladazinha para se esgueirar entre os parceiros e ganhar dois lugares?	SIM	NÃO
9 — VOCÊ	exige, quando utiliza transportes colectivos, que todas as janelas estejam fechadas, a pretexto de que tem medo das correntes de ar?	SIM	NÃO
10 — VOCÊ	costuma dizer: «Gostava de ser bom, mas não quero que me chamem parvo?	SIM	NÃO
11 — VOCÊ	fuzila com esta desculpa um funcionário publico que não o atende expeditamente: «Se o senhor está aí sou eu que lhe pago»?	SIM	NÃO
12 — VOCÊ	ao guiar automóvel insulta em vernáculo o pacifico peão a quem ia pisando o rabo ou os calos?	SIM	NÃO
13 — VOCÊ	carrega no acelerador mesmo quando o sinal luminoso o manda parar?	SIM	NÃO
14 — VOCÊ	ameaça, ao menor pretexto de queixar-se do empregado com quem tem de tratar um assunto, caso este não corra ás mil maravilhas?	SIM	NÃO
15 — VOCÊ	faz comentários em voz alta, no cinema, e fica insensivel ao «chiu» com que lhe assobiam ás orelhas ou mesmo ao «cala a boca, urso»?	SIM	NÃO
16 — VOCÊ	obriga o pobre empregado de balcão a desenrolar 25 peças de fazenda quando quer comprar apenas 25 cms.?	SIM	NÃO
17 — VOCÊ	chega tarde ao espectáculo e faz grande estardalhaço até acomodar os assentos no poiso que lhe está reservado?	SIM	NÃO
18 — VOCÊ	é daqueles que, quando pretende falar mal de alguém, começa o discurso com esta frase digna de Tartufo: «Deve dizer-se que eu sou amigo de fulano. Mas...»?	SIM	NÃO

Some agora as respostas NÃO. Com 18 a 22 NÃO, você cumpre o mandamento de «amar o próximo como a si próprios.

Com 13 a 17 NÃO, você pertence á categoria dos «agradáveis concidadãos».

Abaixo de 11 NÃO, você é «beran» de todo e só o espelho é que tem paciência para manter uma conversa consigo.

GANHE CEM ESCUDOS

com um provérbio nos lábios

E' verdade. O nosso povo está farto de espremer provérbios. E' centenário (8 vezes) nessa tarefa. Mas nunca ganhou, por isso, uma «centenária». Tão profunda injustiça foi, finalmente, reparada. O sr. Manuel Francisco Farracho, Rua Moreira, 3, Mafra, quebrou o encanto. O provérbio é o seguintes:

SOGRA — aquele bichinho que obriga os maridos a dizer:

MAIS VALE MAL ACOMPANHADO DO QUE SO...GRA.

Os leitores estão a ver o que significa «mal acompanhado», isto é, «sem sogra».

O sr. Farracho ainda nos apresentou outras definições. Uma:

SOGRA é um apêndice nupcial.

Quando os ares caseiros estão turvos diz-se, nesse caso, que a nora ou o genro sofrem de... Apendicite.

Outra:

SOGRA — É um cinto de salvação das esposas amadas.

Cinto ou boia?

O sr. Farracho garante-nos que *«não há qualquer sociedade protectora contra-sogras»*. Não acredito. Se tem medo delas porque resolveu casar?

O «Vencedor Crónico», o sr. Arménio Gonçalves, que já nos volta a escrever de Lisboa, pede-nos *«o favor de dar a má notícia aos meus concorrentes de que estou de novo bom de saude»*.

A doença, claro, era a «garganta».

Desta vez o sr. Pereira enviou-nos as seguintes boas graças (de graça, tenha paciência):

SOGRA — É o árbitro conjugal que «torce» por um e torce o outro...

Lá dizia o cientista: a experiência é a madre de todas as coisas.

SOGRA — É o melhor argumento contra a poligamia

Seria, meu caro senhor, seria. A verdade é que o senhor casou. E' a tal história da «garganta».

SOGRA—Comerciante que, não contente com impingir-nos a mercadoria e continuar a mandar nela ainda quer mandar no comprador.

Isso significa que á inteligente considera o comprador um «menor de 17 anos».

O sr. Joaquim Pedro Mendonça, de Lisboa, viu que o motivo merecia versos:

A sogra é um pesadelo
tornado em realidade,
muda um «leão» em «camelo»
para o zurzir á vontade.

Orgulhosa e insubmissa
tem actos que nem do Averno:
faz com que um ateu vá á missa,
mete um santo no Inferno.

Enfim, merecia o Prémio Nobel da Física,

O sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra) mandou-nos três excelentes piadas:

SOGRA — É a 3.ª pessoa da Familia.

Terceira pessoa do singular ou do plural? Feminino é, pois o sr. Gaudêncio garante-nos que

SOGRA — É a Mãe do Sonho (Ela) e Avó da Ilusão (ainda ela).

E' uma genealogia um bocado esquisita e, sobretudo, muito romantica. Talvez por isso o nosso leitor resolveu terminar de maneira prática:

SOGRA — É a Cauteleira do Amor. (É porque vende o seu jogo — e o resto é sorte. Até se diz que a sorte grande apenas sai aos outros... genros, claro).

Se calhar o senhor enganou-se: não é genros, mas... tenros.

O sr. E. Läss (de Coimbra, como se sabe) afirma-nos que

SOGRA — É o anjo da paz ou da... guerra conforme os casos e as casas.

Diz também que

SOGRA — É «aquela santa» que ainda não foi canonizada porque as entidades que o podiam fazer não podem verificar, por experiência própria, a sua santidade.

E' um bocado extenso mas é profundo.

O sr. José de Oliveira (Lisboa) mandou duas definições porque crê *«piamente que o seguro morreu de velho»*. Foi pena que o tivesse conhecido logo na velhice, mesmo na altura do enterro. Resultado: nada (de «centenárias»).

Citamos a ultima definição com que o sr. Oliveira se queria segurar.

SOGRA — É a madrasta que nós próprios arranjamos e que, generosamente, nos ajuda a criar e a aturar os nossos filhos.

Nem mais.

O sr. Silvestre Gaudêncio propõe, e aceitamos, que a palavra a definir seja

POLITICA

As respostas devem estar no «Magazine», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 11 de Setembro.

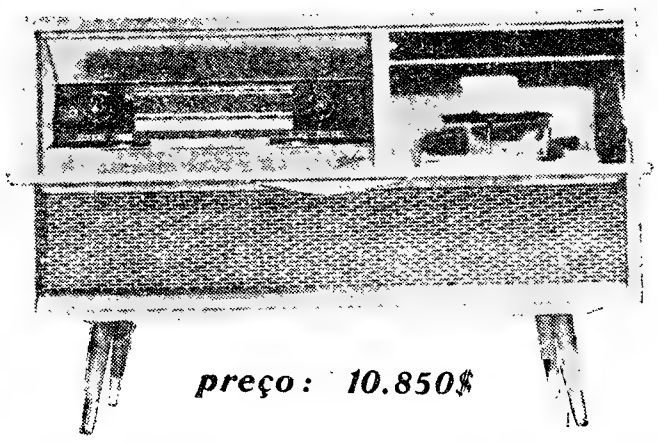
E boa política.

RADIO-GRAMOFONE

ESTEREOFÓNICO

STEREO

modelo MAINAU 100



Chegou a 1.ª Remessa deste sensacional conjunto!

★ Amplificador de 2 canais
★ Gira-discos Dual automático

preço: 10.850$

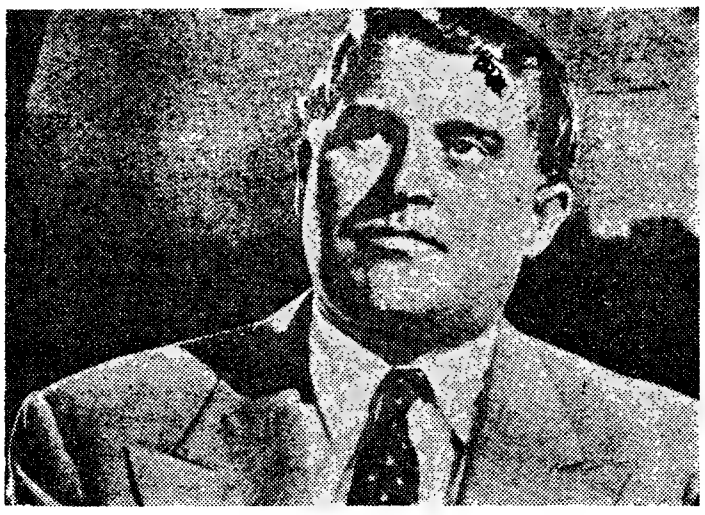
À VENDA NOS AGENTES DA

A CONQUISTA DO ESPAÇO

SEGUNDO OS CIENTISTAS AMERICANOS

Não é muito fácil descrever exactamente um programa americano para a conquista do espaço. Os Americanos são bastante elásticos no seu programa e mudam-no constantemente, conforme as necessidades de adaptação ás várias experiências que vão sendo feitas.

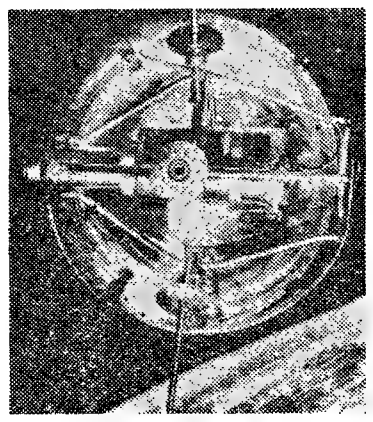
Inicialmente, o actual programa, que é dirigido por um organismo especial, o N. A. S. A. (National Aeronautics and Space Agency), prevê o lançamento de um certo numero de satélites artificiais destinados á recolha de informações. O satélite-tipo é o Discover *mas estão previstos satélites de outros tipos. Calculam-se em cerca de 34 os que serão lançados nos próximos trinta meses.*



Vernher von Braun, filho dum terratenente prussiano, construiu o primeiro foguetão aos 18 anos. O Estado-maior hitleriano pô-lo à frente dos centros de investigação que produziram a V-1 e a V-2. Hoje está ao serviço dos Estados Unidos, que lhe deve grande parte dos seus êxitos no envio dos primeiros satélites americanos

Em 1960 será lançada no espaço a primeira astronave pilotada: o X-15. E' um avião-foguete de ensaio que permitirá estudar as reacções do corpo humano no meio espacial criado pelo voo extra-atmosférico. O X-15 será seguido por uma série de veículos do mesmo tipo que estudarão as possibilidades do voo comercial nas mesmas condições. Encontram-se entre esses aparelhos os «planadores orbitais», como o Dyna-Soar, *que poderão girar numa órbita donde descerão conforme o piloto desejar.*

No ano seguinte, far-se-á uma tentativa ainda mais revolucionária: a cápsula espacial. *O X-15 era ainda, embora voasse fora da atmosfera, um avião-foguete bastante semelhante ao clássico avião. Os homens da* cápsula espacial *serão lançados no espaço por meio de um foguete, o que permitirá fazer experiências acerca do futuro meio de locomoção nas rotas siderais. O piloto dessa* cápsula, *ao mesmo tempo que faz o primeiro voo no espaço segundo os métodos para as grandes viagens entre os astros, girará em órbita em volta da Terra. O lançamento desta* cápsula espacial *tem portanto uma dupla e grande importancia: por um lado é a primeira viagem dos Americanos no espaço propriamente dito; por outro, será o primeiro satélite habitado que lançarão e que poderá voltar á Terra com todos os seus instrumentos e, portanto, com todas as informações por eles obtidas. Após as experiências com esta* cápsula espacial *os Americanos julgam estar prontos para a verdadeira conquista dos espaços.*



Um dos satélites americanos, media 50 centimetros de diâmetro. Os quatro pequenos objectos postos aos lados são microfones que registam as colisões de minúsculos meteoritos com partículas de poeira meteórica. A esfera contém todos os aparelhos para manter contacto com o satélite durante um ano

A fase seguinte será o lançamento de um ou dois homens para a Lua. Esta parte do programa americano, ao contrário do russo, prevê esse lançamento sem o estabelecimento prévio de uma estação espacial habitada. O foguete para o lançamento deve estar pronto em 1962. Será um foguete de vários andares com mais de 100 m. de altura e já foi baptizado de «Nova». Os três primeiros andares permitirão o abandono da Terra, o quarto a descida na Lua, o quinto e o sexto a partida da Lua e o sétimo a aterragem na Terra. Entretanto, o projecto da estação espacial começara a concretizar-se. Uma grande plataforma podendo conter algumas dezenas de pessoas será lançada no espaço aproveitando a força propusiva provocada pela explosão de bombas atómicas. Será assim experimentado um novo sistema de propulsão no espaço que poderá ser a introdução ao motor atómico.

Entre 1962 e 1963 um Americano descerá no nosso satélite e, em 1967, prevê-se o início da construção de um grande satélite artificial da Terra. Para a construção dessa cidade do espaço serão utilizados gigantes foguetes de transporte que transportarão, em vez de uma tripulação humana, uma carga de «robots» e máquinas dotadas de propulsão a jacto que assegurarão o seu movimento no vácuo e munidas de um equipamento que permitirá a sua manobra a distancia. Graças ao apoio desses trabalhadores mecanicos, a estação espacial deve ficar terminada dois anos após o início dos trabalhos. Portanto, em 1969 será inaugurada essa cidade do espaço donde partirão as expedições americanas para os planetas do Sistema Solar e que assegurará o apoio da futura base na Lua.

A fase que se seguirá será o estabelecimento da base lunar. Da estação espacial partirão as astronaves já estudadas por Von Braun. Nesta parte, o programa americano não é tão optimista como o programa russo, talvez porque, antes de estabelecerem uma base definitiva na Lua, os preocupe a completa realização da estação espacial. Por isso, o programa americano será muito provavelmente modificado sensivelmente após a «cidade americana do espaço» começar a girar na sua órbita em volta da Terra.

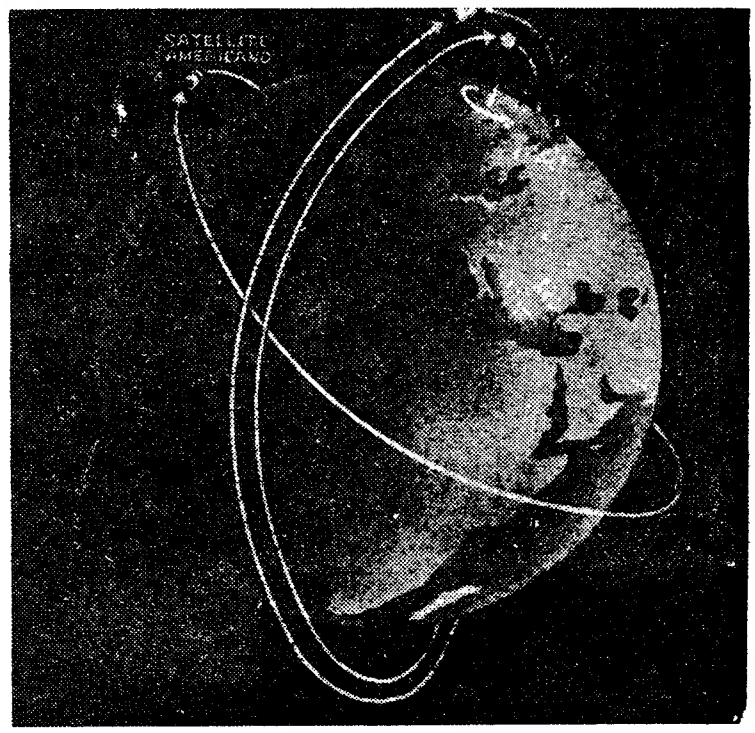
Em 1969 já vários foguetes-sondas devem ter sido lançados em direcção aos planetas mais próximos do Sistema Solar. Marte e Venus devem já ter sido explorados por esses pequenos aparelhos e já se devem possuir suficientes informações acerca desses dois planetas. Será portanto por volta de 1969 que os Estados Unidos abordarão a fase final da conquista planetária, lançando da base lunar foguetes exploradores não-guiados. No ano seguinte, 1970, será muito provavelmente a partida do primeiro americano para Marte.

Chegámos portanto a 1970. O primeiro foguete pilotado efectuará uma rápida volta a Marte e voltará. Pouco depois, os Americanos enviarão uma grande astronave com uma equipagem de vários homens que descerão no planeta vermelho. Em oposição aos Russos que, como já dissemos no nosso artigo anterior, se interessam mais por Venus, os Americanos realizarão a sua primeira tentativa de desembarque espacial em Marte e procurarão estabelecer aí uma base permanente. Com uma base estabelecida nesse planeta, os Americanos ficam com o caminho aberto para Venus e os restantes planetas do Sistema Solar.

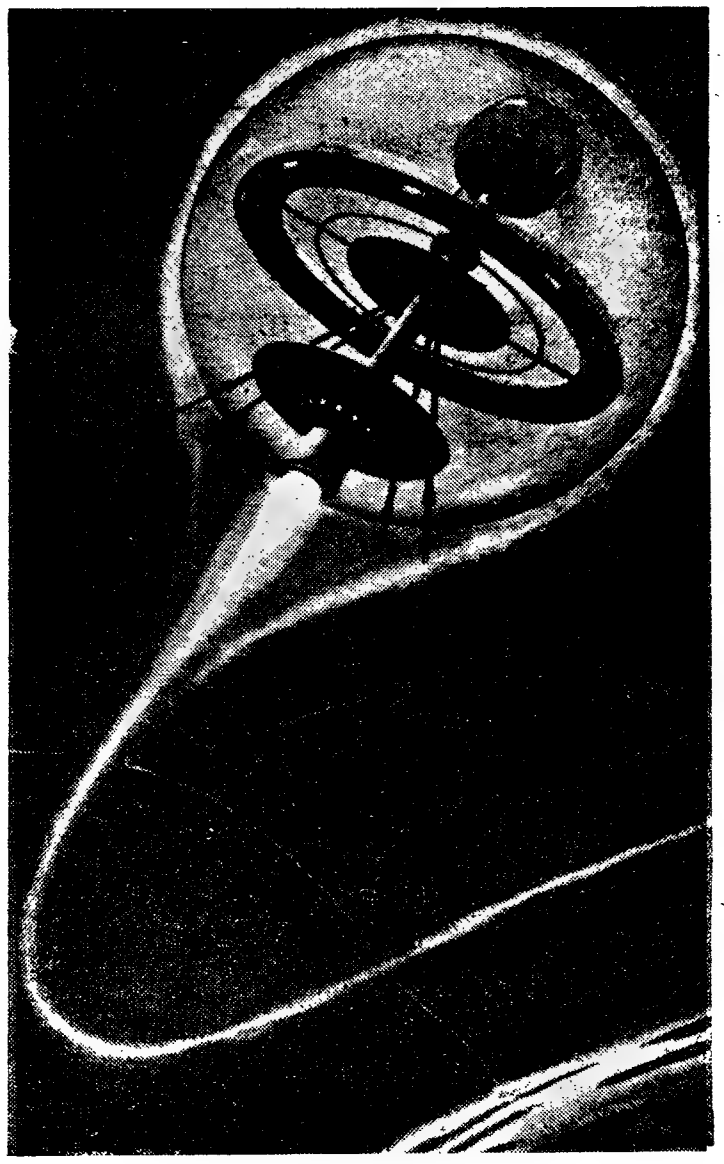
Cerca de 1975, isto é, cinco anos após o seu desembarque em Marte, os Americanos pensam ter pelo menos uma base em Marte e outra em Venus. Essas bases, que serão fixas e estabelecidas conforme as conveniências de adaptação ao ambiente do planeta, serão abastecidas por foguetes de transporte.

Mas o génio humano acha que a conquista dos planetas interiores é uma tarefa menor. Com as astronaves atómicas que já estão em estudo e as possibilidades da propulsão fotónica, não parece impossivel uma próxima conquista, ou pelo menos exploração, dos grandes gigantes do Sistema Solar.

E, quando as enormes astronaves atómicas partirem para os confins do Sistema Solar, ou mesmo mais para além, já não serão astronaves da Russia ou da América, mas sim astronaves dos Homens da Terra...



As órbitas dos primeiros satélites russos e a do primeiro diferem bastante, como se vê, pela inclinação. Se a órbita seguisse a linha do equador, só uma limitada faixa da terra ficaria dentro do campo de observação do satélite. Repare-se que as órbitas russas são quase perpendiculares ao Equador



Esta nave espacial anti-gravidade faz parte, ainda hoje, do arsenal da ficção científica americana. Mas sê-lo-á dentro de poucos anos? Os melhores cientistas de 14 universidades americanas dedicam-se à realização deste projecto

Diario de Lisbôa

De um mês para o outro

DIA 29 DE AGOSTO

EM PORTUGAL — O ministro dos Estrangeiros ofereceu em Seteais um almoço em honra da sr.ª Kubitchek de Oliveira. ✻ Regressou á Indonésia uma missão que viera estudar o sistema tributário português. ✻ Regressou ao Brasil o deputado dr. Carlos de Lacerda ✻ Fulgêncio Baptista esteve no santuário de Fátima. ✻ O secretário da Agricultura visitou a obra de rega do Vale do Sorraia. ✻ O cruzeiro da M. P., «Gago Coutinho» partiu para Angola. ✻ O governador de Pontevedra recebeu, no Porto, a ordem de Cristo.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower chegou a Chequers onde conferenciou com MacMillan. ✻ Na fronteira da União Indiana desceram pára-quedistas da China comunista. ✻ Do Rio de Janeiro dizem que o dr. Ademar de Barros se proporá candidato á Presidência da Republica, em 1960. ✻ Numa explosão de dinamite, perto de Teruel, morreram 12 mineiros

DIA 30

EM PORTUGAL — O presidente do Conselho visitou no Hotel Ritz, a sr.ª Kubitschek de Oliveira. ✻ Os filiados da M. P. chegaram a Luanda. ✻ Em Guimarães adoeceu, com gravidade, o bispo da Guarda. ✻ Ao Sameiro foram 30 mil peregrinos. ✻ Nos campos de futebol realizaram-se os primeiros desafios da época. ✻ O major Henrique Calado ganhou em Cascais a prova marechal Carmona do concurso hípico. ✻ Regressou do Rio, o dr. Vieira Machado.

NO ESTRANGEIRO — Eisenhower continuou as suas conferências com MacMillan, em Chequers. ✻ Na fronteira do sul do Tibet com o Assan estão a travar-se combates intensos. ✻ Um historiador russo defende a descoberta da América pelos Portugueses, antes de Colombo. ✻ Um tufão causou grandes prejuízos, na Formosa. ✻ Adenauer, em carta para Kruchtchev insiste no desarmamento progressivo e fiscalizado. ✻ De Gaulle regressou a Paris, depois da sua viagem á Argélia.

DIA 31

EM PORTUGAL — Houve um desastre nas obras da Siderurgia Nacional em Paio Pires: 10 mortos e 12 feridos. ✻ Seguiu para Paris D. Sara Kubitschek de Oliveira. ✻ ✻ Um despacho do ministro das Corporações aumenta os vencimentos dos médicos dos serviços de previdência. ✻ Na Direcção-Geral de Aeronáutica foi assinado o contrato do prolongamento das pistas do aeroporto: 55 mil contos ✻ Faleceu o prof. dr. Alberto Córreia Pinto de Almeida.

NO ESTRANGEIRO — Tropas chinesas invadiram o protectorado de Butan. ✻ De Londres informam que Portugal vai ser admitido na Federação Internacional de Astronáutica. ✻ Eisenhowet e MacMillan chegaram a acordo em que a Alemanha receba armas nucleares. ✻ O ministro dos Estrangeiros de Espanha conferenciou com Eisenhower. ✻ Nikita Kruchtchev disse que a resposta de Adenauer á sua carta lhe causara a melhor impressão.

DIA 1 DE SETEMBRO

EM PORTUGAL — Foram autorizados empréstimos de 3.482 contos a várias camaras municipais. ✻ Foi condecorado, a título póstomo, um furriel morto no estado da India. ✻ Continuam em estado grave alguns dos feridos no desastre de Paio Pires. ✻ O ministro das Corporações estudou em Lamego o caso das habitações económicas. ✻ O Benfica derrotou o Oviedo, por 1-0, em futebol, no estádio da Luz. ✻ Encerrou-se a exposição filatélica de Aveiro.

NO ESTRANGEIRO — Alguns ministros da União Indiana pediram a demissão. ✻ Em tumultos em Calcutá houve 400 feridos. ✻ Nehru conferênciou com o presidente do Paquistão sobre o perigo que ameaça a península. ✻ Terminaram as conferências entre o presidente Eisenhower e o primeiro-ministro MacMillan. ✻ Em Londres MacMillan conferenciou com o ministro dos Estrangeiros de Espanha, Fernando Maria Castiella

DIA 2

EM PRTUGAL — Como reflexo da campanha do *Diário de Lisboa* para a segurança do transito, anuncia-se a aplicação de multas sem aviso, por excesso de velocidade na estrada marginal Lisboa-Cascais ✻ Realizaram-se os funerais de duas das vítimas do desastre nas instalações da Siderurgia Nacional, em Paio Pires, prosseguindo o inquérito para se apurarem responsabilidades ✻ O ministro das Corporações visitou, em São Pedro do Sul, as futuras instalações de uma colónia para trabalhadores ✻ Tomou posse do lugar de chefe dos médicos-internos dos Hospitais Civis de Lisboa, o dr. Alfredo Franco ✻ O general Beleza Ferraz principiou, em Lourenço Marques, a sua visita de inspecção ás forças armadas da província de Moçambique ✻ Um mendigo mal agradecido roubou a sua protectora, atingindo o furto, praticado em Lisboa, a soma de onze contos ✻ Foi identificado e descoberto em Portalegre o autor de um atropelamento, entre Pegões e Porto Alto, que se evadiu sem socorrer a sua vítima. Era o condutor de um carro ligeiro, chamado António Frutuoso Calha, daquela cidade alentejana.

NO ESTRANGEIRO—Eisenhower chegou a Paris e foi recebido, no Eliseu, pelo general de Gaulle, presidente da França ✻ Anunciou-se que a comitiva de Kruchtchev na sua visita aos E. U. será constituída por 50 pessoas ✻ Os cientistas norte-americanos anunciam que uma astronave de tipo especial conduzirá o homem até ás paragens lunares ✻ Em Constantina (Argélia) foram mortas seis crianças pela explosão de uma granada ✻ Uma derrocada numa mina na Andaluzia soterrou 16 homens, dos quais sete morreram ✻ Faleceu, no Rio de Janeiro, o antigo ministro da Justiça, Eurico Aguiar Sales.

DIA 3

EM PORTUGAL — Foi inaugurada, no Porto, pelo ministro das Obras Publicas, a moderna Via Norte, estabelecendo a ligação do aeroporto das Pedras Rubras com as estradas de entrada e saída daquela cidade. ✻ Foi celebrado o 770.º aniversário da tomada de Silves aos Mouros. ✻ Angola produzirá, este ano, 90 mil toneladas de café. ✻ Afundou-se entre Peniche e a ilha Berlenga o pequeno lagosteiro «Leninha», abalroado pelo paquete «Lugela», que salvou os quatro tripulantes do pequeno barco. ✻ Ionesco, á chegada a Lisboa, fez declarações sobre os objectivos do seu Teatro.

NO ESTRANGEIRO — Portugal foi admitido na Federação Astronáutica Internacional, cujo congresso se reuniu em Londres. ✻ A princesa Margarida inaugurou a Feira Industrial da Escócia. ✻ Foram presos 15 generais, na Argentina. ✻ Decorrem cordialmente, em Paris, as conversações entre de Gaulle e Eisenhower. ✻ Anuncia-se que as tropas chinesas avançam pela fronteira entre o Tibet e a União Indiana.

DIA 4

EM PORTUGAL — Foi empossido o sr. dr. oJão Augusto Dias Rosas no cargo de subsecretário de Estado do Comércio, departamento governamental acabado de criar ✻ Foi tornado publico o novo regulamento do exercício da Industria de Panificação. ✻ Num desafio nocturno de futebol, empataram o «Sevilha» e «Os Belenenses» (1-1) ✻ Anuncia-se que vai ser publicado um diploma regulamentando o decreto-lei que reorganiza o sistema de crédito e a estrutura bancária

NO ESTRANGEIRO — O Conselho Permanente da N. A. T. O. aprovou, oficialmente, o convite a Kruchtchev para visitar os Estados Unidos ✻ O presidente Eisenhower partiu de França, de avião, para ir descansar na Escócia ✻ Continuam graves tumultos em Bombaim.

Apontamentos de linguística

Pôr as mãos no fogo por alguém

Até ao advento do humanissimo rei São Luís, que se insurgiu contra atis práticas, a Idade Média supersticiosa e cruel tinha um processo singular para verificar a verdade dos factos em juízo, quando surgiam duvidas inextrincáveis.

O acusado, esse cuja palavra era posta em duvida, tinha de pegar num ferro em brasa, para provar a sua inocência, e avançar com ele uns nove ou dez passos. Ou então metia a mão numa luva de ferro acabada de sair da fornalha. Essa luva era, em seguida, embrulhada numa ligadura onde os juizes pobre mão era, em seguida, embruapunham o seu selo. Se já não houvesse vestígios de queimadura, ao retirarem-se esses trapos, três dias depois, é que o milagre se dera, e, então, não havia duvida possível, o réu estava inocente. Nesses séculos bárbaros, a crença no milagre vicejava.

Desta prática nasceu, evidentemente, a expressão *poria as mãos no fogo...*

Já mesmo, porém, antes desse «julgamento de Deus», a que São Luís de França pôs cobro, Gregos e Tebanos, como se deduz da «Antígona» de Sófocles, admitiam que se provasse a verdade tocando no ferro em brasa e caminhando sobre chamas...

Contaminação vocabular

Entre os pitorescos casos de contaminação vocabular que se observam na linguagem popular, figura a palavra *estofá*, empregada com o sentido de *poltrona* ou *cadeirão*. Nela se fundiram os termos *sofá* e *estofo*, que o povo associou. Do mesmo tipo são os exemplos de contaminação vocabular *espítola* (pistola e espetar), *espantera* (pantera e espanto), etc.

Evoluções semânticas

A palavra *tratante* (de tractare) que hoje tem sentido pejorativo, significava ainda no séc. XVI, *negociante*. Degradou-se de então para cá, como muitas outras, suas congéneres, no campo das actividades lucrativas.

Outro exemplo de uma curiosa evolução semantica é o termo *manha* (do latim *manea*, por *manua*, de *manus*), que significava apenas *costume* (ter *boas manhas* ou *más manhas*, dizia-se ainda no séc. XV, quando se falava das *boas manhas de el-rei D. João II*) e hoje equivale a *astucia, velhacaria*. A triste consideração filosófica que destes e de numerosos outros exemplos se extrai, na nossa e noutras línguas, é que as palavras evoluem, regra geral, no campo da semantica, para zonas morais inferiores, o que não abona muito em favor do progresso ético da Humanidade.

Excursões

No
Circuito turistico da região dos 3 castelos
Todos os domingos e 4.ªs-feiras
Visitando: Cabo Espichel, Sesimbra, Serra e Portinho da Arrábida, Setubal, Palmela e Azeitão
AO PREÇO DE 60$00
(visitas incluidas)
Concessionário exclusivo
A Transportadora Setubalense
de
João Candido Belo & C.ª, Lda.
Marcações em: *Cacilhas:* Posto da Empresa — Telefone 970188 (Almada); Agência Santa Maria — Rua do Ouro, 292 1.º Tel. 28686; Turismo Além-Mar — Rua Alexandre Herculano, 11-D Tel 42506; Agência Moçambique — Av. António A. Aguiar 9 B Tel 47115

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

VAI PARA FERIAS?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes o

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias	10$00
20 dias	20$00
30 dias	30$00

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

CALCULADORAS E SOMADORAS
Em 2.ª mão, vendem-se baratas. Telefones 50795 e 50798

A FIGURA DA SEMANA

Ho Chi Minh

O episódio do Laos, que tanto tem dado que falar, ameaça o ambiente de esperanças que se criou á volta das anunciadas visitas dos dirigentes americanos e soviéticos. A desconfiança recíproca, que desde o fim das hostilidades domina as relações internacionais — especialmente as relações entre as grandes potências — tolhe as iniciativas mais louváveis e prometedoras. Num ambiente carregado de electricidade qualquer falha constitui um risco mortal. Ao mesmo tempo, nada do que se passa em qualquer canto do Mundo deixa indiferentes os povos alarmados pela iminência de uma catástrofe que acarretaria a sua destruição.

No sueste asiático — que é uma zona nevrálgica do Globo e um centro de alta tensão percorrido por descargas ameaçadoras — Ho Chi Minh tornou-se uma figura preponderante com a sua acção de revolucionário, a sua tenacidade de organizador e a sua fama de homem de Estado. A guerra da Indochina, que teve por epílogo o desastre militar de Dien Bien Phu e a eliminação dos franceses de uma região que durante muito tempo dominaram, foi obra sua. Deu então a medida das suas qualidades e da sua audácia que lhe marcaram um lugar destacado na pleiade dos chefes dos movimentos de independência nacional, depois da ultima conflagração.

No Laos a sua garra aparece assinalada e ninguém tem duvidas de que, embora com o acordo e o auxílio de Pequim, a iniciativa lhe pertence. Essa iniciativa reveste-se de inegável gravidade e pode pôr em risco os planos dos dirigentes das grandes potências, pois o Governo soviético dificilmente negará a sua solidariedade ás actividades dos asiáticos que lutam sob a bandeira comunista. Nos Estados Unidos estas dificuldades são exploradas pelos adversários de qualquer tentativa séria para melhorar as relações russos-americanas e que, coloca o presidente Eisenhower numa posição delicada da qual só com dificuldade conseguirá sair, levando por diante o seu intento pacificador.

Publicações

«Revista Aduaneira»

O numero de Junho da «Revista Aduaneira», dirigida pelo dr. Tamagnini Barbosa, inclui, como habitualmente, importantes estudos sobre o movimento da Alfandega de Lisboa e sobre a legislação aduaneira

«A velha agricultura e os novos tempos»

Numa edição do Grémio da Lavoura e do Grupo Pró-Torres Novas, foi publicada a palestra proferida, no Teatro Virgínia, daquela localidade, pelo eng. Vieira Natividade, sobre o tema «A velha agricultura e os novos tempos».

Sociedade «ESTORIL»
Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais
AVISO
Serviço especial de comboios
TAÇA DE HONRA DA A. F. L.
Nos dias 6 e 13 de Setembro de 1959

Por motivo dos desafios de futebol da «Taça de Honra», da A. F. L., no Estádio Nacional, haverá nos dias 6 e 13 de Setembro serviços especiais de comboios, com partidas de Cais do Sodré, Alcantara-Mar e Belém, desde as 14 h., ás 17 h. e, da Estação do Estádio, desde a terminação do ultimo encontro.

Não haverá, por motivo deste serviço especial, alterações previstas ao horário H. 34, em vigor.

Lisboa, 31 de Agosto de 1959.
O ENGENHEIRO DIRECTOR
A. BUAL

Jornal dos jornais

A valorização da alfarroba

Em determinado sector de consumo da alfarroba criou-se a ideia de que ela não convinha como ração od gado, parece que por em tempos remotos se ter verificado em cavalos qualquer caso desastroso, que se atribuiu á mistura da alfarroba com cereais. Isto parece que se passava no tempo em que se dava o fruto aos bocados com grainha e pedunculo, e o caso foi que, até para o gado do Exército, se organizaram novos tipos de rações, *excluindo por completo a alfarroba dessas composições.*

Mas sabe-se que o lavrador algarvio em todos os tempos empregou e ainda emprega a alfarroba no arraçoamento de todos os seus animais e nunca ouvimos queixas de casos desastrosos atribuídos ao seu emprego. Admitindo que o triturado dado em extremo, em doses elevadas, possa causar desarranjos, devido ao tanino, não será de contar com qualquer prejuízo quando incorporado nas rações compostas. Temos informação de alguns fabricantes nacionais, que misturam com os bagaços de oleaginosas e sêmeas o triturado, em doses superiores até a 20 %, de que nunca tiveram reclamação dos compradores entre os quais se contam estabelecimentos zootécnicos do Estado.

Apelamos para a autorizada opinião do que foi distinto professor de veterinária, dr. Paula Nogueira, que, apreciando um estudo do eminente botanico e professor de agronomia, D. António Pereira Coutinho, escrevia em 1930 que este professor doseara na composição proteica da cevada 9,4 de gordura e 2,1 de hidratos de carbono, ao passo que na polpa da alfarroba «mulata» encontrara 14,30 e 4,71 dos mesmos elementos nutritivos e aproximadamente iguais os resultados dos sais minerais. E acrescenta que «desejando pôr em relevo quanto este fruto serve na alimentação, tanto dos solípedes como dos ruminantes, pode ser dado ás outras espécies, porque a todos dá vigor, boa nutrição, bom pelo e aspecot de saude perfeita». Afirma o mesmo ilustre professor que a alfarroba bem seca e sem estar bichosa pode ser ministrada sem receio a todas as espécies.

Por que razão poderá explicar-se que fora do Algarve se dê preferência aos cereais para arraçoamento do gado, quando é certo que o triturado de alfarroba tem valor forraginoso igual ao da cevada (1 e 1,05 unid. forraginosas por kg.) e cotação comercial muito inferior á dos mesmo cereais?

Como elemento para a devida propaganda da alfarroba na alimentação animal e portanto no seu próprio interesse, espera a comissão, que tomou a inicativa da valorização dos frutos secos, que todos os lavradores que dão alfarroba aos seus animais colaborem no presente inquérito, prestando o seu depoimento sobre se alguma vez reconheceram o inconveniente do sem emprego como forragem, indicando há quanto tempo a usa a espécie (cavalar, bovina, suína, etc.) e se a dão em triturado. As informações devem ser endereçadas ao Jornal do Algarve. — A. S. P.

(*Jornal do Algarve*, de Vila Real de Santo António)

Deu à luz o 12.º filho

Uma mulher, de nome Isolina Gaudêncio, casada com Amadeu Gaudêncio, residentes em Midões, deu á luz o seu 12.º filho.

Trata-se de uma família pobre, que vive do seu exaustivo trabalho e que se vê e deseja para sustentar aquela «ninhada», composta, toda ela, por criaturas que não sofrem de falta de apetite.

Não poderia a Obra das Mães lançar as suas vistas para este quadro, tão digno das suas atenções? Façamos votos para que assim seja.

(*«Diário de Coimbra», de Coimbra*)

Beja vai ter finalmente o hotel de que necessita?

A notícia da reunião camarária, publicada no nosso ultimo numero, relatando que o sr. dr. José António da Silva «havia solicitado a deslocação a esta cidade de um funcionário do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, a fim de tomar conhecimento dos locais propostos pela Camara para ser levada a efeito a construção de um hotel, em Beja, e, ao mesmo tempo, poder pronunciar-se sobre eles», será (?) apenas o complemento de uma informação, dias antes, chegada até nós e segundo a qual dentro de dezoito meses — o máximo dois anos — estará finalmente construido em Beja um hotel que, «sem ser um Palace de Luxe» (óbviamente desnecessário), reunirá, no entanto, os requesitos indispensáveis para poder oferecer ao grande numero de viandantes que, diáriamente, atravessa o Baixo Alentejo uma confortável acolhida.

Segundo julgamos saber esta realização em projecto deve encontrar-se directamente relacionada com uma prevista cadeia de hotéis a construir de Vila Real de Santo António a Lisboa, a fim de suportar um futuro largo contingente de visitantes do Norte da Europa, em cujos países o S. N. I. vai desenvolver uma grande campanha de propaganda da terra portuguesa.

Goradas que foram as diligências solicitando autorização para construir o famigerado «Hotel de Turismo» (o que daria a Beja grandes possibilidades turísticas), resta-nos desejar ao menos que a informação agora dada a publico não seja mais um projecto a lançar ao cesto dos papéis...

Seja menos sumptuoso, pois seja. Mas ao menos construa-se em Beja o hotel de que a cidade necessita.

(*Diário do Alentejo*, de Beja)

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE AGOSTO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Agosto, as feiras, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos:

VILA VIÇOSA — Feira Anual, nos dias 28 a 30
RÉGUA — Festas a Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, dos dias 28 de Agosto a 15 de Setembro
SINES — Banho Santo, no dia 29
CASTELO BRANCO — Feira Anual, no dia 30
BRAGA — Peregrinação ao Sameiro, no dia 30
MONTIJO — Romaria á Senhora da Atalaia, no dia 30
GRANDOLA — Feira Anual, no dia 30
CUBA — Tourada e Feira Franca, dos dias 30 de Agosto a 3 de Setembro

Animador ensaio de produção de petróleos no Cacuaco

Numa sonda instalada no Cacuaco, a 1760 metros de profundidade, foi feito pela Petrangol um ensaio de produção que deu petróleo e gás em percentagens muito interessantes.

O petróleo tem uma densidade de 32 A. P. I. isto é: é o mais leve até agora descoberto em Angola.

Por outro lado, em Galinda 1 (Quiçama) também se efectuaram ensaios de produção. Em quatro dias e por um orifício de 1/16 de polegada (muito pequeno, visto não estarem instalados ali depósitos para armazenagem do produto) o poço produziu, sem água, sob uma pressão que parece estabelecida em 35 quilos por centímetro quadrado.

São, como se vê, cada vez mais animadoras as perspectivas do petróleo em Angola.

(«Diário de Luanda», de Angola)

Um colégio na ilha de Moçambique

Mais um exemplo de união e bairrismo dá a incomparável população da ilha de Moçambique ao tomar a iniciativa da criação de um colégio liceal na terra. Há muito que a lacuna se encontrava em aberto. Após o exame de segundo grau, os estudantes de Moçambique tinham de demandar Nampula ou Lourenço Marques para seguirem cursos secundários. Os pais viam-se assim sobrecarregados nas despesas dos seus orçamentos familiares. Fizeram-se exposições sobre o assunto, sempre com resultados nulos. Maiores nucleos populacionais por essa Província fora tinham idêtnco problema para resolver, com mais justificação, portanto.

A população de Moçambique toma, então, de iniciativa própria, o encargo de dotar a cidade com um estabelecimento liceal. E' nomeada uma comissão para o efeito, esta consulta os pais e os encarregados de educação, elabora-se um relatório, que depois é estudado numa reunião geral da população, e a ideia concretiza-se com um regulamento provisório, contendo matéria essencial para início das actividades.

Aqui está, muito resumidamente, a história simples que caracteriza a têmpera da população de uma cidade que sabe o que quer e como alcançar o que precisa. Moçambique vai ter um colégio liceal, de sua própria iniciativa, contando agora apenas, com a aprovação oficial, que nao será recusada, estamos certos.

Eis um exemplo que não custa seguir. Se assim se procedesse em muitos casos, problemas que parecem insoluveis nem problemas chegariam a ser, porque não passariam de casos que a boa vontade, por si só, resolveria.

A incomprável gente da mais moçambicana terra de Moçambique, acaba de dar mais um elucidativo exemplo de quanto podem a boa vontade, o querer, o espírito de iniciativa, a mutua colaboração e. acima de tudo isso, a grande verdade contida no velho axioma: «A união faz a força».

(«Notícias», de Lourenço Marques)

A volta ao Mundo (15)

Polónia

SUPERFÍCIE — 311.730 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 28.180.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Varsóvia (capital, 1.023.000); Lodz (663.000); Breslau (490.000); Cracóvia (430.000); Poznan (370.000); Stettin (300.000); Dantzig (280.000); Katowice (200.000).

CLIMA — A grande maioria do território polaco é uma planície, sem fronteiras naturais, a não ser nos Cárpatos, ao sul, e nos rios Oder e Neisse, a oeste. O clima é duro e seco, em geral, com frios intensos no Inverno e sol ardente no Verão.

MONTANHAS — A principal cordilheira da Polónia é os Cárpatos, como dissemos. A maior altitude é a do pico de Gerlsdorfer, de 2.663 metros.

RIOS — Os rios mais importantes da Polónia são o Vistula, com 1.014 quilómetros de extensão; o Oder, de 890 quilómetros. Na Pomerania e Masuria há muitos lagos: o Spording, de 122 quilómetros, e o Maner, de 104 quilómetros.

GOVERNO — A constituição de 1952 dá como orgão superior do país, o Parlamento (Sejm), constituido por 425 membros eleitos por quatro anos. O Sejm elege o conselho de Estado, e o governo que responde perante o Parlamento.

O presidente do conselho de estado é Aleksander Zawadiski.

O primeiro-ministro é Josef Grankiewicz.

EDUCAÇÃO — A educação primária é livre e obrigatória. Há 3.000.000 de alunos. Há 8 universidades no País.

AGRICULTURA E INDUSTRIA — Setenta por cento da população polaca vive da agricultura. São cultivados sobretudo os cereais, batata, beterraba, linho, tabaco. A pecuária é representada por 7.900.000 cabeças de bovinos e 10.900.000 suinos. Na industria a Polónia produz máquinas, automóveis, tecidos, produtos químicos e conservas. O ferro e aço, o carvão e o petróleo são explorados.

CAMINHOS DE FERRO — 27 mil quilómetros.

ESTRADA — 98.000 quilómetros.

RELIGIÃO — 82% da população polaca é católica. Há liberdade de cultos, sendo importantes as minorias judaica e protestante.

LÍNGUA — O idioma oficial é o polaco.

MOEDA — A unidade monetária polaca é o zloty.

ESCRITORES — Sholem Asch (1880-1957); Z. Krasinsky (1812-1859); Adam Mickiewickz (1798-1855); Proleslaw Prus (1845-1912); W. Revmont (1868-1925); H. Sienkiewicz (1846-1916); Julio Slowacki (1809-1849); Estevão Zerowski (1867-1925).

HOMENS E BICHOS

A estranha odisseia de um cão [illegible]

por FERNAND CRIQUI

Há cinquenta anos, um jovem adido da embaixada britanica, passava numa rua dum bairro miserável de Hong-Kong, quando, bruscamente, o andamento rápido do riquechó começou a abrandar até que estacou.

O adido inglês debruçou-se para saber as razões desta paragem inesperada e viu, no meio da rua, um estranho espectáculo: um cão de pêlo arruivado e tamanho médio, todo eriçado, enfrentava uma dezena de outros cães, grandes, pequenos, sem pêlos ou hirsutos — uma autêntica horda de cães que rosnavam, ladravam e ameaçavam á distancia o cão arruivado, entregue a esta matilha excitada mas prudente!

Ante este cão, decidido a defender-se até ao fim, eles hesitavam. Excitado pelos gritos do «coolie» que pretendia passar, o mais forte aventurou-se, aproximando-se um pouco mais. Num instante, o cão arruivado aplicou-lhe uma patada, ao mesmo tempo que reforçava a sua vitória com uma mordedura tão profunda como rápida.

O jovem diplomata compreendeu que o cão arruivado, apesar da sua coragem, não levaria a melhor, sucumbindo ao ataque colectivo, e ordenou ao «coolie»:

— Chang, salva esse cão e trá-lo para aqui.

O Chinês teve um gesto de menosprezo.

— É apenas um cão de Hong-Kong... Bom para comer!

— Salva esse cão! — repetiu o adido.

O homem, desta vez, obedeceu-lhe e o cão arruivado deixou-se levar, dócilmente.

Depois de cuidarem das suas feridas, quando ensaboado, lavado e seco, o cão comeu três bolos de arroz e um peixe fumado e soltou um suspiro consolado. Já não conservava aquele aspecto lamentável de vagabundo dos caixotes de lixo que os Chineses rotulam de «cão de Hong-Kong». Tinha-se tornado no «chow-chow», com a sua cabeça leonina e a cauda encaracolada sobre o lombo, o «chow» de olhos obliquos, a meio caminho entre a raposa e o lobo. Assemelhava-se a esse cão de excepção que a Europa iria acolher com uma curiosidade admiradora e que 3 anos mais tarde, viria a tornar-se o cão de príncipes e reis.

O cão dos Rolls foi antes um cão que puxava trenós

A totalidade «chow-chow» que há meio século se pode ter admirado em França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, não teve outra origem. O jovem diplomata chegou a Londres, com dois casais de cães asiáticos que, depois de tratados e bem alimentados, se transformaram nesse animal harmonioso, musculado, bem assente nas patas, e bem abrigado nas suas peles ricas que nem por sombras lembra o cão famélico de outrora.

Todavia, a existência deste cão distante e de luxo foi muito diferente do comodismo em que hoje se parece regalar, estirado em almofadas dos Rolls ou no mármore dos palácios.

Este grande senhor começou pelo trabalho mais árduo, o cão de guarda mais canino que imaginar se possa. Foi, primeiro, cão de trenó. Na Manchuria, os monjes, mercadores e carregadores utilisaram-no durante séculos, e o «chow», habituado aos trabalhos duros, á ração modesta, conhecia mais as chicotadas do que as carícias. Dormia a céu aberto, alimentado a peixe seco ou restos, não deixando a trela senão para ser atado ás bor-

(Continua na página seguinte)

AUTO-LITE
TIPOS ESPECIAIS PARA TODOS OS MOTORES DE VÁLVULAS À CABEÇA
★
A MÁXIMA ECONOMIA DE FUNCIONAMENTO
★
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

"A cabina de vidro"

Condensação do conto de

William Johnson

— Quero ouvir a 5.ª Sinfonia de Beethoven dirigida por Toscanini.

O empregado da loja de discos teve um sorriso falso e profissional e procurou no catálogo. Depois, rápidamente, com uma eficiência quase mecanica, tirou o disco da estante.

— Faz favor de me acompanhar.

Os dois homens penetraram na cabine á prova de som. O empregado cortou o ruido fechando a porta de vidro. Os dois homens ficaram no silêncio total. O empregado libertou o disco da capa e colocou-o na almofada de camurça. Deixou que a agulha mergulhasse nos sulcos do círculo de plástico negro. Voltou-se para o cliente com o mesmo sorriso profissional. Só nesse momento lhe viu o rosto. O cliente sentara-se numa cadeira de costas para a porta e apontava-lhe um revólver.

— Ray Quent!... — exclamou o empregado da loga de discos.

A Sinfonia n.º 5 de Beethoven encheu a cabine envidraçada

Ray Quent ergueu-se, passou pela frente do outro e diminuiu levemente o som.

— Não é necessário ouvir o Velho tão alto. Toma atenção a esta explosão de génio. E' o drama de Beethoven isolado, incompreendido, ferido!

— Ray Quent!... — repetiu o empregado da loja de discos — Tu voltaste.

— Com certeza, Adam. Era a unica coisa que podia fazer. Vinte e dois anos pode ser uma vida. Sobretudo quando se é preso doente como eu fui. Mas o sistema prisional americano tem as suas vantagens. Há bons médicos em S. Quentin e naquele repouso forçado trataram-me convenientemente. Aliás tinha todo o interesse em manter-me vivo. Esperei vinte e dois anos para voltar a ver-te. Ofereci sangue, deixei que me injectassem com remédios em experiência, fui cobaia, comportei-me como preso ideal. Acabaram por libertar-me. E' possivel que me tenha salvo por tua causa. Parece impossivel, não e, Adam?

Adam perdera o sorriso profissional. Foi numa voz sumida, frágil e esfarrapada, que disse:

— E' claro que não pensas que eu fui o culpado da morte de Katy...

— Tenho a certeza, Adam. E tenho também outras certezas. Por exemplo, a de que o teu testemunho no meu julgamento foi hipócrita e negativo. Sabes que sem as tuas declarações era possível que me absolvessem. Foi a tua defesa propositadamente desastrada que os levou a condenarem-me. De outro modo a polícia recomeçaria as averiguações e compreenderia que o teu alibi se apoiava em bases extremamente frágeis.

A musica quase cobria as palavras de Ray Quent e latejava na fronte de Adam.

— Mas eu recebi cartas ameaçadoras, fui agredido, obrigaram-me a...

Ray Quent sorriu.

— Vinte e dois anos são um espaço de tempo muito longo. Chegaram para te fazer perder aquela expressão irresistivelmente simpática que comoveu e convenceu o juri, o juiz, os advogados e a assistência. Eu já não tenho a fisionomia cerrada e hostil de criminoso. Vinte e dois anos a pensar e a ouvir Beethoven iluminaram zonas de sombra do meu passado. Naturalmente ninguém se lembrou de averiguar se a máquina com que alguém te tinha escrito as cartas não seria tua. Tu eras o melhor amigo do réu, um rapaz admirável e honesto que arriscava tudo, nome, posição, família, para defender o homem abominável que matara a sua própria mulher.

— E' absurdo! Porque mataria eu a Mary?!... — protestou Adam a refazer-se da surpresa.

Quent pôs o dedo sobre os lábios para fazer silêncio.

— Beethoven tem aqui um hino ao homem e ás suas virtudes. Ouve-o.

E depois, a sorrir:

— Conheço a obra de Beethoven como só a pode conhecer quem a ouviu permanentemente vinte e dois anos. Escolhi a 5.ª Sinfonia para o nosso encontro. Quando o momento chegar não ouvirás mais nada. O teu fim chegará na apoteose do 4.º andamento. Sei porque mataste Mary. Ela estava ligada a ti, mas quis romper a tua influência. Temeste perdê-la. Tiveram uma discussão.

— Que ganharás em abater-me dentro desta cabine? Não ouvirão o tiro mas verão a minha queda. De qualquer modo serás apanhado.

— Não estou interessado em utilizar os anos que me separam do fim. Preocupa-me fazer justiça. A justiça que não souberam fazer ha vinte e dois anos. O momento é, para mim, solene e grave. Com um leve premir de gatilho tornarei o mundo que me envolve equilibrado e calmo. Cairás no momento que desejei. O plano será cumprido integralmente.

Adam respirava com força. Num salto quis aproximar-se da porta. Ray Quent disparou. A bala penetrou na parede de cortiça. Adam abriu a porta e saiu. Fechou-a atrás de si. O rosto de Ray Quent transfigurou-se. O mundo despedaçava-se na sua frente. Adam olhava-o através da vidraça como se esta fosse a parede de um gigantesco aquário. E não se admirou quando Ray caiu no solo da cabine de vidro. Adam só chamou a polícia quando a 5.ª Sinfonia terminou.

VENTE [illegible]
E A SUL

Com o fim de proporcionar aos srs. passageiros maiores facilidades para a visita simultanea das provincias do Algarve e da Andaluzia durante a época de Verão, a C. P fará circular diáriamente os comboios semidirectos 8.011 e 8.012 (os conhecidos rápidos do Algarve) nos seguintes periodos: o comboio 8.011 de 24 de Julho a 5 de Outubro; o comboio 8.012 de 25 de Julho a 6 de Outubro.

São assegurados, nos refridos periodos, também diáriamente as respectivas ligações de barco e auto carro de e para Ayamonte, Huelva e Sevilha

Peça informes e folhetos nas principais estações ferroviárias.

TRANSPORTE DE PEQUENOS VOLUMES PELO CAMINHO DE FERRO

Até 5 Kg. inclusive	3$50
De mais de 5 até 10 Kg. ...	7$00
De mais de 10 até 20 Kg.	14$00
De mais de 20 até 30 Kg.	20$00

Consulte as Secções de Informações da C. P. ou as estações.

Anedotas e episódio das vida de pessoas célebres

LXXXVIII — Conde de Arnoso

A nobreza do conde de Arnoso não era só do sangue. Dava-lha a fidalguia do seu coração. Bernardo Pinheiro Correia de Melo, que, aos 53 anos de idade, teve o maior desgosto da sua vida, mataram o seu Rei e o seu Principe, foi também um escritor distinto que acamaradou com o conde de Sabugosa num livro intitulado «De braço dado».

* * *

Na sua vida palaciana, em contacto com os grandes da sociedade portuguesa, não era dado a ironias, mas tinha conceitos onde o seu espírito sobressaia.

De um conto de Eça de Queirós extraiu um drama que se chamava, como o conto, «Suave milagre».

Uma condessa das suas relações perguntou-lhe um dia se não gostaria de representar, como faziam os fidalgos nos saraus das Laranjeiras. Arnoso sorriu e respondeu prontamente:

— Ao trabalho do «Suave milagre» ainda me aventurei, mas se eu pensasse em representar, seria um «milagre» nada «suave» para os olhos e ouvidos dos infelizes espectadores...

* * *

Escreveu certo dia uma comédia intitulada «A primeira nuvem». Também esse título se prestava ás suas observações, quando o incitavam a escrever novos originais.

E dizia:

— A «Primeira nuvem» chegue-a cu mas se começo a acumular «nuvens» no meu firmamento literário, arrisco-me a uma borrasca e eu não tenho feitio para tempestades. Receio complicações atmosféricas...

* * *

Uma definição do autor das «Jornadas pelo Mundo»: «A principal razão por que Eva e Adão foram felizes, á excepção do episódio da maçã, é terem vivido num Paraiso deserto. Se a mãe Eva vivesse hoje, sofria se não tivesse um bom casaco de peles, como as suas amigas ricas e o pai Adão lamentar-se-ia de não lho poder dar, a menos que fosse banqueiro ou coisa semelhante».

Aqui têm o que o elegante fidalgo pensava pitorescamente dos pais da criação...

Amigo dedicado do rei D. Carlos, sofria quando nos ultimos anos da monarquia, se procurava enxovalhar o monarca que trouxe a Portugal, os primeiros chefes de Estado da Europa. Há desabafos irreproduziveis. Depois do atentado de 1 de Fevereiro, a sua voz não se calou a pedir justiça. Mas nos bastidores do regicidio, muito ficou encoberto. A justiça que Arnoso pediu, só o tempo a conseguiu fazer, reabilitando a memória do rei-artista que desenhava sem a intervenção do pintor Casanova e estudava as faunas marítimas, sem precisar das sugestões do principe de Mónaco. As paixões politicas dão razão á conceituada frase de António Vieira que dizia que quando se vê com ódio, «o cisne é negro».

* * *

Havia um visconde, já de certa idade, que sabendo apenas cinco ou seis anedotas as impingia sempre aos ouvintes. Por cerimónia, todos escutavam com paciência as histórias sediças, até que um dia, nas proximidades de um Entrudo, o conde de Arnoso idealizou uma partida. Mandou imprimir as anedotas e distribuiu-as por uma grupo de amigos que breve teriam de as escutar pelo vigésima vez ao visconde. Reunidos á sua volta, o irrequieto anedotista ia começar a sua cantilena, quando a um sinal do Arnoso, todos tiraram do bolso as anedotas impressas, dizendo um deles:

— Não se incomode senhor visconde, que nós temos aqui as histórias que V. Ex.ª nos vai contar!

O visconde achou graça e não se agastou com a «partida», culpando a sua cansada memória da constante repetição das suas graças.

* * *

O espaço desta despretensiosa secção força-nos a não prolongar o que ainda havia a dizer deste inteligente fidalgo que, no dizer de alguns palacianos, era ainda «mais monarquico que o rei», talvez por ter nascido no berço da monarquia porque era natural de Guimarães o conde de Arnoso.

Ditos de espírito deixou alguns inimigos, cremos que nenhum.

L. R.

Homens e bichos

(Continuação da página anterior)

das do acampamento em que não ficava mais abrigado. À noite, morto de fadiga, adormecia para acordar com a alvorada, coberto de neve, e retomar o seu lugar no grupo até a noite seguinte.

Práticamente isolado de todo o aglomerado, devido á própria vida de nómada, o «chow» não conheceu muito tempo senão os cães da sua raça; e dos homens apenas os donos rudes, brutais, indiferentes, ingratos, que o abandonavam nas ruas de qualquer grande cidade do Sul quando já não necessitavam dos seus serviços. Desde que o êxito do negócio os ajudava, desprezavam esse mísero cão para a «sopa de arroz do cão». É que o «chow» é um cão comestivel. «Chow» significa em chinês «alimentação», refeição do dia seguinte; e, como não é raro em nossos dias, que os exploradores polares se vejam reduzidos a suprimir um cão para apaziguar a fome dos outros, até o século passado era tão vulgar na China setentrional comer um «chow» como em França se come hoje carne de vaca.

Urso, leão ou cão?

A criação transformou esse cão vadio em cão de maravilha. Desde que nasce até a idade de cinco meses, o pequeno «chow» é um pequeno urso: uma bola de pêlos muito direitos, fechados, como tapete de lã superior. Não há nada de mais belo do que essa pelucia viva, esse brinquedo de ventre inchado, a cauda muito enrolada, de olho vivo e redondo como botão de sapato.

Se ladra, estranhamos de ver que essa boca uniformemente aberta, tem a cor violeta carregado até as gengivas; e a lingua tão escura como se lhe tivessem entornado um tinteiro de tinta dentro da cavidade.

Não é cão para se pôr a correr sem qualquer motivo nem a ganir a torto e a direito como o fazem todos os cãesinhos mimados do Mundo. Desde que existem os pequenos «chows» não conheceram outra ternura a não ser a das cadelas que parem em pleno Inverno e no meio de ventanias infernais. Muitos séculos terão de passar ainda até eles se entregarem ás brincadeiras tolas dos «pekinois».

Desmamados muito cedo, os «chows» tornam-se rápidamente uns cães compenetrados de si e de limpeza escrupulosa.

Se se fecharem durante dois dias seguidos, num salão, um cavalheiro e um «chow» ver-se-á que o homem bem educado, instruido, orgulhoso e altivo, é o primeiro a ceder ás necessidades físicas.

Sejamos, todavia, justos. É que o «chow» não tem grande mérito em se comportar assim. Estando muito mais próximo do animal selvagem do que do animal doméstico, ainda em nossos dias ele obedece ao instinto da conservação que impunha aos seus congéneres a necessidade de não deixar atrás de si quaisquer traços que chamassem a atenção das feras, suas inimigas. Crescidos, esse instinto tornou-se no «chow» de tal forma exigente que, com 41º de febre, ferido, um «chow» só na rua e a um canto cuidadosamente escolhido, cede ás necessidades mais imperiosas. Beber e comer vêm depois dessa preocupação constante que ele tem de ficar transquilo... E, apesar disso, raras vezes ele deixa transparecer o que lhe vai no íntimo.

Em todas as circunstancias guarda a máscara fechada do Chinês. Só ataca se for atacado, ladra muito raramente e nunca solicita uma carícia.

Vingativo? Talvez não, mas com tal memória que encaixando todas as reprimendas por erro cometido, reage perante a violência gratuita e a injustiça ainda que contrarie o dono e o perca para sempre. Humilhado, vexado, magoado, o «chow» deixa a casa melhor e mais cómoda de preferência a aceitar correctivos imerecidos, ou a ceder só para comprazer.

Não é um animal servil. É um «chow»!

Exemplares célebres

Transformado em menos de vinte anos pelos Ingleses, Franceses e Belgas, o cão das ruas de Hong-Kong seduziu os reis e os príncipes, os artistas e poetas, todos os que, por seu nascimento e espírito, não querem ter um cão como qualquer outro.

Será necessário citar os nomes de todos os que contribuiram para tornar essa cão conhecido no Mundo? A rainha Maria da Roménia, a princesa Jorge da Grécia e Dinamarca, o duque de Windsor, a condessa de Chanzy, Cécile Sorel, Gabrielle Dorziat, Marie Bell, o barão Robert de Rothschild, Jean Rigaux, Jean Gabin, etc.

Todas essas personalidades criaram o primeiro clube consagrado ao «chow-chow», expuseram as primeiras questões, aclararam as qualidades do seu cão preferido e justificaram junto dos «snobs» e do publico a ascenção comercial do animal. O «chow» que se pode orgulhar de seus antepassados, dos nomes prestigiosos de «Choo-Nan-Briance», de «Ki-Doug-King» ou do célebre «Chang-Schi-U'Kuong», esse «chow» vale uma fortuna. Em 1932, a baronesa Eugéne de Rothschild pagou já mais de 75.000 francos da época (ou seja mais de um milhão de hoje) por um campeão.

O «chow» actual que não sabe que seus antepassados foram bois e bestas de carga, vive no conforto, na admiração dos homens e, coisa curiosa, no meio do respeito dos outros cães.

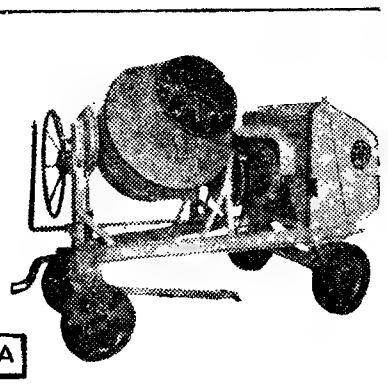
Ter-se-ia ele desembaraçado também dos seus complexos? Por certo que não... e subsiste o mistério das suas inexplicáveis razões, para esganar ovelhas e galinhas pelo simples prazer de as esganar, com um instinto sádico que não serão jámais capazes de corrigir a sua educação nem os seus gostos.

Atavismo, com certeza. Se nada há mais francês que um Braque do Auvergne, nada de mais eslavo do que um Barzoi, nada de mais escossês que um Scottsch, nada de mais altivo, cabeçudo e hermético... mais chinês, numa palavra, do que um «chow-chow»!...

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM GUINCHO DE 180 E 210 L.ts

ACCIONADAS POR MOTOR PETTER DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

AA LISBOA

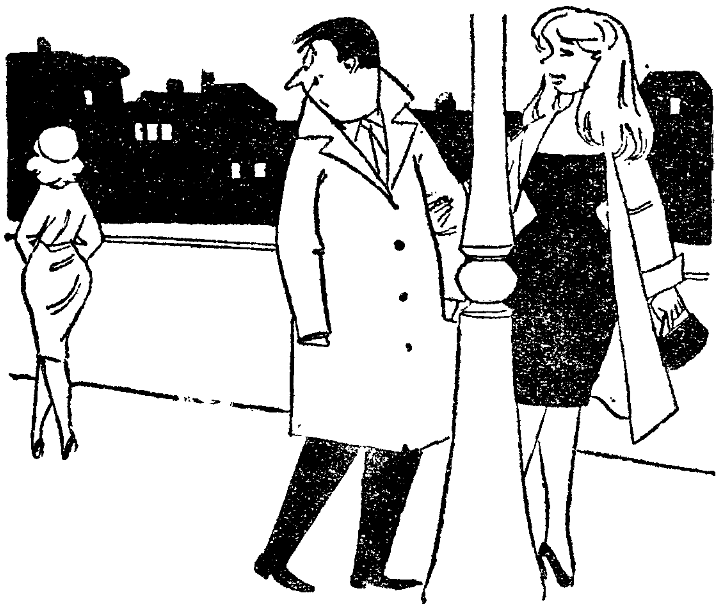
ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 — LISBOA — TELEF. 64 47 88

Olha lá esse candeeiro...



— Volta-te para trás se queres mas anda.

A operação

Aquele senhor tinha calculos nos rins e foi ao médico para tratar da operação que lhe diziam ser o unico meio de continuar a viver.

— Quanto me leva o sr. doutor pela operação dos cálculos?

— Não lhe posso responder sem fazer os meus!...

Preparar o futuro

Não há nada mais fácil do que viver com pouco desde que a pessoa não gaste muito para ocultar que tem pouco.

Vá-se acostumando a ser funcionário reformado...

A CAUSA

Ela requereu o divórcio porque, tendo telefonado dez vezes para o marido com a voz disfarçada, a perguntar: — Querido, adivinha quem te fala, ele só conseguiu acertar á décima vez.

Palavra elástica

Ja se começou a usar a unica palavra que é igual em todas as línguas e tão elástica quanto se queira. Estende e encolhe a vontade do freguês, para se adaptar ao grau de entusiasmo com que é pronunciada.

Quando o jogo é com um país estrangeiro a palavra quase que chega de Portugal até lá.

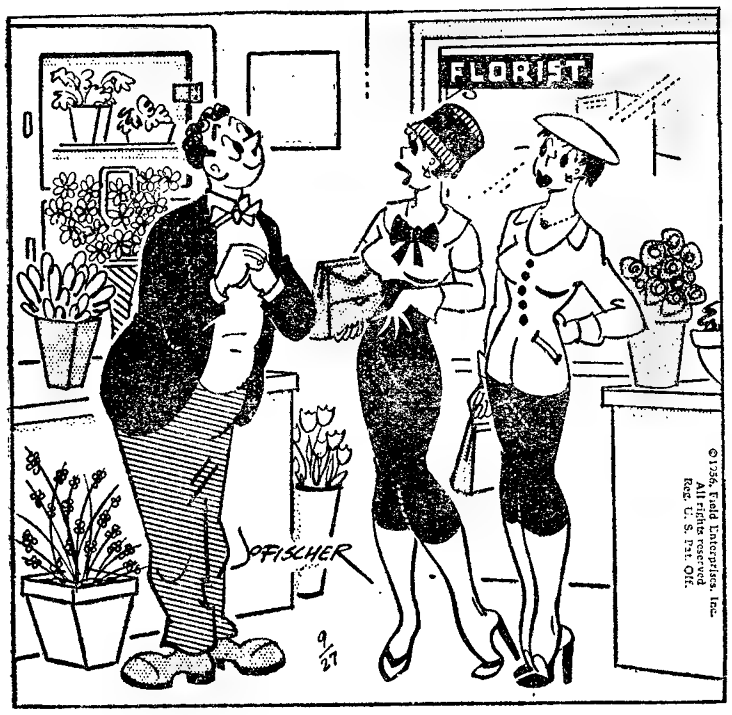
G o o o o o o o o o o o o o o o o o o o l l l l l l l l l l l l l l ! ! ! ! ! ! ! !

A arca de Noé

A História anda toda errada. Está errada a História pròpriamente dita, a História Natural e a História Sagrada. A unica História que está realmente certa é a História da Carochina.

Na História Sagrada está errada a História da Arca de Noé, na parte relativa á bicharada, onde não se mencionam os animais antediluvianos, que foram os unicos que se perderam por não caberem na arca.

BOAS AMIGAS



— Tem alguma flor venenosa? E' para oferecer a uma colega que vai casar!

O DRAMATURGO

Ele era um grande dramaturgo, mas, por isso mesmo, tinha muitos inimigos — os que não eram capazes de competir com ele e inventavam toda a casta de «blaques» para o diminuir.

Como não pudessem realmente excedê-lo, os oficiais do mesmo ofício, começaram a espalhar que as peças eram de facto bem feitas, obtinham sempre um inegável triunfo, mas não eram da sua autoria.

Quem as escrevia e tinha efectivamente talento dramático, não era ele, o dramaturgo que aparecia frequentemente em todos os cartazes, mas sua esposa, que passou a ser considerada e incensada como grande escritora, só para diminuir o marido.

As coisas azedaram-se e o dramaturgo, para zelar os seus créditos, muniu-se de inumeras provas, incluindo as testemunhas, para demonstrar que ele, e só ele, escrevia as suas peças.

Mas, quando menos se espera, o diabo tece-as e está o caldo entornado.

Por seu lado, os seus rivais fizeram prova cabal e concludente, valendo-se ao testemunho da vizinhança e das pessoas da intimidade do dramaturgo, de que, todas as noites, quando ele chegava a casa tarde e a más horas, a cara-metade lhe fazia uma cena. Ora é com cenas que se fazem as peças teatrais.

E não foi preciso mais nada...

O melhor e o pior

Zangaram-se e os amigos do casal fizeram tudo para conseguir congraçá-los. Dizia um:

— O melhor é você voltar para casa e fazer as pazes com sua mulher.

— Está bem, disse o marido, mas você não me pode dizer qual é o pior. Talvez seja preferival...

Definições

VALEROSO — Um sujeito que mete muitos vales á caixa.

*

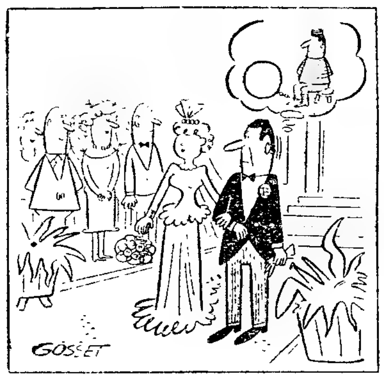
EMPRESTRADO — O estrado do vizinho de que a gente se apossou.

*

DELAPISDAR — Gastar todo o dinheiro em lápis.

MULHER MODELO

Ela era um encanto de rapariga, o modelo das esposas: não era capaz de comprar nada sem pedir a opinião do marido depois...



SEM PALAVRAS

Enfim, sós!...

Esta findo a guerra fria
Que menos fria se torna
E, p'ra geral alegria
Cal ulo que qualquer dia
Vamos ter a guerra morna.

Evite-se a guerra quente,
Mas é preciso fazê-lo
Duma maneira prudente.
Que ás vezes não vá a gente
Afogar-se co'o degelo...

Qu'remos viver descansados,
Em paz e ás moscas, contentes,
Á sombra de bons tratados
E nisso estão empenhados
Os dois grandes presidentes.

Acabou-se aquela fase
Do terror e mau agoiro
E agora já estamos quase
A atingir aquela base
Que já se chama namoro.

Um vem cá, outro vai lá,
Cada qual no seu papel,
E eu só digo que oxalá
Que todos digam: — Eh! pá!
Mas isto é a lua-de mel!...

Agora falta sómente
Que o tempo corra veloz
Para que, com voz tremente,
Eles digam brevemente:
— Oh! meu amor, enfim, sós!...

A. F.

Chegar tarde

A dactilógrafa chegou muito atrasada e o patrão estava com cara de poucos amigos e de nenhuma amiga.

Vendo-o assim de tão má catadura, ela pretendeu desculpar-se:

— O patrão tem muita razão para estar zangado, mas são destas coisas... Eu dormi demais.

— O quê, fez o patrão verdadeiramente admirado, mas a senhora também dorme em casa?

COISAS DO DIABO

Dois amigos encontram-se:

— Corri a Baixa toda e não encontrei uma loja que tivesse o que eu queria.

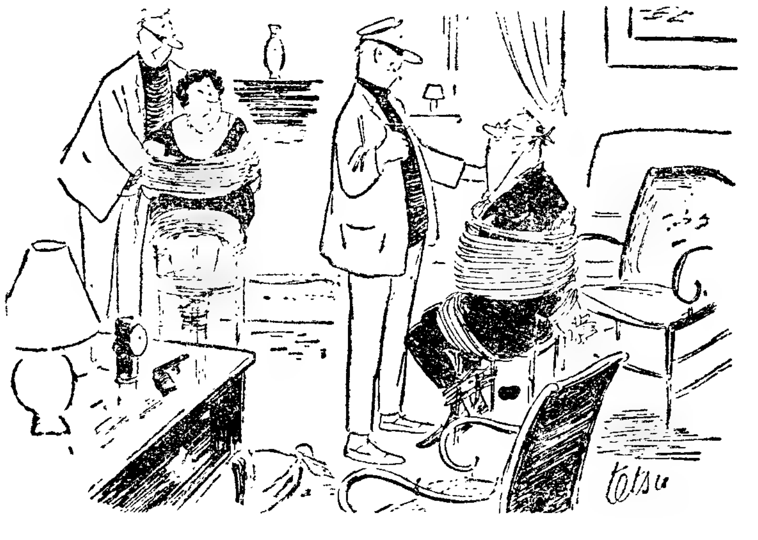
— E que era?

— Crédito.

«MAQUILLAGE»...

A mulher que põe «rouge» na cara é uma mulher que já não pode corar naturalmente.

SALTEADORES



— Não te inquietes, velhinho, que também se vai amordaçar a tua mulher. Assim passarás pelo menos uma noite tranquila.

Alpinismo

— Deixa lá o nome cientifico do pássaro e tira-o de cima de mim!

AVARENTO!...

Era um miserável! Para ele só o dinheiro tinha valor! Não dava nada a ninguém, a não ser os bons dias e as boas tardes e isso mesmo com grande parcimónia.

Sua mulher, uma formozissima mulher, parecia não lhe guardar uma perfeita fidelidade, tornando-se a coisa já tão escandalosa que alguns amigos o puzeram de sobreaviso, mas ele, só para não alimentar uma suspeita, não fez o menor caso da prevenção.

O busilis

Quando qualquer pessoa se vê obrigada a altercar com um parvo o maior inconveniente da discussão é que os transeuntes não podem descobrir qual é o imbecil.

FEIA!

Era tão feia, tão feia, que quando se via ao espelho perguntava sempre:

— Quem é?

Parada e resposta

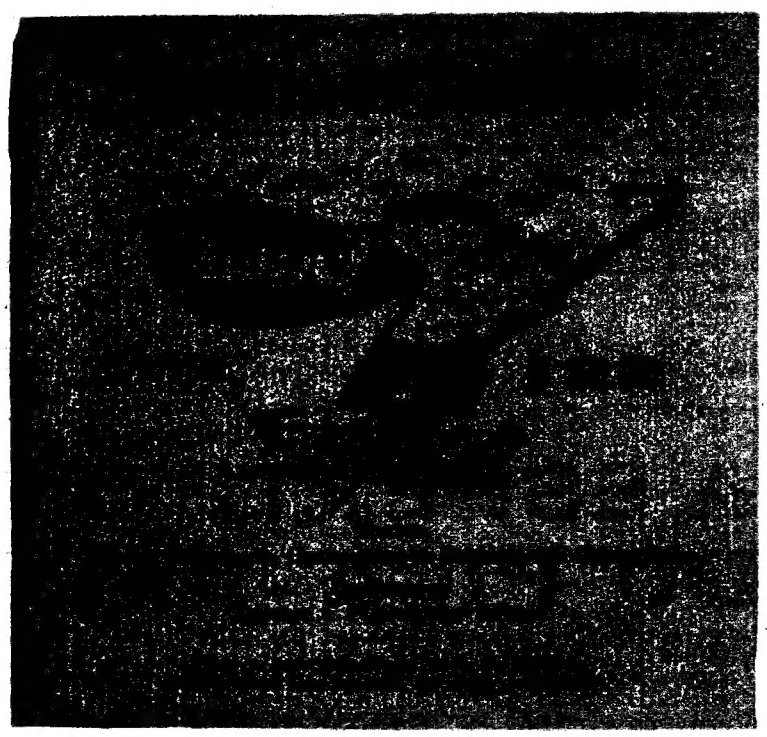
— Conheceste a tua mulher muito tempo antes de casar?

— Isso julgava eu...

O «MAILLOT»

O «maillot» é um fato de banho que as raparigas usam julgando que tapam alguma coisa e que as matronas vestem julgando que destapam alguma coisa.

Ninguem olha para elas...



A CONVERSA DA SEMANA

1

MAIS AMIGOS NO PORTO

O nosso dedicado amigo do Porto, Heitor Fernando Couto (n.º 1539) diz-nos:

«Tenho reparado que aqui no Porto há muita falta de amigos do «Juvenil». Eu posso dar a minha ideia sobre esta questão. E' a seguinte: o «Diário de Lisboa» chega ao Porto ás 24 horas de sábado; como áquela hora já quase todas as pessoas estão na cama, o jornal só é vendido, práticamente, aos indivíduos que estão nos cafés ou saiem dos cinemas; aos domingos pouco se vende, claro, porque entretanto aparece o «Janeiro», o «Notícias», etc. Como muitos colegas nunca compraram o «Lisboa», tenho falado a alguns no «Juvenil», nos seus concursos, nas suas vantagens.

Dois colegas aceitaram a minha sugestão e já responderam. São eles o Belmiro Pereira de Sá Leão e o Augusto Carlos Ferreira Machado».

Estamos-te muito gratos pela tua dedicação, caro amigo Heitor Fernando Couto. Num dos próximos numeros do «Juvenil» dar-te-emos indicação dos nossos amigos do Porto, a fim de que todos possam contactar e conhecer-se. Verás que são em maior numero do que aquilo que supões.

Quanto á chegada tardia do «Lisboa», sugerimos-te, bem como a todos os nossos habituais leitores daí, que façam assinaturas por quatro numeros (dos sábados). Custas-lhes apenas QUATRO ESCUDOS e receberão o «Juvenil» todos os domingos sem falta.

A campanha «Pró-mais Amigos no Porto» poderia ser feita nesta base. Gostaríamos que colaborasses, como amigo dedicado que és, nessa campanha. E' possível?

Durante a presente semana surgiram os seguintes novos Amigos do Porto:

Afonso de Azevedo, Rua António Enes, 173.

Augusto Carlos Ferreira Machado (arranjado por ti).

2

UMA VELHA AMIGA QUE PERDEU A TIMIDEZ

Ficámos muito satisfeitos porque a Amiga n.º 99, Maria Cristina Bentes, nos escreveu, pela primeira vez, uma longa carta, mandando-nos, ao mesmo tempo, colaboração (que publicamos no «Juvenil» da semana passada).

Diz-nos a nossa Amiga:

«Apesar de estar há bastante tempo inscrita no «Juvenil», nunca lhe dei a minha colaboração (enviando sugestões ou trabalhos literários) e tendo-me limitado a responder aos concursos.

Esta minha atitude parecerá sem duvida indiferente e interesseira, mas não é assim de modo algum. O

(Continua na ultima página)

GIGANTES DE PORTUGAL

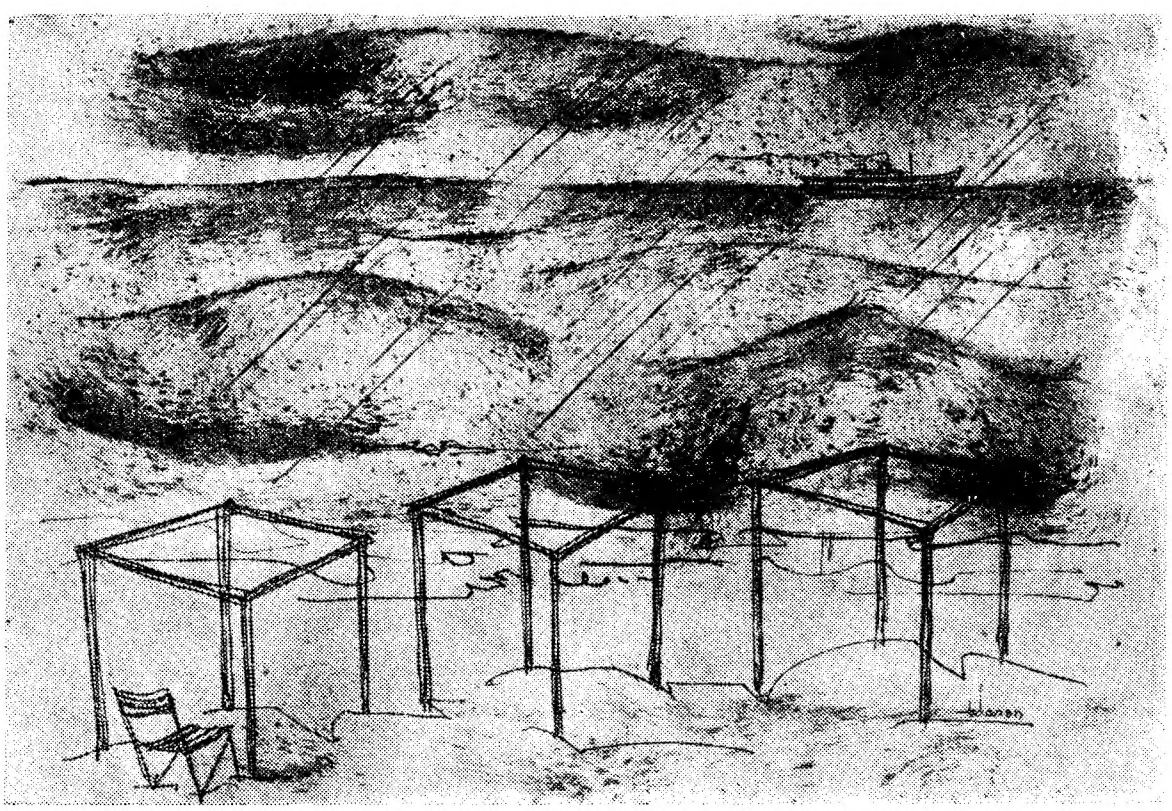
O grande vulto que hoje recordamos enfileira entre os maiores expoentes da História do Direito em Portugal. Mas não foi apenas neste particular que se distinguiu; seu nome é mesmo muito mais recordado como grande político e grande patriota. Juntamente com Manuel Fernandes Tomás, pertence ao grupo dos principais dirigentes da Revolução Nacional de 1820. Foi ele o autor do célebre manifesto *Portugal regenerado em 1820*. Grande tribuno liberal, era tal o seu prestígio que os jornais portugueses esgotavam-se fulminantemente em Espanha, desde que, nas ruas, os ardinas de então gritassem:

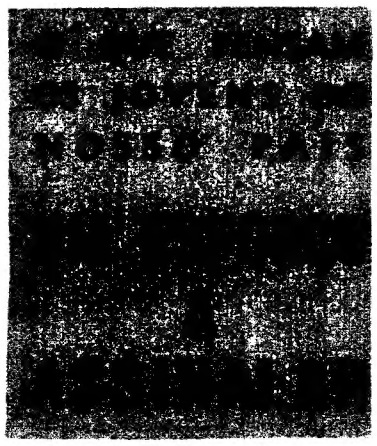
— Habla Carnero! Habla Carnero!

No forte de São Julião, onde morreu, deixou escritas umas «Cartas á mocidade» que, mais tarde, seriam editadas pelo cunhado de Almeida Garrett, Paulo Midosi.

As respostas devem estar no Juvenil até á próxima SEXTA-FEIRA, dia 11 de Setembro, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso o tenham já) e, ainda, da indiação dos 3 artigos que mais apreciaram no «Juvenil» desta semana. Além dos prémios costumados, haverá outro especial para o melhor trabalho sobre o grande português que hoje homenageamos.

Apontamentos dum suposto visitante da Terra — (2)





Terminada a publicação do trabalho do Amigo n.º 338, José Carlos Junça de Morais — «Produção — Comunicação — Progresso» — vamos agora dedicar-lhe, como é habitual nesta secção, um pequeno comentário.

Os leitores que seguiram com atenção o depoimento do José Carlos hão-de ter chegado, por certo, á conclusão de que se trata de um claro exemplo de que o resultado da soma «Produção—Comunicação» é efectivamente o «Progresso».

Na verdade o nosso amigo leu muito e leu proveitosamente. «Produziu», portanto. Mas ao mesmo tempo serviu-se do que os outros lhe «comunicaram» e, por seu turno, procurou «comunicar» a herança recebida.

Neste seu esforço já existe «qualquer coisa» que não é mera «comunicação» da herança recebida. Ao assimilar com bastante lucidez as leituras feitas, o José Carlos Morais, começou o seu próprio trabalho criador.

Gostaria de assinalar, muito em resumo, os aspectos mais positivos do ensaio deste nosso amigo.

Em primeiro lugar, a consciência que já manifesta sobre as vantagens de um método de análise, objectivo e histórico, quer dizer que acompanha os fenómenos na sua evolução. E' esse método que tornou possível a certos historiadores e sociólogos descobrir que «o homem é um fruto do trabalho social» e que «na evolução de todos os fenómenos do mundo físico e do mundo social não existe apenas a acção de uns sobre os outros, mas uma constante inte-reacção entre todos». E' o que o José Carlos diz nestes termos:

«Os homens actuam sobre o meio. E o meio transformado reage sobre o indivíduo. Não há acção apenas, mas acção e reacção».

O Junça de Morais está assim a assimilar um método de trabalho verdadeiramente científico, o que será decisivo para ele, no futuro. E' esse mesmo método que permite afirmar que o «determinismo social criado pelo homem não é nada de afrontoso para o indivíduo (...) Não é a negação da liberdade» — pois é dentro, nas linhas

(Continua na ultima página)

Um dia de férias o segundo

Por JOAQUIM LEITÃO DA SILVA (18 anos)

Certo dia de férias o Sol não apareceu.

O caso para mim não tinha a mínima importancia automatizado como estava de todas as manhãs ir para a praia. Era assim todas as manhãs.

A praia estava deserta. Caía uma chuva miudinha que desfazia o fino nevoeiro que tudo envolvia. Olhei o relógio. Era a hora do banho. No entanto não havia ninguém.

O mar estava mais azul que usualmente e a espuma parecia mais branca. O mar tinha neste dia encoberto toda a sua expressão.

Sentei-me na areia humida. As cadeiras e as mesas de madeira estavam expostas ao chuvisco e eram pontos negros lá longe, na imensidade da praia. As barracas mostravam o seu esqueleto de ripas e pregos.

Nunca pensara que pudesse existir beleza em objectos inertes, toscos, abandonados á chuva e envoltos num ténue nevoeiro.

O mau tempo afastara os habituados da praia. Apenas um fez a caminhada de todos os dias. Mas esse um não era o suficiente para modificar a visão de uma praia deserta pois era ele próprio o unico observador.

Amigo n.º 735
JOAQUIM LEITÃO DA SILVA

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

FICOU durante alguns minutos a arrastar os olhos pela escuridão, na tentativa de descobrir onde se encontrava. Tudo, porém, era negro á sua roda e nem a um palmo de distancia conseguia enxergar fosse o que fosse. Se pusesse a mão frente dos olhos não a distinguiria, tão grossa era a noite que o cercava.

Em vão Lançarote procurou lembrar-

para o corredor e num ápice se viu escoltado pela patrulha que o mandou seguir.

Assim foi caminhando, ora por degraus poidos e viscosos, ora por corredores de abóbadas muito baixas. Pararam finalmente ao esbarrarem numa larga porta de carvalho, chapeada de ferro. O comandante da patrulha bateu a uma robusta aldrava e logo, do outro lado, abriram. Lançarote foi brutalmente empurrado e viu-se numa enorme sala, cingida a meia altura por uma coroa de archotes. No topo, pois era rectangular, avultava um grande trono, ocupado por uma velho de barbas brancas; de um lado e de outro, escabelos

camponeses, que os encontras, ou lá na chusma da vossa cavalaria?

Lançarote fitou ávidamente o velho, incapaz de dizer uma palavra.

— Perdeste a fala, grande cavaleiro Lançarote? Ou tens medo de enfrentar a verdade? Anda, revela-nos quem são os opressores!

— São os falsos cavaleiros, os que traíram o seu juramento.

—Não procures desculpar-te, pobre de ti... Confessa que para haver cavalaria é preciso matar os cavaleiros. E confessa também que para fazeres o teu papel de defensor dos fracos necessitas de maus cavaleiros; que sem estes nem existirias?... Não será verdade? Se te calas é porque consentes e és honesto bastante para saberes que a verdade anda ao de cima de água como o azeite. Queres que te lembre os mistérios da tua infancia?

—Que mistérios, senhor? — e Lançarote sentiu um guante de gelo cingir-lhe o pescoço.

O velho fitou-o com ar apiedado, mirou, á esquerda e á direita, os companheiros e acabou por dizer:

CAVALEIRO QUER DIZER FIDALGO, OU ESTAREI ENGANADO?

-se de qualquer indício que lhe explicasse a sua estadia ali naquela tarimba de palha humida, com um pesado grilhão no artelho direito. Levantou-se com dificuldade. Todo o corpo lhe doia como se houvesse terçado dez batalhas seguidas; e no entanto não lhe vinha á idéia qualquer combate que justificasse a sua prisão.

Combate? Deveria chamar-se combate á chusma de pedras com que os camponeses lhe tinham amolgado a armadura? Ele nem reagira. Limitara-se a erguer o braço em sinal de paz.

Lançarote lembra-se de que os camponeses haviam reconhecido o seu engano. Outros pormenores lhe acodem agora á memória: até se recorda nitidamente como fora pensado em todas as suas feridas, como lhe deram de beber e de comer... Mas depois? Que lhe tinha acontecido depois? Não sabia. Era como se tivesse caido num buraco escuro. Ia a fazer um movimento para se apoiar á parede com ambas as mãos e desta forma rodar em torno da cela até encontrar uma porta, quando, de longe, lhe chegou o ruido metálico de passos. Instintivamente levou a mão á espada, mas estava desarmado. Cruzou, então, os braços e aguardou, resignado, todas as provações que ainda lhe pudessem suceder.

O ruido foi crescendo e já Lançarote distinguia as passadas de vários homens. Aos poucos as trevas foram amolecendo com a luz bailadeira duns archotes e, de subito, Lançarote teve de cerrar com força os olhos tão insuportável lhe pareceu a claridade. Quando os abriu avistou vários homens que o fitavam através dumas grades. Um deles abriu o portão de ferro e logo dois soldados irromperam, de espada em riste. Libertaram-no do grilhão, empurraram-no

ocupados por camponeses. Parou estupefacto. Nessa altura, inclinando-se para a frente, o velho disse:

— E' verdade que tardou, mas vais finalmente ser julgado.

— Ser julgado, eu?

— Sim, tu! Julgas-te alguém superior á verdade e á justiça?

— Estais enganado, pela certa, senhor. Acaso não sabereis que me chamo Lançarote do Lago e que sou um cavaleiro da Távola Redonda?

— Redonda ou quadrada tanto nos faz — retorquiu o velho. Tudo vem a dar no mesmo. Olha para as minhas mãos! Têm calos. Vês bem? Sabes de que são? São da enxada ou do arado, alfaias de paz. Olha agora para as tuas mãos. Repara se os teus calos são iguais aos meus. Hum? Quem faz da espada instrumento de trabalho jurou viver para matar. Que tens feito até hoje? Nunca te lembraste de contar os assassínios que fizeste desde o dia em que te armaram cavaleiro, nesse triste ofício de destruir?

— Deixai que me defenda, senhor!

—Achas que tens defesa? Se tens defesa, fala! Nós, os camponeses, julgamos com a justiça e não com a espada.

—Senhor, eu tenho levado a vida a defender, como cavaleiro, os pobres e os oprimidos.

— Cavaleiro quer dizer fidalgo, ou estarei enganado?

— Quer, sim, meu senhor.

—E há algum fidalgo que não seja cavaleiro?

— De certo que não há, senhor. Mas não percebo...

— Tens tempo, cavaleiro. Ainda me não disseste contra quem defendes tu os pobres e os oprimidos? Quem são os tiranos, os opressores? E' entre nós,

—A cavalaria é uma maldição que te acompanha desde o berço. Não é uma bênção, repara: é uma maldição... Eras tu menino de mama quando o castelo de teu pai, o rei Bam, foi cercado por Cláudio, outro rei, seu vizinho e inimigo. Vinha acompanhado de um grande exército, negro como um enxame. Durante meses e meses teu pai enfrentou valentemente os seus inimigos, mas no castelo já não havia côdea que se comesse. Embora com a morte no coração, teu pai mandou um mensageiro a Cláudio, oferecendo-lhe a rendição do castelo e a entrega do seu reino caso o deixasse sair a salvo com a mulher, e filho pequenino, que eras tu, e um fiel criado. Iria acolher-se á corte do rei Artur. Cláudio disse que sim e logo se aprontaram dois cavalos: um para teu pai e tua mãe, outro para o criado que te levava ao colo. Assim, por causa da cavalaria, deixaste tu o castelo onde nasceste. Quando já iam muito longe, no fundo de um vale, teu pai não quis continuar caminho sem ver mais uma vez o querido castelo que já fora dos avós dos seus avós. Tua mãe ficou sentada á sombra de um chorão, junto de um lago, enquanto teu pai subia com o criado até ao alto de uma montanha. O que viu fê-lo abrir os braços para o céu: Cláudio mandara deitar fogo ao castelo. Foi tão grande o desgosto que logo caiu morto.

Muito esperou a tua mãe e, vendo-te a dormir profundamente, aninhou-te num leito de folhas secas e aventurou-se a saber novas de teu pai. Já ia distante quando ouviu um tropel de cavalos, voltou-se para trás e viu que um cavaleiro negro, acompanhado de um magote de soldados, também a cavalo, te levava na garupa. A pobre senhora deu um grito medonho e em vão deitou a correr atrás dos teus raptores.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Não podemos dizer que o bico das aves seja o nariz de que elas se servem para assoar-se. Mas dizemos muitas vezes: «aquela senhora ou aquela menina tem um nariz que parece um bico de papagaio...», e isto convence-nos que o bico das aves é o nariz. É muito mais do que isso: É um instrumento de trabalho.

Sem bico, elas não poderiam agarrar os alimentos porque não têm mãos para esse fim; não poderiam cortar, porque não possuem dentes para tal ou lábios resistentes. E como apanhariam os grãos de que se alimentam algumas delas? E quando constroem o ninho e têm de transportar para lá os materiais para fazer um bom colchão de musgo e penas, como conseguiriam? E se a Flosa costureira não tivesse bico, poderia acaso «coser» as folhas que irão servir de berço aos pequeninos?

Não, nada disto seria possível, a não ser que a Natureza tivesse feito os pássaros diferentes do que são.

Alguns bicos são aguçados como furadores de bordadoras, outros são grossos e formam uma bolsa, outros funcionam como

A ESPERTEZA DO PICA-PAU

colheres. São duros ou não, conforme o tipo de alimentos de que se servem.

Mas uma finalidade curiosa é a que o Pica-pau dá ao bico aguçado. Querem ver?

Vamos, pé-ante-pé, ver aquele Pica-pau afadigado debicando aquela árvore. Que série de buracos ele já fez. E continua... será que vai deitar a árvore abaixo?

Não, simplesmente, ele anda a apanhar lagartas e outros insectos que se escondem sob a casca rugosa daquele enorme castanheiro. Estão a ver a grande utilidade do bico do Pica-pau?

Mas não é só isso. Ele é um pássaro bem inteligente. Pôs-se a abrir uma série de buracos e parece não apanhar nada. E é verdade, pelo contrário ele está a guardar qualquer coisa. O que será?

Simplesmente a comida para o Inverno. O Pica-pau não é ave de arribação; mas sabe quanto custa a fome negra e o trabalho inutil que representa a busca de comida sob a neve. E que lagartas poderia encontrar sob a neve? Com certeza que nenhumas seriam parvas bastante que se deixassem transformar em sorvete. Então, o nosso previdente passarinho, vai construir um celeiro naquela velha árvore. Para isso abre primeiro muitos buracos no tronco. Em cada um meterá uma lagarta bem fresquinha. E para que não fuja ou seja engolida por outra ave qualquer, ele vai tapar cada buraquinho com uma bolota.

Ali estão os buracos em fila, á espera do Inverno que está á porta. Quando o frio vier e a neve cobrir tudo, o nosso amigo não terá mais trabalho que destapar os orifícios guarda-comidas e encher o papinho...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

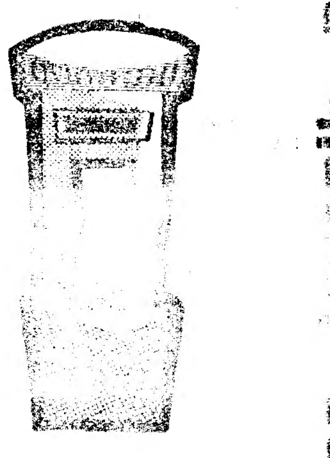
DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1698 — Marília da Trindade Gomes Bento (Reguengos de Monsaraz): A demora no envio do prémio deve-se ás férias da casa editora a que ele pertence. Mas espero enviar-to dentro de poucos dias. Tem um pouco de paciência, sim? Nesta quadra, quem tem a sorte de ter férias estraga a vida aos pobres que por aqui ficam. Mas tudo tivesse tão fácil remédio como este facto que vai ser resolvido a teu contento.

Amigo 1662 — Carl (Lisboa): Recebemos a tua carta. Para o concurso veio atrasada e foi pena, tanto mais que tiveste o trabalho de fazer a biografia de Julio Verne. Toma sentido nas datas.

Amigo 1671 — Luís Barros Salazar (Mirandela): Por favor não escrevas ao mesmo tempo para o Juvenil e Magazine que nada têm um com o outro e causa perturbação no serviço. Já temos pedido isto mais de uma vez, pois o Magazine é para gente« grande». Bem vês, no Juvenil também não aceitamos adultos, portanto, é justo que guardemos a Centenária para quem não pode concorrer aos livros. Não achas? Claro que poderás responder em postal á parte; mas creio que a definição enviada não é tua — felizmente! — e, portanto, a pessoa que a deu é que deveria deixar o anonimato e responder directamente. Aqui fica o aviso.

Amigo 1.707 — Isabel Ferreira Pereira (Lisboa): Não posso deixar de agradecer as tuas belas palavras dedicadas ao «Juvenil»: «Acho o «Juvenil» um jornal sério e com ideal. Percebo que as pessoas que o orientam se dedicam aos jovens e lhes têm amor... A chegada do «Juvenil» é contada entre as coisas boas que me acontecem ao sábado...» e pedes depois para ser amiga. Pois quê, se tu já eras amiga e das que compreendem. Mas assim, o nosso esforço nem chega a ser esforço. Com tal compensação é um prazer. Felizmente, são constantes as cartas em que os jovens nos dizem coisas semelhantes. Mas é-nos sempre grato que elas venham de pessoas que se querem dedicar, escrevendo, para outros jovens. Cá esperamos os teus escritos.



Amigos novos entrados:

1705 — Fernando Augusto de Sa; 1706 — António Manuel de Carvalho (Monsanto); 1707 — Isabel Ferrão Pereira; 1708 — Mário António Vieira de Carvalho; 1709 — Maria Carolina Gomes de Almeida (Mirandela); 1710 — Maria Cecília Correia Esteves (Amadora); 1711 —Ramiro Rodrigues Morgado (Moscavide); 1712 — Maria da Graça Moreira da Silva; 1713 — Carlos Alberto Mártires onçalves.

Intercâmbio

O amigo 223, João J. G. Ventura, de Coimbra, gostaria de corresponder-se com algumas jovens da sua idade, amigas do «Juvenil». O amigo Ventura tem 18 anos e é aluno universitário; com certeza desejaria jovens em idênticas circunstancias.

Do Brasil escreve-nos o jovem Mário de Oliveira desejando correspondência com jovem de 13 a 18 anos, para intercambio cultural. Ele tem 17 aos e é estudante. A sua morada é: Paraíba Palace Hotel, apt. 305, João Pessoa, Paraíba — Brasil.

TROTE

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para [illegible] aos sábados

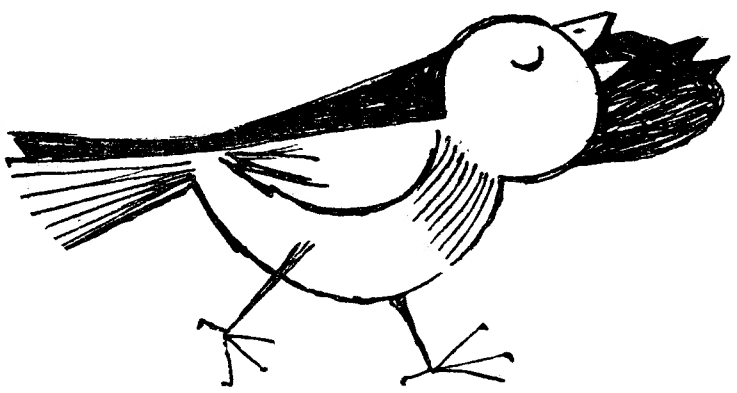
UMA CAIXA DE AGUARELAS

TENHO DE FAZER UMA CAIXA DE AGUARELAS
DE SONHO
QUE UM MENINO POBRE SONHA
E NÃO AS PODE COMPRAR
UM PEQUENO ARTISTA
QUE QUER SONHAR...
VOU FAZÊ-LAS...
...NESTES VERSOS AZUIS, CÔR DO MAR
PRATEADOS POR HAVER LUAR.
LUAR VISTO POR ESTES OLHOS VERDES,
(JÁ SATURADOS DESTA IMENSIDÃO AZUL)
QUE TENHO NA MINHA FRONTE BRANCA
ONDE BRILHA UM SORRISO ALARANJADO,
POR SER AMARELO E OS LÁBIOS ENCARNADOS
AMARELO? PORQUE TENHO PENA
DE SORRISOS A FAZEREM-SE CÔR-DE-ROSA
QUANDO NO FUNDO SÃO DA CÔR DO CHUMBO
SE NÃO SÃO MESMO PRETOS
DESTE MUNDO FINGIDOR
SEM POESIA
SEM A CÔR
QUE FALTA A ESTES VERSOS
UMA CÔR TRANSPARENTE
SEM NOME
QUE ESTÁ NO ARCO-IRIS DA MINHA IMAGINAÇÃO
E QUE AFINAL NÃO É CÔR NENHUMA
MAS A CÔR ESSENCIAL
DESTA CAIXA D'AGUARELAS
FEITAS POR MIM AO LUAR
PARA AQUELE MENINO POBRE
PARA AQUELE PEQUENO ARTISTA SONHADOR.

Por **MARIA LEONARDA DE CARVALHO BRANCO** — AMIGO N.º 1657 (14 ANOS)

UM PARDAL MEDROSO

Por JOSÉ GUERREIRO COELHO PENCAVINHA (13 anos)



Havia um pardal que á força de cuidados e cautelas muitas vezes evitara a morte. Sempre de ouvido á escuta e de olho alerta, punha-se ao largo, sempre a tempo, para escapar á unha adunca do gato ou á chumbada mortifera do caçador. O pardal porém, não tem a temer só estes inimigos.

Muitas vezes tinha visto o nosso protagonista alguns dos seus irmãos, atraidos pelo engodo de pedacitos de broa ou de baguitos de trigo ou doutro cereal, serem presa de redes malditas ou de ratoeiras horriveis, traiçoeiramente disfarçadas sob o pó da estrada ou da eira.

A prudência e a cautela do nosso desconfiado pardal aumentava de cada vez que era testemunha das desgraças sucedidas a seus irmãos. Agora, que já tanto tinha visto e aprendido, esperava não cair jamais em nenhuma destas terriveis armadilhas. Quando se lhe deparava na eira ou na estrada qualquer pedacito de pão tentador ou apeteciveis grãozitos de trigo, punha-se logo ao largo para longe do perigo, examinar minuciosamente se ali haveria rede ou ratoeira em que pudesse perder a vida. Enquanto o nosso pardal assim procedia, lá aparecia outro mais afoito que, sem essas cautelas, se chegava ao biscato, e tomando-o com o bico, com ele fugia para, em sossego, o ir saboreando. Uma e muitas vezes sucedeu isto ao cauto pardalinho, até que a falta de alimento o enfraqueceu, tirando-lhe a energia das asas e a faculdade da vista e do ouvido.

Um dia, um bando de pardais rabiscava no chão de uma eira á procura dalgum grãozito.

Surge um caçador, e o bando levanta voo rápido e foge espavorido. Ouve-se um tiro, e cai morto um só pardal. Este, que por fraqueza não acompanhara os outros no voo, e fora atingido pela chumbada, era o tal pardal demasiado prudente e cauteloso. A sua cautela exagerada tinha-o feito passar muitas privações, e fora a causa da sua morte.

AMIGO N.º 1524

Muita atenção

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados á Avenida de Roma, 78, 2.º,

BIBLIOGRAFIAS

Muitas vezes os nossos amigos querem adquirir livros, mas não sabem o que comprar, quer se trate de obras científicas, ou de divulgações, ou romances, poesias, contos, etc.

Na maioria dos casos os nossos amigos não sabem quais os ultimos livros publicados.

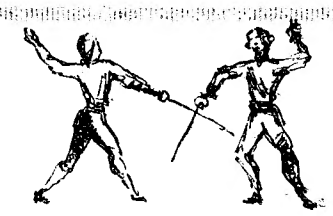
Ora todas estas informações lhe podem ser prestadas na

Guilda dos Jovens

Avenida de Roma, 78, 2.º, Esq.º

Além de uma resposta gratuita aos seus pedidos de informações sobre livros, os Amigos do «Juvenil» terão um desconto nos livros que adquirirem na Guilda dos Jovens.

Enviam-se livros pelo correio, sem mais despesas.



GRANDES OBRAS PARA A JUVENTUDE

ÚLTIMAS NOVIDADES!

O CAPITÃO FRACASSE
por
Théophile Gautier

*

TOM BROWN NA ESCOLA
por
Thomas Hughes

*

PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13-3.º — Lisboa

QUAL É COISA QUAL É ELA?

Eis mais outra adivinha do rico manancial do nosso povo, que tirámos do livro «Qual é coisa, qual é ela?», da autoria de Fernando Pires de Lima e publicado pela Portugália Editora:

Sou muda por natureza,
Mas tal dom tenho comigo,
Que, calada, tudo digo:
Dou gosto e dou tristeza;
Porém sou tão desgraçada
Que feneço espedaçada
E em vivo fogo expiro.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 11 de Setembro, SEXTA-FEIRA, acompanhadas do nome completo, data de nascimento e numero de ficheiro (caso já o tenham), bem como da indicação dos 3 artigos que mais lhe agradaram esta semana.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO NUMERO ANTERIOR: I — GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE: Almeida Garrett; II — QUAL É COISA, QUAL É ELA? — A letra A

VENCEDORES

1.—1495 — Jorge da Silva Santana (Loulé).

2.—1237 — João Fernando Santos Mendes (Estoril).

3.—1038 — Maria Helena Leote Cavaco (Lisboa).

4.—1681 — Francisco Manuel do Couto (Lisboa).

5.—1669 — Maria Julieta Guimarães (Lisboa).

6.—1651 — Vitor Manuel Dias Alves (Ribaldeira).

7.—1662 — Tiago Rui de Meneses Bettencourt (Porto).

8.—1710 — Maria Cecília Esteves (Amadora).

9.—1708 — Mário António Vieira de Carvalho (Lisboa).

PRÉMIOS

1.—«O ABC POLICIAL», de Publicações Europa-América.

2.—«O HOMEM NU», da Editora Arcádia.

3.—«UMA NEGRINHA A' PROCURA DE DEUS», colec. Miniatura (Livros do Brasil).

4 a 6.—«CLAMOR NA SOLIDÃO», ultimo volume da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

7 a 9.—«RATOS E HOMENS», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE ALMEIDA GARRETT

10.—81 — Maria Luísa Chaves Dias (Lisboa).

10.—«VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC», por Defourneaux, de Livros do Brasil, Lda.; «RATOS E HOMENS», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Lda.

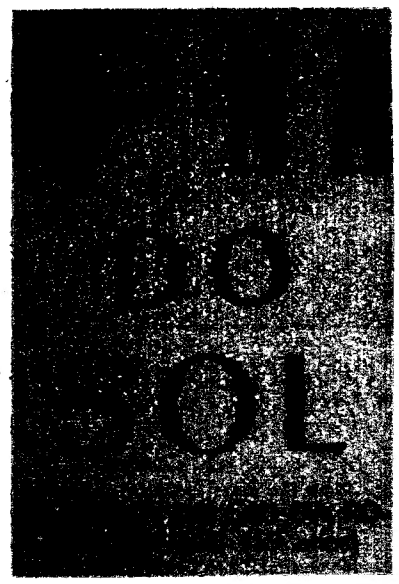
PRÉMIO PARA A MELHOR TRADUÇÃO DE «A TERRA», DE VICTOR HUGO

Amigo 362 — José Augusto de Moura Pimenta (Queluz) — «A VIDA DE VICTOR HUGO», por André Maurois, de Livros do Brasil, colec. «Dois Mundos».

Todos os prémios podem ser levantados na Av.ª de Roma, 78, 2.º, Esq., em Lisboa, todos os dias uteis, das 9 ás 12 e das 15 ás 18. Os prémios para a Província seguirão pelo correio.

Pedimos a todos os Amigos que estão de férias, o favor de nos indicarem o facto, a fim de guardarmos os prémios até Outubro.

ATENÇÃO!!! *Os prémios que não sejam levantados após um mês a sua publicação, reverterão para novos premiados. Este facto deve-se a termos em nosso poder, livros que sairam há mais de um ano. Os prémios perdem, muita vez, deste modo, a sua actualidade, além de se estragarem. Muita atenção ao prazo para entrega dos prémios.*



O SOL

O nascer do Sol infunde-nos sensações indefiníveis e esperanças mil. Ele é para nós a promessa mais desejada, a mais eloquente de um bom dia.

No campo, o primeiro sinal do romper da aurora é o canto do galo, o relógio do camponês.

As casitas, envoltas ainda na penumbra em que a noite as deixou, começam a acordar, lentamente. Aqui, abre-se uma janela; mais além, uma porta, em seguida sai uma mulher, de tranças caídas, com ar sonolento, espreitando o dia que nasce. E ele todo se envaidece pelas boas vindas que aqui e além lhe desejam.

O astro-rei vai subindo no horizonte.

O que ainda há pouco nos parecia morto, mostra-se-nos agora garrido, luminoso e alegre. As casas, cuja brancura suscitava duvidas, aparecem em todo o esplendor da neve imaculada. Então, das chaminés, eleva-se, para os céus, pequena nuvem de fumo que se vai desfazendo á medida que o lume se ateia.

Pela estrada e pelos atalhos, caminham já, de enxada e sacola ao ombro, os que mais longe regam a terra com o suor do seu rosto.

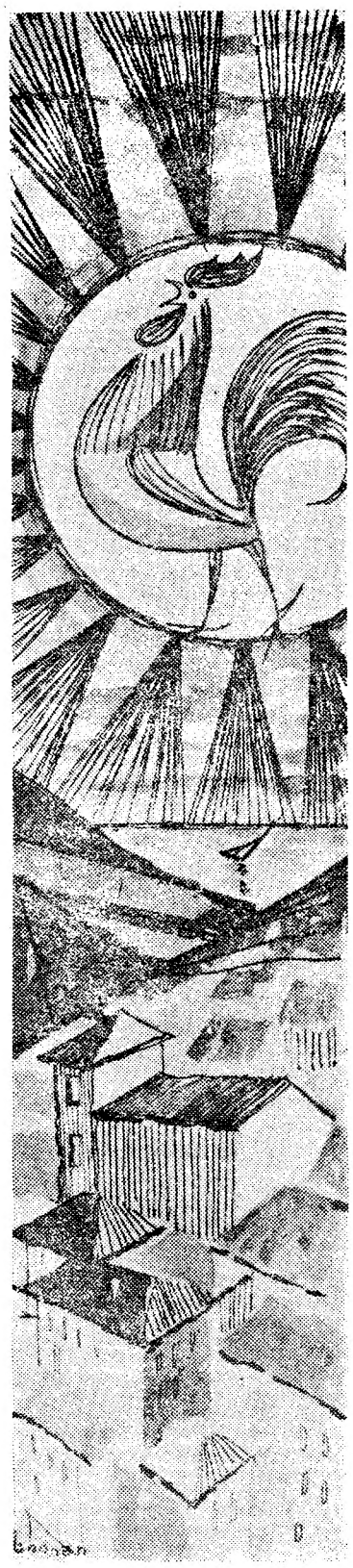
O que foi alegria durante o nascer do Sol, transforma-se em tristeza, quando este desaparece no horizonte.

Não sei se será mais belo o pôr-do-sol no campo ou na praia. Aqui o mar serve-lhe de espelho. As águas vão escurecendo á medida que o Sol baixa no Céu. As ondas elevam-se mais, parecendo querê-lo deter mais tempo, beijando-as com os seus raios dourados; mas ele, altivo, indiferente a quanto o rodeia, procura outras paragens. E o mar brame, geme tremente de frio e o seu lamento ecoa pelos montes durante a noite.

No campo, o cenário muda. Agora não são as ondas que suplicam a presença da estrela criadora; são as ramadas das árvores que murmuram queixumes; são os troncos tenros que se apertam mais uns contra os outros para evitar o frio que os invade. Os vários tons de verde tomam aspecto mais escuro á falta de luz. Pouco tempo volvido, tudo permanecerá envolto no manto negro da noite. Então, calam-se as árvores, embalam-se os tronquitos tenros, os riachos correm silenciosamente, já não se ouve o seu cantar argentino. Tudo está cercado de silêncio e paz.

Mas o Sol continua á sua marcha sobre a Terra.

Ele nunca se esquece do seu trabalho, ele nunca dorme, porque tem um dever a cumprir!



Se nós o tomássemos por modelo, se trabalhássemos com os olhos em si, nunca sentiriamos medo e o nosso trabalho seria o mais perfeito de todos!

Livros de Bolso

Acaba de sair na colecção ARGONAUTA (volume n.º 53) um romance

A MORTE DA TERRA

da autoria dum nome ilustre das letras francesas

J. H. Rosny Aîné

Não é, de facto, o primeiro escritor de renome que se interessa pela hoje chamada ficção científica. O mesmo sucedeu com romancistas da estatura de Karel Kapec, Alexei Tolstoi, etc., etc.

Assinalando o aparecimento do romance de J. Rosny Ainé, chamamos a atenção dos nossos leitores para a colecção ARGONAUTA que reune nomes dos maiores continuadores de Julio Verne.

Livros do Brasil

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

«Juvenil» é um jornal unico no género e uma iniciativa interessante e simpática. Se até á data não tenho colaborado, o caso deveu-se a motivos de doença e, ultimamente, por falta de trabalho.

... ...

Aprecio muito a secção do «Juvenil» — «A Conversa da Semana», porque tem contribuido para tornar cada vez melhor o nosso jornal. Para ela envio estas sugestões:

1 — A publicação de artigos sobre vários ramos da ciência (medicina, astronomia, física, etc.).

2 — Contos de ficção científica, tão do agrado de grande numero de jovens.

3 — Uma secção de grafologia.

4 — A publicação dum artigo do mesmo género da «História e Pré-História do Sabão», que foi um dos mais interessantes e instrutivos até hoje publicados pelo «Juvenil».

Confesso que, enquanto durou a sua publicação, ansiava sempre pelo sábado para o ler.

Uma das secções que também aprecio muito no «Juvenil» é «O que pensam os jovens» e dou a Trote os meus sinceros parabens pela iniciativa».

Obrigado, Maria Cristina. Agora esperamos que seja assídua a tua colaboração. O «Juvenil» será tanto melhor quanto o quiserem os seus amigos.

3 OS ARTIGOS PREFERIDOS

De hoje em diante publicaremos todas as semanas os votos que obtiveram os artigos de mais agrado, no «Juvenil». Eis a votação relativa ao n.º 120:

1.º	«A mãe», por Vítor Soutelinho	190
2.º	«Um dia de férias», por Joaquim Leitão da Silva	170
3.º	«O velho da esquina», por Jorge Horta	150
4.º	«Entrevista», por Francisco Fernandes	140
5.º	«Animais, esses desconhecidos», por Maria Helena da Costa Dias	120
6.º	«Cavaleiros da Távola Redonda»	100
7.º	«O papel a desempenhar pela cidade», por Joel Hasse Ferreira; «Produção, Comunicação, Progresso», por José Carlos de Morais, ambos com	80
9.º	«Auto-crítica sincera»	40

O MAR

Por MARIA EDUARDA COLLARES (15 anos)

Quem é que nunca contemplou o vai-vem das suas águas calmas como que obedecendo a uma nereide bela e ociosa que procure distracção?

Quem é que nunca sentiu pulsar, mais rápidamente, dentro de si, qualquer coisa quando, ao ver um barco afastar-se pense que talvez aquele gigante o usurpe, o engula, para constituir mais um dos seus inumeros mistérios? Quem é que nunca sentiu a ambição de desvendar os seus segredos, de tomar contacto com o mais íntimo da sua alma, despertar o lendário Nereu e incitar á luta o temível Posidou?

Quem é que nunca sentiu temor e respeito ao ver as suas ondas subindo para depois se quebrarem desesperadamente contra as rochas e, ao vê-lo rugindo raivoso e cuspindo para o infinito brancos flocos de espuma imaculada como se os quizesse juntar com o imaculado das nuvens? Quem é que nunca sentiu a sua beleza e o mágico sentimento que ele desperta em nós, pobres mortais?

Esse alguém é insensível, esse alguém não tem coração, ou tem-no tão duro que não pode amar a mais bela obra da Natureza.

Amigo n.º 1.639

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

de tal determinismo que o homem faz as suas tentativas para se tornar livre.

O José Carlos compromete, porém, esta idéia ao garantir que um indivíduo é determinado na escolha de uma gravata pelo determinismo social. A compra de uma gravata é, em certa escala, determinada por razões não individuais, que pertencem portanto ao meio ambiente social; mas quatro irmãos pertencentes á mesma classe social, com as mesma ideologia possuem gostos diferentes, escolhem gravatas diferentes. Que dignifica este facto? Que, simultaneamente, o homem e o meio reagem entre si e por isso as acções e reacções são de extrema diversidade e não obedecem a um unico padrão.

Um problema de alta importancia que José Carlos Morais aflora, mas confusamente, é o das relações da liberdade com a necessidade. O nosso amigo afirma que a liberdade se opõe a necessidade. Qual o defeito deste raciocínio? O pôr como «categorias metafisicamente isoladas» a liberdade e a necessidade. Ora elas estão em intima relação, de tal forma intima que, como disse o velho filósofo idealista Hegel, «a liberdade é intelecção da necessidade», ou, por outras palavras (Enciclopédia de Hegel, Tomo I): «A necessidade só é cega na medida em que não é compreendida».

Por todos estes rápidos comentários se verifica o grande interesse do artigo do José Carlos Junça de Morais, interesse que se adensa ao recordarmos que este nosso jovem colaborador tem apenas 15 anos. Felicitamos o nosso amigo pela capacidade de trabalho, amor ao estudo e a marcada tendência que revela para uma actividade intelectual séria e profunda.

Se encerramos aqui os nossos comentários é porque, por ora, nos parece de muito maior interesse dar o lugar ás críticas e comentários dos nossos jovens leitores sobre o pequeno ensaio do Amigo n.º 338.

A HISTÓRIA DO TEU AUTOMÓVEL

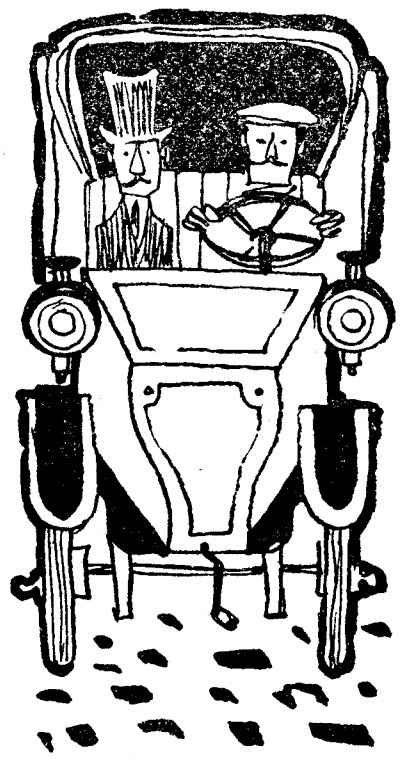
Por ANTÓNIO VALÉRIO RAMIRES — 17 ANOS — AMIGO NUMERO 1273

Já pensaste como foi inventado o automóvel? Não? Pois se não o sabes eu te direi como ele chegou aos nossos dias tão perfeito, tão potente e tão util.

Recuemos cerca de 5 séculos...

Foi em 1472 que Roberto Valturio teve a ideia de construir um carro capaz de andar sem ser puxado por animais. Pôs-se ao trabalho, mas, não encontrando qualquer força motriz, ele recorreu ao vento. Colocou umas hélices no seu carro que com uma rajada de vento forte faria deslocar as rodas e assim poderia andar. A sua ideia foi infeliz, pois sendo o carro muito pesado e não havendo vento, ficou este parado ao sol!

A sua ideia, no entanto, foi aceita por todo o Mundo e todos se consagraram ao ambicionado projecto de construir o «famoso carro que se desloca só». O mais difícil consistia em encontrar uma fonte de energia capaz de fazer funcionar o veículo. E eis que em 1615 o francês Saloman de Caus apresentou a força do vapor como elemento motor e previu aplicações futuras. Denis Papin e Isaac Newton efectuaram algumas experiências bem sucedidas. Foi Newton o precursor do motor de reacção, porque foi ele



que construiu um modelo reduzido onde o vapor saía com violência da chaminé, fazendo, deste modo, impelir o veículo.

Contudo, foi o francês Nicolas Joseph Cugnot que construiu um carro accionado pelo vapor, em 1769. No entanto, havia o inconveniente de o carro parar todos os quartos de hora para se colocar na caldeira nova fonte de energia. Este carro foi aperfeiçoado pelo inglês Watt, em 1784. Na Inglaterra foram fixadas leis que impediam o progresso do automóvel. Fechadas todas as entraves chegou-se, finalmente, á grande descoberta na história do automóvel: o motor de explosão!

Foi o tempo do pai do automobilismo moderno — Gottlieb Daimler — que em 1887, depôs um diploma para o seu primeiro motor em entidade.

A partir deste instante, a locomoção mecanica parte á conquista do Mundo e o motor afirma-se em toda a parte.

André Citroen, na França, foi o primeiro a construir o automóvel em série. Seguiu-se Henry Ford, na América, e muitos outros.

Mas a história do automóvel não termina aqui, ela segue e seguirá ainda; todos os anos aparecem novos modelos de automóveis, novas invenções automobilisticas.

E pronto!, creio que já ficaste a saber a história do automóvel, do teu automóvel.